

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

TELRY SHODYI NAKAMURA

Violência e Trauma na Mídia à Luz da Teoria da Sedução Generalizada (TSG): o  
caso Isabella Nardoni

Maringá  
2014

TELRÝ SHODYI NAKAMURA

Violência e Trauma na Mídia à Luz da Teoria da Sedução Generalizada (TSG): o caso Isabella Nardoni

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto

Maringá  
2014

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)**

N163v Nakamura, Telry Shodyi  
Violência e Trauma na Mídia à Luz da Teoria da  
Sedução Generalizada (TSG): o caso Isabella Nardoni  
/ Telry Shodyi Nakamura. -- Maringá, 2014.  
140 f.

Orientador : Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello  
Neto.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Departamento de Psicologia, Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia, 2014.

1. Psicanálise - Caso Isabella Nardoni. 2. Trauma  
Psíquico - Violência na Mídia - Caso Isabella  
Nardoni. 3. Psicanálise - Teoria da sedução  
generalizada (TSG) - Caso Isabella Nardoni. I. Mello  
Neto, Gustavo Adolfo Ramos . II. Universidade  
Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas,  
Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia.III. Título.

CDD 21.ed.150.195

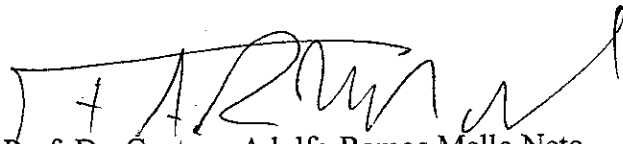
Zss-2079

TELRÝ SHODYI NAKAMURA

Violência e Trauma na Mídia à Luz da Teoria da Sedução Generalizada  
(TSG): o caso Isabella Nardoni

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto  
DPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof.ª Dr.ª Viviana Carola Velasco Martínez  
DPI/Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Fernando Cezar Bezerra de Andrade  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Aprovado em: 26 de maio de 2014.

Local da defesa: Sala 06 do bloco 118 – sala de vídeo do Departamento de Psicologia – Campus da UEM.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que contribuíram para sua realização e principalmente aos meus jovens pacientes, que me motivam a sempre aprender mais.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pela vida, por terem feito tudo o que puderam por mim, e por terem me ensinado a sempre tentar “fazer bem feito”, para não ter que fazer de novo, segundo minha mãe.

Ao meu amor, Gildete Creveli Borsatto, pelo incentivo para os estudos, pelo apoio, pela paciência e por ter suportado por longos meses a minha ausência em decorrência da pesquisa.

Ao orientador desta pesquisa, professor Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, em especial, por ter acreditado ser possível iniciar este trabalho, por ter se dedicado ao ofício de ensinar mesmo enfrentando dificuldades pessoais, e por ter fornecido orientações e ensinamentos preciosos em psicanálise, tanto em grupo nas reuniões do Laboratório, quanto individuais, que foram decisivos para o desenvolvimento desta pesquisa.

A professora de muitos talentos, Dra. Viviana Carola Velasco Martinez, que coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização com grande profissionalismo, e que tão generosamente nos ensina psicanálise e o valor do rigor científico.

Ao professor Dr. Fernando César Bezerra de Andrade, por ter aceitado participar tanto da qualificação quanto da banca de defesa desta pesquisa, e pela dedicada e profunda contribuição para o desenvolvimento do trabalho, com apontamentos e sugestões que iluminaram o caminho da dissertação.

Aos professores do Mestrado em Psicologia da UEM, por ensinarem como pesquisar e incentivarem a fazer o melhor com a oportunidade que nos foi dada. Agradeço especialmente a professora Dra. Sonia Mari Shima Barroco, ao professor Dr. Paulo José da Costa e ao professor Dr. Eduardo Augusto Tomanik.

Aos companheiros de mestrado e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização: aos antigos, por nos “puxarem” por parte do caminho, pelo exemplo; aos novos, por nos “empurrarem” pelo resto do percurso, pelo entusiasmo. Um agradecimento especial aos companheiros de primeira hora, Renan Martimiano Vieira, Rogério de Melo Thaddeu e Fúlvio César Casemiro, pelo incentivo e trocas de ideias, que fizeram com que a caminhada fosse menos solitária.

Aos amigos e mestres Maurício Cardoso da Silva Junior e Marcos Leandro Klipan, pelo incentivo, pelas dicas preciosas e as horas de conversa sobre a pesquisa e sobre tantas outras coisas.

À psicóloga Fátima Colli Pavan, por me acompanhar em tantos momentos e por me apoiar nas horas mais difíceis.

Aos colegas de trabalho que, na minha ausência para os estudos, ajudaram-me fazendo o que fosse necessário.

Aos amigos Ricardo Peres da Costa e Maria Nilvane Zanella, pela ajuda no começo da pesquisa, pela amizade e pelo carinho de sempre.

Aos diretores do Cense e outras coordenações da Secretaria da Família e do Desenvolvimento Social (SEDS), que compreenderam a importância do aperfeiçoamento educacional.

A Tânia Regina Casparelo, secretária do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UEM, pela eficiência e seriedade no trabalho que cumpre diariamente.

## **Datena da raça**

Eu quero ser o Datena da raça  
O poeta da dor  
O cantor da desgraça do mundo

A miséria grita  
A miséria dança  
A miséria canta  
A miséria é pop

Tanta dor na vida  
Da dor se duvida  
O sangue a ferida  
É que dão ibope.

Zeca Baleiro



## Violência e Trauma na Mídia à Luz da Teoria da Sedução Generalizada (TSG): o caso Isabella Nardoni

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a exposição da violência pela mídia à luz da Teoria da Sedução Generalizada (TSG), iniciado por Jean Laplanche. Estamos interessados, por um lado, mais especificamente na narrativa feita pela mídia daquelas situações de violência traumática ou potencialmente traumática. Fazendo um paralelo com a narrativa de testemunho, que descreve de maneira pessoal a vivência de uma situação traumática, o nosso interesse gira em torno do testemunho formulado pela mídia sobre um incidente traumático, ou seja, perguntamos como os meios de comunicação organizam os relatos, as memórias, os discursos, as imagens, as cenas, as interpretações não de uma única, mas de várias pessoas, sendo possível incluir o discurso daqueles que vivenciaram a situação traumática, bem como de leigos ou especialistas que puderam ser incluídos na construção de uma narrativa testemunhal midiática. Por outro lado, também buscamos compreender por que a violência exposta pela mídia ganha a atenção do espectador, quer dizer, por que esse espectador aprecia a exposição da violência pela mídia. Para alcançarmos os objetivos desta pesquisa, selecionamos um caso de violência exposta pela mídia que causou grande repercussão no Brasil, o caso de assassinato da menina Isabella Nardoni, com o qual tivemos contato a partir de vídeos acessados pela internet, revistas e livros. Para a análise do material em questão recorreremos à psicanálise como fundamento. As hipóteses adotadas foram: a narrativa da violência deve perder o caráter chocante do trauma para ser exposta pela mídia, que utiliza de explicações simplificadas para tanto; a mídia utiliza-se da exposição da violência como estratégia de sedução dos espectadores, uma vez que a violência é sempre sexual, segundo o que diz Laplanche em entrevista concedida à psicanalista Marta Cardoso (2004); por outro lado supomos que os espectadores estão interessados pela violência na mídia para além de uma posição sadomasoquista, motivados a revisitar fantasias originárias como a cena originária, a castração e a sedução (da Situação Antropológica Fundamental – SAF); por fim, supomos que a mídia, ao apresentar a violência, assume a função de ajudar a elaborar excessos diários dos espectadores, que só depois teriam um gozo com a violência que ela expõe.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Trauma Psíquico, Violência na Mídia, Teoria da Sedução Generalizada, Caso Nardoni.

## Violence and Trauma in the Media from the perspective of the Theory of General Seduction: the case of Isabella Nardoni

### ABSTRACT

The objective of this study is to analyze how violence is exposed by the media according to the assumptions of the Theory of General Seduction by Jean Laplanche. On one hand, our interest is more particularly the narrative conducted by the media on situations involving traumatic or potentially traumatic violence. Drawn with testimonial narrative, which describes the personal experience of a traumatic situation, our interest what is involved in the testimonial created by the media on a traumatic incident, that is, we question how the media organize reports, memories, speeches, images, scenes, versions from not only a single person, but several subjects. The process can include speeches of those who experienced the traumatic situation and also laity or experts to build a “media-driven testimonial narrative”. On the other hand, we seek to understand why violence exposed by the media holds the audience’s attention, that is, why the audience enjoy violence exposed by the media, especially regarding potentially traumatic cases of violence. To reach our objectives, we selected a case of violence that when exposed by the media caused tremendous repercussion in Brazil: the murder of Isabella Nardoni. We used online videos, magazines and books; the analysis of the material was grounded in psychoanalysis. The hypothesis applied were: the narrative of violence must lose its shocking nature to be exposed by the media followed by simplified explanations; the media use violence exposure as a strategy to seduce the audience since violence is always sexual according to Laplanche in interview given to the psyschoanalyst Marta Cardoso (2004). On the other hand, we suppose that the audience’s interest on the media violence is beyond a sadomasochism position, they are interested in revisiting originating fantasies such as the originating scene, the castration and the seduction (Fundamental Anthropological Situation – FAS). Finally, we suppose that another function is added to media when presenting violence: helping to elaborate everyday traumas for the audience to later feel pleasure with the violence exposed (sadomasochism and others).

**Key words:** Psychoanalysis, Psychic Trauma, Media Violence, Theory of General Seduction, Case of Nardoni

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Do particular ao geral .....	14
Do fundamento à escolha do material para análise .....	16
Visão geral do trabalho.....	20
<u>CAPÍTULO I – VIOLÊNCIA URBANA: TRAUMA E TEORIA DA SEDUÇÃO</u>	
<u>GENERALIZADA (TSG)</u> .....	21
1.1 Violência urbana e trauma.....	21
1.2 TSG e Trauma Originário.....	27
1.3 Trauma por violência urbana x Trauma originário .....	31
<u>CAPÍTULO II – VIOLÊNCIA URBANA NARRADA PELA MÍDIA:</u>	
<u>O INTERESSE DO ESPECTADOR</u> .....	34
2.1 “A notícia como espetáculo” .....	34
2.2 Violência na mídia e psicanálise .....	37
2.3 Busca pela violência na mídia para controle do excesso, externo e interno, da violência e do desamparo e, como prazer .....	41
2.4 O conceito de Cena Originária em Freud.....	44
2.4.1 A Morte de Sardanapalo e a Cena Originária.....	46
2.4.2 Cena Originária na Mídia .....	48
2.5 Castração na Mídia.....	50
2.6 SAF na Mídia .....	51
<u>CAPÍTULO III – A NARRATIVA DE UMA SITUAÇÃO TRAUMÁTICA PELA MÍDIA:</u>	
<u>O CASO ISABELLA</u> .....	55
3.1 Primeiros momentos.....	55
3.2 Primeira semana: de 31 de março a 06 de abril de 2008.....	59
3.3 Segunda semana: de 07 a 13 de abril de 2008.....	64
3.4 Terceira semana: de 14 a 20 de abril de 2008 .....	68
3.5 Quarta semana: de 21 a 27 de abril de 2008.....	72
3.6 Quinta semana: de 28 de abril a 04 de maio de 2008.....	77
3.7 Sexta semana: de 05 a 11 de maio de 2008.....	84
3.8 De 12 de maio de 2008 a 04 de março de 2013 .....	89
3.9 Enfim 2010.....	91
<u>CAPÍTULO IV – DESEJO, GOZO, RECALCAMENTO E TRAUMA</u> .....	96

4.1	Desejo e gozo .....	96
4.2	Busca pelo recalçamento .....	100
4.3	Trauma.....	102
4.4	O Caso Isabella à luz da TSG.....	103
CAPÍTULO V – DO DESLIGAMENTO À HISTORIZAÇÃO .....		107
5.1	Historizar sempre .....	107
5.2	Um caso atípico .....	108
5.3	O Veneno e o Antídoto.....	109
5.4	Historizar .....	110
5.5	(Des) Historizar .....	113
5.6	Justiça x Impunidade .....	115
5.7	Afinal, por quê? .....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....		118
REFERÊNCIAS .....		122
ANEXOS.....		126

## INTRODUÇÃO

A mídia brasileira veicula há muitos anos um tipo de programação cujo assunto principal é a violência. Todos os dias, expõe informações e imagens produzidas a partir da violência do ser humano, advindas de fontes regionais, nacionais e internacionais. O conteúdo desse tipo de exibição chama a atenção pela dramaticidade dos fatos que apresenta: atrocidades provocadas pelas mãos humanas, desastres naturais, guerras, tragédias individuais e coletivas. Das cidades são noticiadas violências de todos os tipos: da violência doméstica à morte no trânsito, do estupro ao homicídio, do roubo ao sequestro, do dano ao patrimônio ao tráfico de drogas, da violência contra a criança à violência contra a mulher e o idoso, da violência física à violência psicológica, violência do Estado, problemas sociais, tortura, descaso público, miséria, preconceitos.

Sabemos que o resultado de cada uma dessas situações de violência em que o ser humano pode ser envolvido, em se tratando de agressão, de injúria, de excesso (físico e psíquico), pode incluir um traumatismo psíquico para aqueles que as vivenciaram. No trauma psíquico há, segundo Freud (1920/1976), um excesso de excitação que o sujeito não consegue ligar plenamente, proveniente de um acontecimento no qual a pessoa é surpreendida e tem sua vida posta em risco, por exemplo, num episódio de estupro, de agressão, de roubo, de sequestro, etc. Após o fim da situação potencialmente excessiva para o psiquismo, e depois de certo período de latência, o sujeito violentado poderá desenvolver alguma patologia. Poderá se ver, então, dominado por sentimentos que fugirão ao seu controle racional, sendo que a qualquer momento haverá a possibilidade de entrar em pânico, pavor, terror, aflição, angústia, ter *flashbacks* revivendo a situação traumática ou, ainda, ter sonhos repetitivos com a mesma situação que lhe causou o trauma, ou seja, desenvolver uma neurose traumática.

Desde algum tempo, segundo alguns autores, como Costa e Silva e Lemgruber (1994), os traumas psíquicos provenientes da violência urbana são mais numerosos que os provenientes de guerras ou desastres naturais. Apesar disso, segundo os mesmos autores, os sujeitos que são vítimas da violência urbana recebem menos atenção e apoio, tanto de fontes privadas, familiares e amigos, quanto de fontes públicas, programas governamentais e ONGs, do que as vítimas de guerras e desastres naturais o que pode contribuir para a maior incidência da manifestação do trauma, ou como eles se referem, do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEP), em vítimas da violência urbana.

No entanto, se as vítimas da violência urbana, por um lado, não têm recebido atenção e apoio de Governos e ONGs, a violência e o trauma que incide sobre elas tem se tornado, de forma geral, o centro das atenções nos meios de comunicação. A mídia, como exposto antes, vem apresentando cada vez mais, ao longo do tempo, , situações de violência, narrando formas de excesso sofridas pelas pessoas, formando então o que consideramos ser uma espécie de narrativa de testemunho midiático. Tal narrativa, ou testemunho, formada por diversas vozes convocadas a se pronunciarem sobre os fatos é, portanto, o objeto de estudo desta pesquisa.

Assim, por um lado perguntamos como a mídia organiza os relatos, as memórias, os discursos, as imagens, as cenas, as interpretações não de uma única, mas de várias pessoas, podendo incluir o discurso daqueles que vivenciaram o fato traumático, bem como de outros, leigos ou especialistas, que puderam ser incluídos na construção do que chamamos de uma narrativa testemunhal midiática. Por outro lado, buscando compor o que consideramos ser a outra face da mesma moeda, visamos compreender porque a violência exposta pela mídia ganha a atenção do espectador, ou seja, por que o espectador apreciaria não só a informação de um fato violento, como também sua narrativa, o desenrolar dos fatos, as consequências, principalmente em relação àqueles casos de violência potencialmente traumáticos para qualquer um que às experimentasse, assim como em relação a violência de forma geral, cada dia mais consumida pelos espectadores em suas residências.

Desta forma, o objetivo geral do texto é analisar essa exposição da violência urbana pela mídia à luz da Teoria da Sedução Generalizada (TSG), inaugurada por Jean Laplanche (1992). Para tentarmos responder as questões levantadas, apoiamo-nos, principalmente, nas ideias de Laplanche (1992) em torno do que ele chamou de Situação Antropológica Fundamental (SAF), tratando-se do encontro essencial e inevitável entre o adulto e o recém-nascido, para que o último possa sobreviver. De acordo com o autor, em tal encontro o ser humano adulto não só forneceria à criança a subsistência física, mas também transmitiria a ela diversas mensagens, entre as quais as que Laplanche (1992) qualifica de enigmáticas, ao mesmo tempo para o adulto e para a criança, por estarem, digamos, parasitadas por elementos inconscientes da sexualidade do adulto. Tais mensagens enigmáticas, em última instância, provocariam na criança a fundação do seu próprio inconsciente, pois a sexualidade vinda do outro adulto sofreria nela o processo de tradução, o que seria o próprio recalçamento primário. Desse processo de tradução resultaria a

divisão do psiquismo, pois de um lado estaria o eu pré-consciente com as traduções e do outro lado o inconsciente propriamente dito, formado pelos restos das mensagens não traduzidas, segundo Laplanche (1992), os objetos-fonte da pulsão, resultado dessa tradução/recalcamento originário. Nas palavras de Laplanche (2003), a TSG resgata, de Freud, “a noção de tradução como motor do recalcamento (p.404)”, pois tal noção, ainda segundo o autor, é mais coerente com uma concepção do homem como um ser de linguagem e comunicação.

A TSG retoma ainda, a teoria da sedução do adulto para com a criança, que Freud propusera em seus primeiros escritos psicanalíticos, mas não de forma focal, perversa ou pedófila, como pensara Freud, mas de forma generalizada, a partir das mensagens inconscientes, portanto, comprometidas com o sexual, que todo adulto transmite a toda criança sem que isso seja proposital ou consciente. Essas mensagens provocam, então, uma sedução generalizada na criança, e não deixam de ser também traumáticas para ela, uma vez que contém a sexualidade do adulto, algo com o que o infante não tem condições de lidar ou elaborar inteiramente, devido aos seus poucos recursos psíquicos. Apesar dessas mensagens vindas do outro serem traumáticas para o psiquismo da criança pelo excesso, elas não levam, na maioria dos casos, à estagnação do psiquismo, pelo contrário, fazem uma exigência de trabalho, levando o pequeno ser a buscar traduzi-las, metaboliza-las, dando forma ao seu próprio psiquismo. Diz Laplanche (2003):

A tradução ou tentativa de tradução tem por função fundar, no aparelho psíquico, um nível pré-consciente. O pré-consciente – essencialmente o eu – corresponde à maneira pela qual o sujeito se constitui, se representa a sua história. A tradução das mensagens do outro adulto é essencialmente uma historização mais ou menos coerente (p.407).

Assim, a TSG figura, pois, como a teoria principal deste trabalho, uma vez que se trata de uma teoria que, como vimos, propõe que o ser humano é em sua essência um tradutor, a princípio do inconsciente do outro que lhe chega por mensagens, e depois de si mesmo, “um ser teorizante, e teorizante de si mesmo, quero dizer que ele teoriza a si mesmo, que ele se autoteoriza, ou então, se esse termo mete muito medo, que ele se auto-simboliza (Laplanche, 1992, p.11)”, e também por conceber o ser humano como um ser que se constitui a partir de traumas, que são causados pela sexualidade do outro, em um momento de grande assimetria neste encontro entre o adulto e a criança. Sendo assim, supomos que a TSG pode ser fundamental quando então buscamos analisar construções discursivas, narrativas, ou seja, traduções sobre os fatos, elaboradas pelos seres

humanos sobre os acontecimentos pelos quais outros seres humanos passam, no caso deste estudo, situações de violência e trauma, narradas pela mídia. Mas recorreremos ao arcabouço teórico da psicanálise, sempre que outros desenvolvimentos teóricos além da TSG puderem iluminar nosso material de análise.

Dito isso, podemos resumir a proposta deste trabalho da seguinte forma: analisar, à luz da TSG, a narrativa pela mídia da violência, traumática em potencial. Para tal análise, selecionamos um caso de assassinato que ganhou grande repercussão no Brasil, ficando conhecido como o caso Isabella Nardoni, o qual será apresentado ainda na introdução deste trabalho. Antes disso, nos deteremos na exposição da justificativa da pesquisa.

### **Do particular ao geral**

Exercemos há mais de sete anos atividade profissional como psicólogo em uma Instituição Estadual que executa políticas referentes à justiça juvenil, mais especificamente medidas socioeducativas de Internação e Internação Provisória de adolescentes em conflito com a lei (ECA, 2012). Tais adolescentes foram apreendidos por haverem cometido atos infracionais como tráfico de drogas, furto, roubo, violência sexual, homicídio, etc. O seu atendimento psicológico é semanal e os temas agressividade e violência urbana são rotineiros no discurso e na vida desses jovens, ainda mais quando chegam à Instituição para cumprirem suas medidas socioeducativas. Nos atendimentos psicológicos por vezes comentam sobre o mundo do crime e sobre outros adolescentes, citando programas policiais e a programação sobre violência, que aqui retratamos, como fonte de informação compartilhada, ou seja, muitos dos adolescentes que são apreendidos se interessam por esse tipo de programação, pois acabam vendo na TV muitas pessoas que conhecem na vida real ou sobre as quais já ouviram falar, amigos e inimigos, sendo que são frequentemente os protagonistas de diversas histórias trágicas. Esses adolescentes atendidos são vistos na TV e também se veem na telinha.

Certa ocasião, ao acompanharmos a Assistente Social da Instituição em visita à família de um adolescente que estava apreendido, fomos surpreendidos com a seguinte oferta: a mãe do adolescente nos perguntou se queríamos ver cenas de um programa policial, que ela havia gravado, do dia em que o filho havia sido preso. O filho foi filmado na delegacia, estava de costas



para a câmera, com as mãos para trás. Perguntamos se ela sabia que o filho havia sido preso justamente naquele dia, para que ela conseguisse gravar o vídeo, no entanto, ela relatou com certa satisfação que, na verdade, era comum eles (a família) gravarem o programa para poder ver depois. Saímos da visita intrigados. Algum tempo depois que o filho dessa família foi liberado de sua internação, foi assassinado por membros de um grupo rival e, mais uma vez, apareceu na programação policial, dessa vez estendido no chão com tiros pelo corpo. Naquele dia nos perguntamos, entre outras coisas, se a família havia gravado aquele último e fatídico programa. Ficou a dúvida, mas, daquele dia em diante, surgiram outras questões como: quem, além de uma família como essa, poderia sentir satisfação em assistir um programa policial, no qual a violência e a morte são sempre os assuntos principais? Essa programação traria algum bem estar para alguém, algum prazer? Este episódio de violência urbana na mídia despertou o nosso interesse e ficou aguardando resposta.

Algum tempo depois, fazendo parte tanto do Mestrado em Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá (PPI/UEM), quanto do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização (LEPPSIC), vinculado ao Departamento de Psicologia (DPI/UEM), foi possível então retomar aquelas questões e vinculá-las ao Projeto de Pesquisa maior intitulado “Trauma atual e teoria da sedução generalizada (2012)”, coordenado pelos professores doutores Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto e Viviana Carola Velasco Martínez, que desenvolvem pesquisas do tipo guarda-chuva e orientam os subprojetos que estão vinculados por afinidade de tema ao projeto por eles coordenado.

Assim, ao nos determos no assunto violência, buscamos vincular o nosso tema acerca da violência urbana na mídia ao tema do projeto guarda-chuva, o trauma e a neurose traumática depois de Freud e a Teoria da Sedução Generalizada (TSG), sendo que, a partir dessa vinculação, formulamos as seguintes questões já anunciadas: como a violência, principalmente a violência potencialmente traumática, é exposta pela mídia e por que ela, a violência, atrairia um público bastante amplo?

Com relação à primeira questão, ou seja, como a mídia narra, expõe, casos de violência, principalmente os potencialmente traumáticos, buscaremos responde-la a partir de uma visão psicanalítica nos capítulos III, IV e V, analisando a exposição do caso Isabella Nardoni, bastante divulgado pela mídia na época em que ocorreu o crime; no entanto, a ideia de espetacularização

da violência na mídia, argumento utilizado por diversos autores não psicanalíticos<sup>1</sup>, é bastante evidente no material a que tivemos acesso e, portanto, já figura como resposta possível para este questionamento. No entanto, podemos ainda perguntar: por que afinal, em termos psíquicos, o espetáculo (no caso um espetáculo trágico e violento) chama a atenção e é interessante ao seu público?

Já com relação à segunda questão, os motivos ligados ao prazer masoquista, sádico, voyeurista, etc., já poderiam responder parte dela, ou seja, o princípio do prazer predispõe o espectador a ser receptivo à violência transmitida na TV, gozando com ela. Porém, aqui ainda levantamos algumas questões: a que masoquismo e a que sadismo, por exemplo, nos referindo? Poderiam ser eles relacionados, em alguns casos, ao sadismo e masoquismo observados na Cena Originária? Ao sadismo e masoquismo supostos na Castração? Ao sadismo e masoquismo, possíveis, na Situação Antropológica Fundamental (SAF)? Mas, de que forma dar-se-iam essas relações? Além disso, por outro lado, buscamos também argumentos no modelo do trauma psíquico, com o intuito de responder a mesma questão, ou seja, por que a violência é atrativa a seu público?

Após esta justificativa, passemos a seguir para a fundamentação metodológica, revelando também como lidamos com o material de trabalho selecionado para a pesquisa.

### **Do fundamento à escolha do material para análise**

Este trabalho tem na pesquisa em psicanálise sua fundamentação metodológica. Psicanálise extramuros, segundo Laplanche (1992), pois visa à compreensão de questões que transcendem o consultório, e que fazem interface com o social como os fenômenos culturais, delimitados nesta pesquisa em torno da violência urbana e das produções midiáticas. Segundo o que nos ensina Laplanche (1992), a psicanálise que se produz extramuros, ou seja, fora do tratamento, não é secundária hoje e não foi desde o seu princípio, principalmente na produção de Freud, como os seus estudos sobre Schreber ou Leonardo, suas reflexões que levaram a temas como os encontrados em Totem e Tabu e Moisés e o Monoteísmo, ou ainda a temas tendo como

---

<sup>1</sup> Ver capítulo II.

objeto de estudo as artes. Ainda segundo Laplanche (1992), o aspecto interpretativo, o teórico (sem fins práticos) e até mesmo ou principalmente o aspecto especulativo constituem a pesquisa extramuros e em torno deles é que se desenvolveu a presente pesquisa.

Apesar da referência extramuros, o estudo que segue não deixa de fazer alusão àquilo que Green (2006) chama de pensamento clínico:

Sustento que existe em psicanálise não somente uma teoria da clínica, mas um pensamento clínico, isto é, um modo original e específico de racionalidade originado da experiência prática. (...) A elaboração pode ser levada a um nível de reflexão relativamente distante da clínica; no entanto, mesmo quando não se faz referência explícita aos pacientes, o pensamento clínico sempre faz pensar neles (Green como citado em Mezan, 2006, p. 238).

A partir desse pensamento clínico, levamos da clínica a escuta analítica sobre o objeto pesquisado, ou seja, escutamos a produção midiática selecionada como se ouvíssemos uma produção na clínica. No entanto, não o fizemos buscando a neutralidade a todo custo diante da programação violenta, mas sim nos colocando enquanto leitores e telespectadores, ou de modo geral espectadores. Mas, a partir desse posicionamento, como nos orienta Green (1994), não se deve analisar o autor daquelas informações, imagens ou mensagens, “mas procurar os resultados do efeito do texto sobre o leitor em potencial. Assim, o analista intérprete assume a posição do crítico que é o interlocutor privilegiado, o mediador entre o leitor e o autor (Green, 1994, p.43)”. Especificamente, no nosso caso, assumimos a posição de espectador privilegiado, buscando ser o mediador, o analista intérprete, assim como Green (1994) indica, entre o telespectador/leitor e a mídia.

Desta forma, como anunciamos anteriormente, recorreremos à análise de um caso específico de violência traumática em potencial para aqueles que a experimentaram na realidade, narrada pela mídia: o assassinato da menina Isabella de Oliveira Nardoni. Tal homicídio ocorreu em 29 de março de 2008, e foi amplamente divulgado pela mídia brasileira, ganhando grande repercussão nacional e até internacional<sup>2</sup>, pois se tratava de uma criança de cinco anos de idade

---

<sup>2</sup> Segundo informações encontradas no endereço eletrônico <http://www.novabrasilfm.com.br/radar/2008-05-15/caso-isabella-ganha-repercussao-na-imprensa-internacional/>, o caso Isabella foi tema de uma crônica intitulada *O sorriso de Isabella assombra o Brasil*, veiculada no site do jornal francês *Le Monde* à época do crime. A crônica buscava explicar porque esse caso, em particular, provocou tamanha comoção popular, em um

que foi estrangulada, segundo a polícia, pela madrasta e jogada do sexto andar de um prédio, pelo pai, após violência física do casal contra ela. O caso contém elementos inquietantes envolvendo uma criança indefesa diante do pai e da madrasta, de quem não é costumeiro esperar tal atitude. Além disso, o casal negou a autoria do crime e relatou outra versão para o fato que, segundo a polícia e os peritos criminais, tinha como objetivo afastar a culpa que desde o princípio pesou sobre eles. O julgamento do casal ocorreu em março de 2010, ou seja, dois anos depois da morte de Isabella, e o tribunal do júri considerou ambos culpados pela morte, sendo que o pai da menina, Alexandre Alves Nardoni, recebeu a princípio a pena de 31 anos, 1 mês e 10 dias de prisão, enquanto Anna Carolina Trotta Peixoto Jatobá, a madrasta, recebeu a pena de 26 anos e 8 meses de prisão pelos seus atos.

Especialistas consultados de diversas áreas, como advogados criminalistas, repórteres, juristas, cientistas políticos, psiquiatras forense, promotores elegeram, a partir de uma enquete da revista *Veja*,<sup>3</sup> o caso Isabella como o mais chocante da história da cidade de São Paulo. Os noticiários na televisão brasileira não cansaram de repetir que o caso de assassinato dessa menina causou grande repercussão e comoção em todo o país sendo um dos casos mais notórios, mais impactantes, mais chocantes da criminalidade brasileira. A população acompanhou o caso tanto pela televisão, rádio, revistas e livros, quanto se deslocando diretamente a locais como o edifício do crime, a casa de parentes dos envolvidos, em frente a delegacias e ao fórum de Santana, principalmente nos cinco dias de julgamento do caso, ocorrido em março de 2010.

Propomo-nos então, nesta pesquisa, analisar a narrativa do caso Isabella Nardoni a partir de duas fontes distintas: 1) vídeos contendo notícias e imagens do caso (mais de 90 vídeos) e 2) material impresso, especialmente revistas e livros. O acesso em relação ao primeiro conjunto de materiais, os vídeos, deu-se a partir da internet. Usamos principalmente os vídeos encontrados no endereço da Rede Globo <http://globo.com/busca/?q=isabella+nardoni&=buscar>, pois a quantidade e qualidade de vídeos encontrados neste endereço nos possibilitou ter acesso ao caso como se acompanhássemos as notícias de forma diária, ou seja, sequencialmente, com pelo

---

país tão violento como o Brasil, onde segundo dados do ministério da saúde a cada 10 horas uma criança/adolescente com menos de 14 anos é assassinada. Para o jornal francês uma das causas da comoção seria o fato do crime ter acontecido em uma família de classe média, “com a qual inúmeros brasileiros podem facilmente se identificar”.

<sup>3</sup> Ver em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/morte-de-isabella-nardoni-crime-sao-paulo?gclid=CJ-385n0sbUCFQWCnQodGkYAOA>

menos uma notícia por dia, nos dois primeiros meses após o assassinato, mas também utilizamos vídeos encontrados no canal *Youtube*, sempre com o descritor *Isabella Nardoni* ou *caso Isabella*, para acessarmos as notícias e imagens do caso desde a época do crime (março de 2008) até dezembro de 2013, data limite para o término da pesquisa. Focamos naqueles vídeos que reproduziram conteúdos sobre o caso contendo trechos de telejornais, por exemplo, o Jornal Nacional (Globo), o Jornal da Globo, o Jornal da Noite (Band), o Jornal do SBT, o Jornal da Record, o Fantástico (Globo), o Bom dia Brasil (Globo), o Domingo Espetacular (Record), mas também utilizamos os vídeos que traziam recortes de programas como Brasil Urgente<sup>4</sup> (Band), Hoje em Dia (Record), Programa Toda Sexta (Band), sempre que veiculassem material sobre o caso Isabella Nardoni. Os vídeos capturados pela internet que foram selecionados para compor o objeto de estudo da pesquisa estão com os endereços eletrônicos em uma lista disponibilizada em anexo ao final do trabalho, organizados por data. Trechos da fala de repórteres ou apresentadores de TV, dos envolvidos no caso como a mãe da menina, o pai e a madrasta, dos advogados de defesa, do promotor do caso, de médicos, psicólogos, juristas e outras pessoas, especialistas ou leigos, sempre que necessário, foram transcritos para o corpo do trabalho. Descrevemos, também, algumas imagens que consideramos interessantes à composição de nossa análise.

Com relação ao outro conjunto de material selecionado, ou seja, o material impresso, foram adquiridas cinco revistas, uma *Época* e quatro revistas *Veja*, uma vez que estampavam em suas capas o caso Isabella. A revista *Época*, datada de 07 de abril de 2008, vem com os seguintes dizeres: “*Nossa Flor tão amada. Nunca vamos entender o porquê?*”. Já a primeira revista *Veja* que trouxe na capa o Caso Isabella, é datada de 09 de abril de 2008, e tem como título: “*O Mal: crianças abandonadas, torturadas e assassinadas. Uma investigação filosófica, psicológica, religiosa e histórica sobre as origens da perversidade humana*”. A segunda revista *Veja* tem data de 23 de abril e estampa na capa a seguinte frase: *Foram eles. “Para a polícia, não há dúvidas sobre a morte de Isabella”*. A terceira revista *Veja* é datada de 26 de novembro de 2008, com o seguinte título: “*200 dias na cadeia – A (boa) vida dos acusados do Caso Isabella*”. A quarta revista *Veja* é datada de 31 de março de 2010, e estampa na capa a frase: “*Condenados! Agora, Isabella pode descansar em paz*”. Além das revistas mencionadas, utilizamos também como

---

<sup>4</sup> No início da pesquisa, tínhamos como proposta analisar o caso Isabella a partir de programas do tipo policial, como o Brasil Urgente, da rede Bandeirantes. No entanto, ao iniciarmos a busca na internet de vídeos desses programas sobre o caso, encontramos poucos vídeos, o que inviabilizou seguirmos por esse caminho. Optamos então, principalmente, pelos vídeos dos telejornais acessados no site da rede Globo.

material para a análise uma peça de teatro, impressa em forma de livro, do autor Lucas Arantes (2012), chamado *Edifício London*, que conta uma história “inspirada” no assassinato de Isabella, e um livro chamado *A prova é a testemunha*, escrita por Ilana Casoy (2010), que relata os cinco dias de julgamento do caso Isabela.

### **Visão geral do trabalho**

Para finalizarmos esta introdução indiquemos então ao leitor que, o que segue, foi estruturado da seguinte forma: o trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo que no primeiro discutimos a relação entre psicanálise, violência urbana, trauma e Teoria da Sedução Generalizada (TSG); no segundo capítulo, apresentamos as contribuições de alguns autores sobre o tema violência nos meios de comunicação, em seguida, ainda no mesmo capítulo, discutimos o interesse do leitor ou telespectador pela violência na mídia e sua relação com elementos inconscientes e, portanto, infantis: partindo da fantasia da Cena Originária, passando pelo fantasma da Castração e chegando à fantasia da Sedução, da Situação Antropológica Fundamental (SAF); no terceiro capítulo, descrevemos o material sobre o caso Isabella, objeto de estudo da pesquisa; no quarto e quinto capítulos apresentamos a análise desse material e encerramos o texto com as considerações finais do trabalho.

## **CAPÍTULO I – VIOLÊNCIA URBANA: TRAUMA E TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA (TSG)**

Apresentamos neste capítulo as contribuições de alguns autores sobre as peculiaridades do trauma em geral e do trauma em decorrência da violência urbana para, em seguida, relacionarmos esses traumas com a ideia de trauma em dois tempos (a posteriori), de Freud, e trauma da mensagem do outro, da Teoria da Sedução Generalizada (TSG), de Jean Laplanche. Alguns pontos da teoria laplancheana foram resumidamente expostos a partir do segundo tópico deste capítulo.

### **1.1 Violência urbana e trauma**

Quando se pensa em trauma psíquico, logo se imagina o ser humano envolvido em grandes desastres naturais (terremoto, *tsunami*), vítima de catástrofes provocadas pela imperícia humana ou por tragédias de causas e falhas não humanas (queda de avião, naufrágio de navio, incêndios em estabelecimentos), ou ainda refêem de situações como guerras civis ou entre nações, ou seja, traumas causados a partir de grandes eventos. No entanto, o nosso interesse neste trabalho gira em torno daqueles traumas psíquicos provocados em decorrência da violência urbana, ou ainda, traumas que, ao mesmo tempo em que estão mais próximos das pessoas no dia a dia, são geralmente menos significativos socialmente ou historicamente, pelo fato de serem individuais.

Freud (1920/1976), no texto “Além do princípio de prazer”, revela que já há muito tempo eram conhecidos e descritos a condição e os sintomas surgidos após graves acidentes mecânicos, tais como indisposição subjetiva, perturbação das capacidades mentais, além dos recorrentes sonhos revivendo a situação traumática. Ainda segundo Freud (1920/1976), tal quadro recebeu o nome de neurose traumática<sup>5</sup>, que surgia então após o sujeito ter passado por uma situação envolvendo o risco de perder a vida, por exemplo, em um acidente ferroviário. Já o trauma apresentado por soldados que regressavam de guerras foi denominado, segundo Freud

---

<sup>5</sup> Segundo Carvalho (2012) o termo “neurose traumática” foi nomeada e descrita pelo neurologista alemão Hermann Openheim no ano de 1889.

(1920/1976) de neurose de guerra, sendo, pelo visto, apenas uma variação da mesma neurose traumática.

Ainda no texto de 1920, Freud indica que no caso das neuroses traumáticas comuns, ou seja, diferenciando das neuroses de guerra, duas características pareciam sobressair. Revela o autor: “primeira, que o ônus principal de sua causação parece repousar sobre o fator da surpresa, do susto, e, segunda, que um ferimento ou dano infligidos simultaneamente operam, via de regra, contra o desenvolvimento de uma neurose (p.23)”.

Bohleber (2007), ao tratar sobre o tema trauma na teoria psicanalítica, afirma que esse modelo freudiano para o trauma é um modelo psicoeconômico. Segundo Bohleber (2007), Freud, em 1895, compreendia a lembrança do trauma como sendo um corpo estranho no psiquismo. Já no texto acima exposto, “Além do princípio de prazer” (1920/1976), o corpo estranho, segundo Bohleber, foi conceituado por Freud como uma quantidade de excitação que, não podendo ser ligada psiquicamente, romperia a barreira de proteção do Eu contra os estímulos externos, desorganizando então o psiquismo e fazendo com que o aparelho psíquico regredisse a uma maneira mais primitiva de reação, instalando-se, portanto, o trauma.

Com relação ao trauma abordado nesta pesquisa, ou seja, proveniente da violência urbana, temos que autores como Costa e Silva e Lemgruber (1994) relacionam a violência urbana ao conceito do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), indicando que o TEPT começou a ser estudado em soldados pós-guerra prosseguindo então o estabelecimento de critérios para identificação do quadro. Após sua sistematização, tais critérios puderam ser ampliados às vítimas de outras situações, como aquelas em decorrência de desastres naturais, tais como terremotos e erupções vulcânicas. Além dessas causas, os autores afirmam que:

Recentemente, as vítimas de outras situações, além da guerra e dos desastres naturais, têm também sido alvo de estudos sobre o TEPT. Vítimas de graves acidentes de automóvel ou de avião, bem como de outras situações agressivas da vida urbana, tal como testemunhar mortes violentas, ser vítima de estupro e de sequestro, compõem um grupo de risco bastante significativo (Costa e Silva e Lemgruber, 1994, p.44).

Ainda, segundo Costa e Silva e Lemgruber (1994), os estudos com vítimas de situações potencialmente traumáticas indicam que a ameaça de morte de forma grotesca aumenta em muito



a incidência do TEPT, tanto para soldados em guerra, nas vítimas de acidentes automobilísticos, vítimas de desastres naturais, e também nas vítimas da violência urbana. Com relação a essa última situação, outros fatores como o isolamento na hora da violência ou ser violentado dentro da própria casa, também contribuem para a ocorrência da TEPT. Além disso, fatores pós-trauma, segundo os autores, como o apoio social (comunitário, familiar), às vítimas de um determinado evento causador de trauma, contribuem para o desenvolvimento ou não do transtorno. Como exemplo, os autores apontam – e isso já foi dito na introdução – que soldados que retornam de uma guerra e as vítimas de desastres naturais recebem maior atenção ou apoio da sociedade do que as vítimas da violência urbana. Eles afirmam:

O primeiro grupo geralmente recebe grande apoio da sociedade, mas as vítimas da violência urbana frequentemente se sentem rejeitadas ou com vergonha de relatar eventos traumáticos, aumentando o seu senso de isolamento, que é um elemento importante do TEPT, e agravando, assim, o risco de ocorrência do TEPT (Costa e Silva e Lemgruber, 1994, p.46).

Assim, segundo Costa e Silva e Lemgruber (1994), embora os traumas provenientes da violência urbana tenha alta incidência, devido à violência nas cidades, até mais que os gerados em guerras ou em decorrência de desastres naturais, elas recebem menos atenção e apoio social, ficando essa função, aparentemente, a cargo da família ou dos amigos mais próximos.

Desta forma, de acordo com a exposição dos autores, a violência urbana é capaz de provocar traumas psíquicos àqueles que foram suas vítimas, principalmente quando há fatores de risco que aumentam, então, a incidência do desenvolvimento do TEPT. Portanto, dentro de um universo de violência, há situações externas detentoras de um poder maior de afetar o ser humano, ou seja, há dentre as situações de excesso uma gradação daquilo que pode ser mais ou menos desorganizador para os sujeitos. Aqui, supomos, estaria em jogo a qualidade da excitação ou do excesso da situação na causação de um trauma e não somente a quantidade, nas palavras de Freud (1920/1976), o fator surpresa ou susto, ou ainda, como indica Bohleber (2007), o fator psicoeconômico.

Vejamos como se dá a dinâmica interna com relação ao trauma, para encontrarmos outros argumentos que sustentem essa ideia. Perguntamos: e quanto aos fatores internos, a dinâmica

psíquica de cada indivíduo, haveria diferenças entre os sujeitos ao receberem as excitações excessivas de um incidente externo traumático em potencial?

Para começarmos a discutir essa questão, trazemos a experiência clínica de Diefenthaler, que tem entre seus pacientes, vítimas traumatizadas, a partir da violência urbana, relatada em um artigo publicado em 2003. O autor, a partir de atendimentos a adultos com diagnóstico de trauma psíquico, afirma que esse tipo de tratamento é complexo devido ao nível de angústia que o mundo externo, muitas vezes cruel, provocou no psiquismo desse paciente, o que, segundo ele, continua durante o tratamento a pressionar o analisando a não acessar a sua realidade interna, nem seu mundo simbólico, comprometendo assim o vínculo analítico e colocando em risco toda a análise. Ainda segundo o autor, essa mesma pressão de tirar o foco da realidade interna promovida pelo analisando atinge também o analista, que necessita prosseguir restaurando, a todo o momento, o processo terapêutico, a fim de não permitir que o analisando permaneça em uma repetição simbólica, mas que busque fazer uma elaboração simbólica, ressignificando a vivência traumática e a integrando ao todo do psiquismo. Segundo Diefenthaler (2003), o fato potencialmente traumático, real ou atual, a violência, por exemplo, “re-atualiza primitivas vivências com o objeto primário (p.929)” e, por isso, pode tornar-se patogênica para uma pessoa e não patogênica para outra, quer dizer, pode vir a tornar-se traumática ou não. Recorrendo novamente ao artigo de Bohleber (2007), podemos compreender melhor essa questão.

Bohleber (2007) afirma que em oposição ao modelo psicoeconômico de Freud, para se pensar o trauma, como expomos acima, a psicanálise teria o modelo desenvolvido pela Teoria das Relações Objetais (TRO). Revela o autor:

Com o desenvolvimento das teorias das relações objetais, as reflexões a respeito de quantidades e de uma quantidade insuportável de excitação que transborda no eu foram rejeitadas. O paradigma para o modelo não é mais uma única vivência chocante como, por exemplo, um acidente, mas sim as relações objetais (Bohleber, 2007, p.165).

Bohleber (2007) expõe então, que na vivência de um evento traumático pode ocorrer uma ruptura na comunicação entre o self e o objeto interno, sendo que essa comunicação, segundo o autor, proporciona segurança interna. Ainda segundo o autor, sem tal comunicação ocorre um

desmoronamento do processo empático entre o self e o meio ambiente. A falta de comunicação entre self e seus objetos internos bons leva a um estado de solidão interna e a um estado de desconsolo externo, pois são os objetos internos bons que criariam a empatia com o semelhante.

Bohleber (2007) afirma que esse modelo de trauma psíquico na Teoria das Relações Objetais teve como fonte inspiradora o desenvolvimento teórico do psicanalista Sándor Ferenczi. Esse último autor, em seu texto “Confusão de Língua entre os Adultos e a Criança”, de 1933, alertava os psicanalistas sobre a importância do fator traumático, externo e real, na constituição do Eu, proveniente da relação entre o adulto e a criança. Segundo Bohleber (2007), Balint seguiu a indicação de Ferenczi no entendimento do trauma. Revela Bohleber sobre o pensamento de Balint:

Ele ressalta que a qualidade traumatogênica de uma situação depende de ter existido entre o bebê e o objeto uma relação intensa. A própria relação objetal passa a ter, a partir daí, uma característica traumática. Como confirmaram pesquisas feitas posteriormente (Steele, 1994), não são os ferimentos provocados na criança pela violência corporal a primeira causa das perturbações traumáticas, mas, ao contrário, o elemento mais fortemente patogênico são o abuso e os maus-tratos contra criança praticados pela pessoa que deveria protegê-la e cuidar dela. Essa visão amplia a compreensão do papel da realidade psíquica em uma situação traumática (Bohleber, 2007, p.165).

Desta forma, para a Teoria das Relações Objetais, segundo Bohleber (2007), uma situação na atualidade se torna traumática se houve uma “relação intensa entre o bebê e o objeto (p.165)”, no passado, e se houve essa relação intensa, a própria relação teria se tornado traumática para o bebê, supomos, no momento posterior, ou seja, em um segundo tempo. Bohleber (2007) não dá maiores detalhes de como seria essa relação intensa, no entanto, seguindo a referência que Balint faz de Ferenczi, supomos que ela se daria marcada pelo desencontro, ou como Ferenczi (1933) se referiu, marcada pela confusão, em um nível sexual, entre o adulto e a criança.

Seguindo em uma direção parecida, para a Teoria da Sedução Generalizada (TSG), de Laplanche (1992), que também recorreu ao mesmo texto de Ferenczi (1933) para fundamentar sua teoria, o encontro do adulto e do bebê é necessariamente traumático para o último, como veremos a seguir, e aí é que percebemos a proximidade e o distanciamento das duas propostas sobre o trauma, ou seja, nas duas propostas, tanto para a TRO quanto para a TSG, é possível ter

ocorrido um trauma real anterior, decorrente da relação entre o adulto e a criança, no entanto, para a TRO esse primeiro trauma pode ocorrer ou não, já para a TSG, a situação traumática no encontro entre adulto e a criança é generalizada, ou seja, sempre ocorria, no entanto, como cada sujeito lidaria com esse trauma, metaforizando-o, proporcionaria a diversidade das dinâmicas psíquicas e o desenvolvimento da neurose traumática ou não.

Assim, o desenvolvimento de uma neurose traumática a partir de um acontecimento real e atual, a violência urbana no caso, dependeria também da dinâmica psíquica ou dos conflitos internos próprios de cada sujeito. A interação entre fatores externos e internos pode levar ou não à patologia, nesta linha de pensamento. Diante disso, em que dosagem teriam que existir esses fatores externos ou internos para que pudessem se produzir um trauma? Vejamos o que nos diz Laplanche sobre o tema.

Laplanche (1992) retoma Freud e faz uma releitura da teoria do *a posteriori*, ou seja, teoria que explica que todo trauma só se estabelece em dois tempos:

Essa teoria postula que nada se inscreve no inconsciente humano, a não ser na relação de ao menos dois acontecimentos, separados, no tempo, por um momento de mutação que permite ao sujeito reagir de outra forma do que reagiu na primeira experiência, ou, melhor, reagir à lembrança da primeira experiência de outra forma do que reagiu à própria experiência (Laplanche, 1992, p.119-120).

Laplanche (1992), ainda recorrendo a Freud, ao Freud dos primeiros escritos psicanalíticos, diz que esse primeiro tempo, tempo do terror, essa primeira experiência, essa primeira cena, por exemplo, de uma ação de cunho sexual por parte de um adulto em relação a uma criança, teria uma significação para o sujeito infantil que não poderia ser assimilada naquele momento, pois ele não estaria preparado. Tal cena ficaria em suspenso e não causaria trauma. No entanto, no *a posteriori*, em decorrência de outra cena sexual, que sendo entendida como tal, entraria em ressonância com a primeira cena, que enfim seria lembrada e então compreendida, e a partir dessa lembrança é que o sujeito se traumatizaria, não pela nova cena sexual, mas pela lembrança da cena sexual anterior. Laplanche resume essa sequência da seguinte forma:

Mas, devido às novas possibilidades de reação do sujeito, é a própria lembrança, e não a nova cena, que vai funcionar como fonte de energia traumatizante, como fonte autotraumatizante. De forma que essa teoria em dois tempos mostra que todo trauma só tem uma ação patógena porque se torna autotraumática (Laplanche, 1992, p.120).

Em reação a esse trauma, a lembrança sofreria o processo de recalçamento que, segundo Laplanche (1992), seria a única forma do ego reagir, não à ação de cunho sexual do adulto vinda do exterior, mas sim a sua própria lembrança da primeira cena, que ganhou significado somente no presente. Laplanche (1992) assim se expressa:

É fácil perceber como é genial essa teoria que não se preocupa com todas as dosagens que, posteriormente, se tentará descrever entre fatores exógenos e fatores endógenos. Aqui, tudo é exógeno e, ao mesmo tempo, tudo é endógeno, pois toda a eficácia decorre do tempo de reativação endógena de uma lembrança que, por outro lado, provém evidentemente do acontecimento externo real (Laplanche, 1992, p.121).

Aplicando essa teoria ao trauma decorrente da violência urbana, supomos que não seria necessário sabermos o quanto do trauma é em decorrência de fatores externos ou o quanto é em decorrência de fatores internos. Segundo a teoria do *a posteriori*, “tudo é exógeno e tudo é endógeno (p.121)”, e o trauma somente ocorreria a partir de uma lembrança, ou seja, sua fonte necessariamente seria autotraumatizante, ou seja, interna.

Passemos agora então para a Teoria da Sedução Generalizada, iniciada por Jean Laplanche (1992), a fim de compreendermos como ocorreriam as primeiras situações traumáticas, segundo essa teoria.

## 1.2 TSG e Trauma Originário

Laplanche (1992) retoma a causação traumática das neuroses, supostamente abandonada por Freud em 1897 na conhecida carta 69, quando esse último diz não acreditar mais na teoria do trauma de sedução real na origem das neuroses. No entanto, Laplanche (1992) não retoma tal

teoria para encontrar de novo no trauma focal a origem das patologias, ou seja, teoria na qual um adulto seduz uma criança que desenvolverá, por exemplo, uma histeria no a posteriori (*après-coup*). Laplanche (1992) traz de volta a teoria da sedução de uma criança por um adulto, mas o faz generalizando-a, ou seja, a sedução deixa de ser focal, proposital, perversa ou pedófila e passa a ocorrer inevitavelmente, dada a situação fragilizada em que o bebê vem ao mundo. Laplanche (1992) teoriza sobre o encontro inevitável, que chamou de Situação Antropológica Fundamental (SAF), entre um adulto e o recém-nascido, no qual o primeiro dispensaria ao segundo todos os cuidados de manutenção da vida, abrigo, alimentação, higiene, etc., para que o segundo pudesse sobreviver, e com esses cuidados submeteria inevitavelmente o pequeno ser ao que ele nomeou de sedução originária. Vejamos como.

No conceito da SAF, tão importante à teorização de Laplanche, o encontro real entre o adulto e a criança se dá de forma assimétrica, pois os dois estão em momentos diferentes, já que um tem o aparelho psíquico constituído enquanto o outro ainda não o tem. Um adulto, que passa a ser significativo para a criança então, ao realizar os cuidados necessários à sobrevivência dela, vai também, a partir desses cuidados, enviar mensagens de todos os tipos à criança, que por seu turno, ao receber essas mensagens vai tentando traduzi-las a medida de suas capacidades, ocorrendo assim um princípio de comunicação entre ambos. Contudo, Laplanche (1992) postula que essas mensagens oferecidas e implantadas pelo adulto são comprometidas pelo seu inconsciente, que ele não domina, e levam consigo, portanto, também o sexual, mesmo sem o adulto saber ou querer que isso ocorra. Essas mensagens, então, carregadas com o sexual são recebidas pela criança como mensagens enigmáticas, porque são também enigmáticas para o próprio adulto, já que são inconscientes.

Essas mensagens são enigmáticas para a criança e, segundo Laplanche (1992), são excessivas para ela. A criança busca então dominá-las, traduzi-las, interpretá-las. Essa tentativa de domínio do excesso dar-se-ia a partir de sua metabolização, de sua tradução, e seria então a primeira pulsão do pequeno ser, pulsão pelo saber, como postula Laplanche (1992). Parte das mensagens são traduzidas, elaboradas, no entanto, parte delas não poderá ser totalmente traduzida pela criança e se tornará restos não traduzidos, que ficarão como protótipos e núcleo aglutinador do inconsciente, que se constituirá enfim após o recalçamento originário. Essas mensagens enigmáticas não traduzidas, esses restos que não se deixam conhecer, Laplanche (1992) chama de objetos fontes da pulsão, pois a partir do momento que são constituídos serão aquilo que

impulsionará o ser humano a buscar desvendar, interpretar, traduzir seus enigmas e os enigmas da vida.

Contudo, as mensagens enigmáticas enviadas pelo adulto promovem um impacto traumático, mas fundamental, para o início do psiquismo da criança e por isso, segundo Laplanche (1992), esse trauma psíquico, produto do excesso das mensagens e da desorganização do biológico, não seria algo necessariamente ruim, mas sim, causa do aparelho psíquico do ser humano. As mensagens enigmáticas do outro adulto seriam então traumáticas para a criança, pelo teor de sexualidade, de excesso, de enigma, de incompreensão, por isso a ideia de trauma da mensagem do outro. O fato dessas mensagens vindas do outro serem traumáticas para o psiquismo do bebê pelo excesso, queremos enfatizar, ocorre justamente porque o pequeno ser ainda não tem a capacidade de compreender, interpretar as mensagens vinda do adulto adequadamente, e é essa defasagem na capacidade de metabolização das mensagens que é, segundo Laplanche (1992), “o terreno do trauma (p.114)”. Ainda segundo Laplanche (1992) esse despreparo da criança em poder traduzir as mensagens é sinônimo de sua *Hilflösigkeit*, ou seja, da condição de desamparo ou de desajuda que se encontra o bebê na sua imaturidade física e psíquica. Essas, então, seriam, para a TSG, as primeiras situações traumáticas para o sujeito, que conforme aprendemos com a teoria do *a posteriori*, ficariam enquistadas à espera de sua reativação, ou não, no futuro. Por isso, apesar dessas mensagens vindas do outro serem traumáticas para o psiquismo do bebê pelo excesso, elas não levam, na maioria dos casos, à estagnação do psiquismo, pelo contrário, o pequeno ser busca elaborá-las, traduzi-las, metabolizá-las, dando forma ao próprio psiquismo. Mas, e se as mensagens fossem de difícil tradução, não passíveis de ser compreendidas, elaboradas? Será que teríamos o mesmo desenvolvimento do psiquismo?

Dentre as mensagens enigmáticas enviadas pelo outro adulto, há algumas delas que são, segundo Laplanche (2003), intraduzíveis, o que formaria o que o autor chamou de inconsciente encravado, pois seriam provenientes de uma variante violenta da implantação, já que as mensagens teriam sido intrometidas de forma violenta, anal e oralmente, pelo outro adulto.

Gutiérrez-Terrazas (2004), comentando a situação da variante violenta da implantação, afirma que uma mensagem intraduzível, intrometida, faz um curto-circuito e impede a tradução de outras mensagens. Assim o autor se expressa:

Esse curto-circuito impede o sujeito infantil de dar uma saída fantasístico-representacional, só ficando aberto o caminho da atuação, tanto em direção a/contra o exterior quanto em direção a/contra o interior. Com isso, em vez de abrir-se para o sujeito aquilo que por excelência o caracteriza como ser simbólico – isto é, o caminho da interiorização da produção simbólica ou o caminho do espaço de pensamento e reflexão (espaço que pressupõe integração e interiorização da alteridade pulsional) -, o sujeito só vai poder dispor de uma simples evacuação atuadora dessa dinâmica pulsional interna que não se deixa metabolizar (Gutiérrez-Terrazas, 2004, p.124-125).

A violência do ser humano viria então, ou seja, teria sua fonte, nesse inconsciente encravado, a partir do qual, segundo Gutiérrez-Terrazas (2004), partiriam os ataques pulsionais destrutivos, as passagens ao ato; e não do eu propriamente dito. Assim, a violência surge, para o autor, “contra a integração-ligação egoica que sempre é convocada ao estabelecimento de vínculos nos quais o eu e o objeto tenham reconhecimento recíproco e espaço diferenciado (Gutiérrez-Terrazas, 2004, p.124)”. Levando isso em consideração, podemos supor que existindo o predomínio de mensagens do tipo intrometida, ou seja, intraduzíveis, o desenvolvimento do psiquismo estaria comprometido, já que o sujeito não se tornaria um ser simbólico.

Desta forma, de acordo com a TSG, poderíamos receber dois tipos de mensagens na SAF: mensagens enigmáticas implantadas, carregadas com a sexualidade inconsciente do adulto, passíveis de tradução e desenvolvimento do psiquismo, que segundo Laplanche (2003) formaria o inconsciente recalçado, e mensagens intrometidas de forma violenta, também carregadas com o sexual, mas de difícil tradução, ou seja, mensagens que formariam o inconsciente encravado, não propício ao desenvolvimento psíquico que, ainda segundo Laplanche (2003), corresponde à parte psicótica do psiquismo.

Além desses dois modos do inconsciente, o inconsciente implantado/recalçado e o inconsciente encravado/psicótico, Laplanche (2003) teoriza ainda uma terceira acepção para a palavra inconsciente, que seria na verdade, segundo o autor, um pseudo-inconsciente, denominado por ele como inconsciente mito-simbólico. Segundo Laplanche (2003), ao receber as mensagens enigmáticas do outro adulto, o *infans* necessita de novos códigos para que possa traduzir tais mensagens, pois ele não teria condições de criar tais códigos sozinho. Desta forma, o bebê recebe do seu meio cultural uma ajuda à tradução<sup>6</sup>, recebe “esquemas narrativos pré-

---

<sup>6</sup> Segundo Laplanche (2003), o termo “ajuda à tradução” foi proposto por Francis Martens.



formados (Laplanche, 2003, p. 413)”, incluindo aí, segundo Laplanche (2003) o complexo de Édipo, assassinato do pai, complexo de castração, etc. Para Laplanche (2003) tais mitos-simbólicos, não seriam o próprio núcleo do inconsciente, como afirmou Freud, pois tais mitos funcionariam mais do lado do que é recalcante do que do lado do recalcado. Nesse sentido o recalcado, que é o sexual primário, seria ordenado e dessexualizado com o auxílio desses elementos mitos-simbólicos, o que por fim levaria o sujeito para o caminho, segundo Laplanche (2003), “da aliança e da procriação (p.415)”. Diz o autor: “Nada de menos sexual (no sentido originário dos Três Ensaio) que o mito de Édipo e a tragédia de Sófocles. Nada que nos fale menos do gozo sexual, para não falar da busca de excitação (Laplanche, 2003, p.415)”.

Com essa assertiva, para finalizar esse tópico, podemos resumir a questão exposta, dizendo então que a terceira acepção da palavra inconsciente para Laplanche (2003) diz respeito aos elementos mitos-simbólicos, que ajudam o bebê a traduzir as mensagens enigmáticas que vem do outro (mensagens implantadas), dando forma ao inconsciente recalcado.

### **1.3 Trauma por violência urbana x Trauma originário**

Diante dos dois tipos de mensagens, as que têm capacidade de ser traduzidas, elaboradas (implantadas) e as que não têm, as intrometidas (encravadas), podemos questionar qual seria a relação desse trauma originário, postulado por Laplanche, com um possível trauma atual, ocorrido em decorrência da violência urbana na vida de um sujeito? Investigar essa relação (trauma atual x trauma originário), de forma geral é o objetivo da pesquisa guarda-chuva e também é objetivo da investigação de todos os subprojetos vinculados ao projeto maior, inclusive este<sup>7</sup>.

Desta forma, podemos supor que as mensagens intraduzíveis, com a qualidade de serem intrometidas ou encravadas, provenientes da variante violenta da implantação de um sujeito para com o outro, como vimos acima, possivelmente existindo em uma situação de violência urbana,

---

<sup>7</sup> Todas as dissertações produzidas dentro do Mestrado em Psicologia da UEM, e mais especificamente os produzidos a partir do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização (LEPPSIC), que têm como tema central o Trauma e a Teoria da Sedução Generalizada, podem ser encontrados no seguinte endereço eletrônico: <http://www.ppi.uem.br/dissertacoes.php>

poderiam se juntar a outras mensagens, talvez as originárias, que permaneceram não traduzidas no inconsciente, pois sofreram o que Laplanche (2003) postulou como fracasso radical de tradução, levando ao surgimento das patologias ou da rigidez, como em uma neurose traumática.

O incremento de mensagens com a qualidade de ser intraduzíveis, devido à carga de violência, vindas de fora, ao estoque dessas mesmas mensagens no inconsciente, supomos, poderia tornar-se excessivas para o psiquismo, pois não encontraria formas de traduzi-las, elaborá-las, metabolizá-las, restando somente a opção da atuação contra o exterior, em forma de violência (passagem ao ato), ou contra o interior, contra o Eu (que teria então motivos para sentir pânico, pavor, terror, aflição, angústia), provocando o congelamento da situação traumática (ter *flashbacks* revivendo a situação traumática), impedindo, talvez, a elaboração do trauma (ter sonhos repetitivos com a mesma situação), já que as mensagens intraduzíveis impediriam, como já dito acima, uma saída fantasístico-representacional e bloqueariam o “caminho da interiorização da produção simbólica ou o caminho do espaço de pensamento e reflexão... (Gutiérrez-Terrazas, 2004, p.124-125)”, pois fariam também outras mensagens entrarem em um curto circuito, impedindo assim a sua tradução.

Além disso, sobre a relação entre trauma atual x trauma originário, Carvalho (2012), afirma que:

Na outra via de acesso à questão dos sucessivos fracassos das tentativas de tradução das impressões traumáticas, é importante ressaltar a força desagregadora das mensagens sexuais enigmáticas que são atualizadas pelo trauma. Face ao acontecimento traumático, o sujeito encontra-se completamente desamparado, o que reproduz necessariamente a situação de passividade originária. Retomando as palavras de Laplanche (1986/1992a), podemos dizer que o trauma é arrombamento extenso de um invólucro e isto torna homólogos o acontecimento traumático atual e a situação de sedução originária, ligados pela noção de perfurar, arrombar, penetrar, em que se faz presente à penetração da mensagem sexual do outro na superfície corporal da criança (Carvalho, 2012, p.496).

Desta forma, diante do que foi exposto acima, compreendemos então, resumidamente, que para o desenvolvimento de uma neurose traumática, poderia ocorrer, a partir do trauma real, atual, a reativação de uma lembrança ou situação traumática, enquistada anteriormente, que se

tornaria então autotraumática, segundo a teoria do trauma em dois tempos, como vimos acima, que por sua vez poderia ter origem na SAF, e, além disso, ocorreria o incremento de mensagens mais ou menos traduzíveis mas principalmente, intraduzíveis, no inconsciente que, como vimos, impediria o caminho da simbolização.

## CAPÍTULO II – VIOLÊNCIA URBANA NARRADA PELA MÍDIA: O INTERESSE DO ESPECTADOR

Iniciaremos este segundo capítulo discutindo como o fenômeno da violência na mídia tem chamado a atenção de autores não psicanalíticos e psicanalíticos e como eles analisam o interesse do espectador pela violência reproduzida pelos meios de comunicação. Ao final do segundo tópico discutiremos a possibilidade de que os sujeitos, ao se aproximarem da violência exibida na TV, por exemplo, estariam buscando algum tipo de controle sobre seus próprios medos e desamparo. Em seguida, localizaremos o sadismo e masoquismo em três roteiros clássicos, em três fantasias originárias: na cena originária; na castração; e na sedução (da Situação Antropológica Fundamental – SAF) para, buscarmos encontrar nesses roteiros alguns dos motivos para o interesse do leitor ou telespectador pela violência na mídia.

### 2.1 “A notícia como espetáculo”

Arbex Jr. (2001), em seu livro *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*, supõe ter encontrado o dia e o exato momento em que a televisão transformou em definitivo a notícia jornalística em um grande espetáculo: 17 de janeiro de 1991, com o início do ataque aéreo liderado pelos Estados Unidos contra o Iraque na chamada Guerra do Golfo, também conhecida como Guerra do Vídeo Game. Essa grande virada que, segundo o autor, mudaria a forma de se apresentar o noticiário nas grandes emissoras de TV em todo o mundo, foi conduzida pela rede americana CNN ao transmitir, com uma tecnologia jamais vista, uma guerra ao vivo:

O salto tecnológico, da qual a CNN é símbolo e instrumento, permitiu apresentar a Guerra do Golfo como uma espécie de telenovela sinistra que prometia renovadas emoções no próximo capítulo. A cobertura “ao vivo” do conflito consagrou, definitivamente, a “espetacularização” da notícia. E, exatamente por ser um espetáculo, a transmissão das imagens submeteu-se às mesmas regras que se aplicam a um show (Arbex Jr., 2001, p.31).

Tais regras, segundo o autor, eram ditadas pelos deuses da tecnologia e faziam com que

nenhuma gota de sangue respingasse em imagem alguma dessa guerra em tempo real, ou seja, a cruzeza e o horror, características de qualquer guerra, não poderiam ser transmitidos, necessitariam ser asseptizadas, para que se pudesse então adentrar os lares de milhões de pessoas ao redor do mundo. Além disso, segundo o autor, dentre as tais regras, havia ainda a necessidade de criação no imaginário ocidental de um personagem tirano intolerante (Saddam Hussein), que num gesto de loucura levaria milhões de soldados à guerra, mas que, como num filme, após o confronto com a coalizão do bem, teria seu fim merecido, quer dizer, perderia a guerra de forma avassaladora. Segundo Arbex Jr. (2001), a partir dessa transmissão ao vivo, tornou-se comum (pelas redes de televisão) e desejada (pelos telespectadores) a transmissão instantânea das mais extraordinárias e extravagantes imagens de todo o planeta para qualquer parte do globo, como se não houvesse mais fronteiras, nem reais, entre os países, nem entre a realidade e a ficção:

O acontecimento político (e, mais amplamente, social e/ou cultural) adquire as características de um grande *show*. Ora, uma das consequências da prática de apresentar o jornalismo como o “show-jornalismo” é o enfraquecimento ou o total apagamento da fronteira entre o real e o fictício (Arbex Jr., 2001, p.32).

Tal confusão entre o real e o fictício, ou fusão entre o real e o fictício, ainda segundo Arbex Jr. (2001), é reforçada com mais intensidade pela televisão, por ela transmitir vários tipos de programas, diariamente, como o artístico, o esportivo, o cultural, a propaganda comercial e entre todos esses gêneros, apresentar também o programa jornalístico, que ficaria assim obrigado a ser chamativo, segundo o autor, tanto quanto uma propaganda da Coca-Cola, que transmite uma mensagem de forma rápida e visualmente marcante, quanto como uma produção artística, que tem o poder de hipnotizar ou seduzir o telespectador. Arbex Jr. (2001) revela, ainda, sobre a confusão entre o real e o fictício:

Jean Baudrillard dirá que o desaparecimento das fronteiras entre a ficção e a realidade atribuiu à mídia não apenas a capacidade de criar fatos, como também a de criar a “opinião pública” sobre os fatos que ela mesma gerou. Para ele, a capacidade de “colonização do imaginário” pela mídia transformou a própria opinião em mero simulacro (Arbex Jr., 2001, p.54).

Ainda para Arbex Jr. (2001) essa opinião pública fabricada e difundida pela mídia a

sujeitos isolados nas mais diversas localidades simula a própria democracia, pois dá a ilusão ao telespectador de que o que ele pensa foi levado em consideração na formação dessa opinião, que não é privada (das grandes corporações da mídia ou que controlam a mídia) mas, pelo contrário, é pública (de todos os telespectadores/cidadãos). Mas afinal, para que serve a formação dessa opinião pública? A resposta é simples e óbvia, segundo Arbex Jr.: para controlar o público. Mas, usando-se de que meios? Arbex Jr. (2001) responde: “Precisamente para ampliar ao máximo o seu controle, elas são obrigadas a sofisticar o poder de sedução de suas imagens e de seu discurso (p.114).” E ainda:

Restringindo ao máximo o espaço de interlocução, por meio do uso de esquemas e *slogans* que traduzam a “verdade” em fórmulas simples e tranquilizadoras. Criando, enfim, metáforas que “explicam” segundo receitas maniqueístas e de fácil compreensão: determinada opção econômica (por exemplo, a moratória da dívida externa) é “boa” ou “má” porque se situa no campo “bom” ou “mau” das coisas da política e do mundo.

Em outros termos, as narrativas dos fatos do mundo assumem uma estrutura e uma lógica próprias das telenovelas (Arbex Jr., 2001, p.115).

Nestas passagens, Arbex Jr. (2001) revela então que para se obter o máximo controle sobre a opinião pública, sobre o público, é preciso seduzir o telespectador com imagens e discursos maniqueístas, ou seja, o bem contra o mal, mesmo com o jornalismo, o transformando então em showrnalismo, como diz, em espetáculo, em novela. Vejamos o que diz outro autor sobre o tema.

Magalhães (2009), ao tratar sobre o significado da violência na mídia, concorda que a violência, de modo geral, é exibida pelos meios de comunicação de forma espetacularizada<sup>8</sup>, e acrescenta ainda que embora a violência em uma sociedade possa ter uma pluralidade de sentidos (Mafesoli, 1979, Giddens, 1993), incluindo um sentido positivo, pois a sociedade se constrói a partir de diferenças e contradições, o que tem prevalecido na atualidade é o sentido negativo para a violência (Rifiotis, 1999), principalmente na mídia. Magalhães concorda ainda com autores como Adorno (1995), que indicam que a mídia sempre faz a leitura dos índices de violência como

---

<sup>8</sup> Ver outras indicações sobre o tema “espetacularização da violência na mídia” em Gomes, 2006, Casagrande e Peruzzolo, 2012, e Alves, 2012, nas referências deste trabalho.

em expansão, principalmente a criminalidade violenta. No entanto, revela o estudo de Adorno (1995), que quando o índice de criminalidade e o índice de crescimento populacional são comparados, é possível afirmar que, em determinados momentos, há uma diminuição do índice de criminalidade e não o seu aumento, o que não aparece na mídia. Magalhães (2009) concorda ainda com a pesquisa de Zaluar (1985), quando a autora constata que a partir de rotulações e estereótipos a culpabilização pela violência, geralmente, acaba por recair nas classes mais pobres. Para Magalhães (2009), portanto, a mídia trata a violência como espetáculo, dramatizando e reforçando uma visão negativa, estereotipada, no singular, da violência, sempre em expansão, no entanto, para a autora é um engano acreditar que a mídia sozinha tenha condições de criar valores e construir essa visão negativa da violência, sendo que ela não teria a capacidade de criar o real, ou a realidade, já que somente o processo social forneceria meios para tanto. A autora faz, portanto, uma crítica, aos leigos ou estudiosos do assunto, que acusam somente a mídia pelo aumento da percepção de violência e, em decorrência disto, do aumento do sentimento de insegurança, pois, para ela, apontar a mídia como única responsável é ausentar-se da própria responsabilidade pela visão e compreensão que se tem da violência na sociedade.

Arbex Jr. (2011), Magalhães (2009) e outros autores não psicanalíticos como Casagrande e Peruzzolo (2012), Alves (2012) e Gomes (2006), também consultados, enfatizam em suas análises a espetacularização e dramatização que a violência ganha quando exposta pela mídia. Por esse ângulo já podemos começar a compreender o interesse do espectador por essa programação violenta, pois todos apreciam espetáculo e drama, principalmente quando acontece com o outro. No entanto, vejamos o que dizem alguns autores psicanalíticos sobre o tema violência na mídia e sobre o interesse do espectador por essa violência, para então buscarmos encontrar mais alguns motivos que fundam esse interesse.

## **2.2 Violência na mídia e psicanálise**

Alguns autores da psicanálise, ao falarem sobre a constituição da violência no ser humano e também sobre as causas da violência na sociedade, não deixam de notar que a violência chega a todos pelos meios de comunicação. Por exemplo, Gutiérrez-Terrazas (2004) afirma que as manifestações de violência são “impudicamente exibidas nos meios audiovisuais de comunicação

(p.126)”.

Também Lowenkron (2003), ao localizar os vários tipos de violência que afetam nossa sociedade, não deixa de perceber a violência na mídia. Diz ela: “Na realidade mais próxima, além da violência na mídia, convivemos com a violência urbana e no campo, violência ambiental e doméstica, violência da fome, do desemprego ou aquela decorrente da vigência das novas e cada vez mais instáveis condições de trabalho... (p.738)”.

Para Rossi (2003) a violência está na mídia e, muitas vezes, chama mais a atenção do público do que outros fatos, como os oriundos da política, mesmo que esses fatos afetem toda a nação. Rossi (2003) citando Arbex Jr. (2001) relata a seguinte situação:

Em seu livro *Showrnalismo*, José Arbex Jr. colocou a seguinte notícia: “Daniela bate Collor – O assassinato da atriz Daniela Perez tirou o brilho ontem do acontecimento político mais esperado em 1992, a renúncia de Fernando Collor de Mello. 'Que Collor que nada. O papo do dia é a morte da menina' disse o jornalista da Praça Vilaboim (Higienópolis, região central de São Paulo) Feliciano Oliveira, 29. 'Só umas duas pessoas perguntaram da renúncia. O resto queria saber detalhes do assassinato', acrescentou. (FSP, 30/12/92, p.3-5)”. Arbex cita, também, que “no momento em que o Jornal Nacional da Rede Globo mostrou a reportagem sobre a morte da atriz, o Ibope atingiu 66 pontos, quando a média, à época, era de 55 pontos” (José Arbex Jr., 2001, cit. por Rossi, 2003, p.819).

Desta forma, para os autores acima, a violência está na mídia e torna-se acessível a todos, chamando a atenção do público. No entanto, para outros autores como Endo (2005), e mesmo para Rossi (2003), não é porque a violência existe na sociedade que ela necessariamente teria que ser transmitida pela mídia, ainda mais na quantidade em que é reproduzida.

Para Endo (2005) um dos motivos da vinculação de tanta violência na mídia é financeiro. Diz o autor, especificamente sobre imagens violentas: “As mídias há muito já as adotaram como produtos extremamente vendáveis, e não cansam de capturá-las, muitas vezes, com o único objetivo de lançá-las num mercado aberto e promissor (p.78)”. E ainda:

As imagens violentas são, hoje, as maiores líderes de popularidade no mundo todo. Muitos filmes, desenhos, jornais e revistas devem seu sucesso às doses



cavaleiros de violência que veiculam. De modo que as imagens violentas são produtos bem aquilatados no mercado de consumo, e restringi-las em nome de algum efeito colateral não é aceitável, nem por seus comerciantes e nem por seus consumidores (Endo, 2005, p.82).

Rossi (2003) por sua vez, sobre essa questão, diz que as imagens violentas ajudam a mídia a seduzir o telespectador, criando uma ilusão de pertencimento a uma comunidade virtual íntima e diária, com as histórias e personagens, reais ou não, que surgem na tela. Diz o autor:

É possível que uma das seduções da mídia, talvez a maior, seja o convite à desindividualização, nesse caso o seu manifesto seria assim: “Que reine o id onde, por enquanto, está o ego, pulsões de todo o universo, consciente e inconsciente, uni-vos!”. A existência é solitária, nela, paradoxalmente, o “inferno são os outros”, o contrário, exatamente, ocorre no sincretismo, na orgia fusional, os outros são o paraíso, mesmo que esteja a nos matar (Rossi, 2003, p.823).

E ainda, citando Sibony (1991), Rossi (2003) argumenta:

Seduzir o outro é dizer-lhe o que ele tem vontade de ouvir ou mostrar-lhe o que ele tem vontade de ver. Mas e se o que ele tem vontade de ver é aquilo que lhe causa horror? E se o que tem vontade de ouvir é o que o deixa fora de si? Muitos não gostam de que os seduzamos, de que os confrontemos com seus limites: a sedução é a vontade de ser invadido por algo que, no fundo, está relacionado com nós mesmos (Sibony, 1991, cit. por Rossi, 2003, p. 821).

Segundo esses autores o horror atrai e seduz, pois, como exposto anteriormente, hoje a violência na TV é líder de audiência em todo o mundo. O horror, a tragédia, os desastres, a violência atraem multidões. Continua Endo, 2005: “O sofrimento carnal, embebido em sangue, é um dos maiores sucessos de qualquer mídia (p.89)”. Para o autor, essas imagens deveriam causar “indignação, repulsa e protesto (p.78)”, mas pelo contrário, em vez disso, elas geram um vínculo estreito entre o telespectador e a imagem, “geram um pacto de interesses entre o produtor e o consumidor das imagens (p.78)”. Quais seriam os termos desse pacto?

Segundo Endo (2005), o pacto entre telespectador e a programação violenta

a na TV seria um pacto de “prazer mútuo e entretenimento (p.82)”, que ocorre na televisão brasileira “há mais de três décadas (p.82)”. Segundo ele, o telespectador, ao consumir as imagens violentas, aceita e compactua com sua reprodução televisiva e o faz essencialmente em uma posição sadomasoquista. Diz Endo:

É na clássica cena do espectador imóvel no sofá, vendo imagens, como se olhasse para um si mesmo idêntico e diferido, como se estivesse diante de uma tela onírica, projetando seus próprios sonhos traumáticos e desejos secretos, que encontramos um parentesco enorme com a reflexão freudiana sobre o sadomasoquismo (Endo, 2005, p.84).

Endo (2005), além disso, chama a atenção para o fato de que os telespectadores, apesar de suas posições sadomasoquistas, permanecem “passivos e inertes, reduzidos à mera resposta a estímulos incessantemente produzidos à sua revelia e para o seu agrado (Endo, 2005, p.85)”. Diz o autor então que a relação entre o telespectador e a produção televisiva sobre violência é, usando palavras de Feilitzen (2000), “recíproca intrincada (p.86)”. Endo (2005), expressando-se da seguinte forma:

São justamente as razões dessa reciprocidade que permanecem ocultas. Sabemos que as imagens midiáticas influenciam os espectadores, só não se sabe ao certo de que maneira, nem o grau de determinação que as imagens podem ter em relação à eclosão da violência intersubjetiva (p.86).

E ainda, expondo a questão do por que de tamanha audiência no mundo todo para a programação da violência, Endo (2005) afirma:

Para que a resposta de maciça aceitação, aparentemente passiva, de reprodução e transmissão de imagens de violência que são transmitidas pela tela seja um fenômeno planetário de grandes proporções associado a uma certa impossibilidade de refutá-lo ou mesmo criticá-lo com veemência, é necessário que as razões dessas ligações permaneçam em segredo ou ignoradas (Endo, 2005, p.87).

Concordamos com esse autor quando ele chama a atenção para os motivos ligados ao

prazer, principalmente o prazer sadomasoquista, impulsionar o telespectador a permanecer ligado à violência na TV e na mídia de forma geral. No entanto, ele também afirma que há outros motivos ocultos ou ignorados para essa ligação.

Acreditando que não seja necessário que esses motivos fiquem em segredo, como dito acima, ou ignorados, busquemos então em outros argumentos mais alguns motivos para o interesse do leitor ou telespectador pela violência na mídia.

Em nossa compreensão, os telespectadores não permanecem somente passivos e inertes diante da TV, muito pelo contrário, estão ativos buscando um prazer voyeurista, um prazer sádico, um prazer da vingança, como veremos a seguir.

### **2.3 Busca pela violência na mídia para controle do excesso, externo e interno, da violência e do desamparo e, como prazer**

Um dos pontos que chama a atenção na discussão de Endo (2005) sobre a violência na mídia é a ausência da possibilidade de que os telespectadores estejam diante da televisão ativamente, buscando algum controle sobre os seus próprios excessos: externos e internos. Excesso de estímulos que chegam de fora, da violência urbana e excesso pulsional, da violência interna e da possibilidade do desamparo perante os perigos da vida, que a fragilidade do ser humano faz suscitar diariamente.

Para compreendermos a questão da atividade/passividade diante de excessos, recorremos a Freud (1920/1976), que busca explicar a brincadeira do seu neto no famoso jogo do *Fort-da*, supondo justamente que ele saiu de uma posição passiva, diante do incomodo da ausência da mãe, e assumiu uma posição ativa, ao fazer com que seu carretel, que representava a mãe, desaparecesse quando o lançava para fora de seu berço. Ao lançar o carretel a criança emitia um expressivo 'o-o-o-o', que Freud interpretou como sendo a palavra alemã '*Fort*' (embora, ir embora). Quando a criança puxava o carretel de volta, pois havia um cordão amarrado a ele, ela o recebia com um alegre '*da*' (aí está). O princípio de prazer, neste caso, poderia ficar evidente se a brincadeira da criança tivesse sempre as duas fases, como indica Freud, ou seja, lançar o carretel e puxá-lo de volta. No entanto, o autor nota que a primeira fase do jogo, lançar o carretel, era muito mais repetida do que a segunda, puxá-lo de volta, e de acordo com Freud, constituía-se

como um jogo em si mesmo. Segundo Freud o jogo da criança, então, tinha o sentido de dominar, de controlar uma situação que ela foi obrigada a suportar passivamente. Nas palavras de Freud (1920/1976):

No início, achava-se numa situação passiva, era dominada pela experiência; repetindo-a, porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel ativo. Esses esforços podem ser atribuídos a um instinto de dominação que atuava independentemente de a lembrança em si mesma ser desagradável ou não (Freud, 1920, p. 27).

Apesar dessa interpretação, Freud (1920/1976) nos apresenta ainda outra, qual seja: a de que a criança ao jogar o carretel para longe estaria vingando-se da mãe, justamente por sua ausência. Nesse caso, a satisfação da vingança dar-se-ia nos seguintes termos: “Pois bem, então: vá embora! Não preciso de você. Sou eu que estou mandando você embora” (Freud, 1920, p.28).

Tanto na primeira interpretação de Freud quanto na segunda, fica evidente a tentativa de domínio, de controle daquilo que para a criança estava fora de controle, ou seja, a ausência da mãe. Consideramos que tal ausência levou a criança ao estado de desamparo e, nessa circunstância, um excesso pulsional foi interpretado como sendo perigoso ao Eu da criança, ou ainda, uma ameaça ao seu narcisismo. Diante de tal situação, coube a ela inventar a brincadeira, o *fort-da*, para então dominar, controlar, suplantando um possível ataque pulsional. Segundo Freud (1920/1976): “Isso constitui prova convincente de que, mesmo sob a dominância do princípio de prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente (p.29)”.

Retomando o tema da pesquisa, não poderiam estar os telespectadores, pelo menos alguns deles, diante da televisão ou os leitores diante do jornal ou da revista, buscando algum controle sobre o excesso dos estímulos externos, da violência urbana e também sobre o excesso interno, diante de um possível ataque pulsional, ocasionado por uma sensação de fragilidade perante os perigos da vida e do abandono, de falta de proteção, muitas vezes proporcionada pelo próprio Estado ao não fornecer um serviço de qualidade nas áreas de Saúde, Educação e Segurança Pública? Parte dos telespectadores ao se aproximarem da violência da TV, supomos, poderiam estar buscando localizar exatamente onde estariam os objetos fontes dos estímulos externos e internos. Ao vê-los na TV, não estariam em qualquer lugar, não estariam dentro deles, e assim

ficaria mais fácil obter algum controle sobre o que é excessivo, pois as tragédias acontecem com o outro e não com os telespectadores que assistem a TV, ou ainda, quem comete o crime é também o outro e não os telespectadores, que se certificam que não são maus, como os criminosos aparentam ser. Além disso, alguns dos telespectadores não estariam também se vingando, como o neto de Freud, projetando sua violência sobre aqueles que lhes causam desconforto, frustração e também sobre quem não lhes concede a assistência necessária para ter uma vida melhor, mais fácil, com mais dignidade?

Seja como for, supomos que um dos motivos para se buscar ativamente a violência na mídia, ou seja, procurar notícias ou programas sobre violência, pode ser uma tentativa de controlar tanto o excesso de estímulos provenientes da violência urbana, quanto o excesso pulsional da violência interna, como a realização de desejos egoístas e de vingança, além da possibilidade de um ataque pulsional diante do desamparo, de se sentir desprotegido, por exemplo, na sociedade e pelo Estado.

Apesar dessa interpretação, a proposta de Endo (2005) de que o leitor ou telespectador ao se expor à violência reproduzida pela mídia assumiria uma posição sadomasoquista é interessante e por isso vamos retomá-la, localizando-a em três roteiros, em relação a três fantasias ditas originárias: a Cena Primitiva; a Castração; e a Sedução da Situação Antropológica Fundamental (SAF).

Laplanche e Pontalis (1999a), ao exporem o conceito de fantasias originárias, proposto por Freud<sup>9</sup>, afirmam que elas seriam fantasias típicas, universais e organizadoras da vida fantasística dos sujeitos, independentemente desses sujeitos terem ou não passado por tais experiências. Os autores chamam a atenção para o fato de que elas possuem a característica em comum de se referirem sempre às origens. Dizem os autores em 1985/1990:

Em seu próprio conteúdo, em seu tema (cena primitiva, castração, sedução...), as fantasias originárias indicam também essa postulação retroativa: elas

---

<sup>9</sup> Freud pensava as fantasias originárias remetendo-as a herança biológica, no entanto, a psicanálise atual, sobretudo Laplanche (1997), critica essa ideia de herança biológica, não somente com relação à fantasia da cena originária, mas também com relação às outras fantasias como a castração e a sedução. Como vimos anteriormente, tais fantasias, ou narrativas, seriam formadas pelo meio cultural, sendo então utilizadas pelos sujeitos como “ajudantes de tradução mito-simbólicos”, que fazem contenção ao sexual infantil, como vimos anteriormente e como veremos adiante, e por isso são tão comuns na vida psíquica dos sujeitos e não por serem herança biológica.

reportam-se às origens. À semelhança dos mitos, elas pretendem proporcionar uma representação e uma “solução” ao que, para a criança, oferece-se como importantes enigmas; elas dramatizam como momentos de emergência, como origem de uma história, o que se apresenta ao sujeito como uma realidade de natureza tal que exige uma explicação, uma “teoria”. Fantasias das origens: na cena primitiva, é a origem do indivíduo que se vê figurada; nas fantasias de sedução, é a origem, o surgimento, da sexualidade; nas fantasias de castração, é a origem da diferença dos sexos. Em seus temas, encontra-se, portanto, significado de forma redobrada, o estatuto de “já existente” das fantasias originárias (Laplanche e Pontalis, 1990, p.60-61).

Desta forma, tais roteiros, poderão ser úteis ao interpretarmos o interesse do espectador pela violência na mídia, já que podem servir como modelos explicativos, supomos, para a compreensão da violência de um ser humano para o outro semelhante.

#### **2.4 O conceito de Cena Originária em Freud**

Laplanche e Pontalis (1999a), retomando o surgimento do conceito da Cena Originária em Freud, afirmam que, já na Interpretação dos Sonhos, Freud (1900/1987) chama a atenção para o fato de que, para a criança, a cena de sexo entre os pais é geradora de angústia, justamente por tratar-se de uma cena altamente excitante para ela. Segundo os autores, a cena do coito, presenciada ou fantasiada pela criança, vai se tornando para Freud cada vez mais importante e complexa, à medida em que sua experiência analítica aumenta.

Em 1908 Freud trata sobre as teorias sexuais infantis, dizendo que quando a criança acidentalmente observa a relação sexual entre os pais, ela chega à conclusão de que o coito é imposto de forma sádica pelo pai, ou seja, a criança formaria a “teoria sádica do coito (p.224)”. Essa teoria, segundo Freud (1908/1976), é fruto do que a criança vai percebendo da relação entre os pais, por exemplo, uma recusa da mãe de um abraço do pai; as brigas entre o casal durante o dia, certamente, para a criança, também se estenderiam durante a noite. Além disso, se a criança descobrisse sangue no lençol ou nas roupas íntimas da mãe, ela interpretaria que o pai havia agredido a mãe e daria como certa sua teoria sádica do coito.

Mas, somente ao relatar um caso clínico é que Freud (1918/1976) vai dar nome a esse conjunto de impressões que formam essa teoria sexual infantil. O faz ao interpretar o famoso

sonho do Homem dos Lobos, indicando de maneira convincente que, no cerne desse sonho, haveria uma cena cujo teor envolveria os pais no ato de uma relação sexual. Tal cena, Freud nomeou de Cena Primitiva ou Cena Originária, que foi supostamente observada pelo Homem dos Lobos quando ele tinha um ano e meio de idade. Na época, segundo o autor, a criança não tinha capacidade de reagir adequadamente à cena e por isso ela só veio a ganhar sentido quando, um pouco mais velha, com quatro anos de idade, pôde compreender e ser afetado, a posteriori, pelo que havia presenciado e então foi possível que se produzisse o sonho que lhe trouxe angústia e uma impressão psíquica intensa e permanente, que foi de fato elaborada conscientemente somente 20 anos mais tarde, segundo Freud, quando o Homem dos Lobos estava por finalizar sua análise.

Segundo Freud (1918), o desejo em jogo apresentado pela criança era de obter satisfação sexual do pai, de forma passiva, no entanto, ao compreender a cena originária percebeu que para que pudesse estar no lugar da mãe, seria necessário deixar-se castrar, como havia acontecido com ela. Ser castrado para ser satisfeito sexualmente pelo pai seria um preço alto demais a ser pago, desta forma, segundo Freud o protesto masculino falou mais alto e a preservação narcísica do próprio corpo, o pênis, fez com que ele abandonasse essas pretensões, mas não sem angústia, pois passou a ter medo de lobos, que eram os representantes do pai para a castração.

Freud, ainda no mesmo texto, revela que da cena originária para o Homem dos Lobos, o que era realmente novo para ele “era a convicção da realidade da castração (p.63)”. Mas, ao observar a cena em si, o Homem dos Lobos também obteve outras certezas, por exemplo, que a cena de sexo dos pais era um ato de violência do pai, ou seja, um ato sádico, no entanto, percebendo a satisfação no rosto da mãe foi obrigado a admitir que, apesar da violência do pai, havia uma experiência de satisfação de ambos os pais, quer dizer, uma satisfação sadomasoquista.

Mas a cena originária foi de fato observada pelo Homem dos Lobos ou somente fantasiada? Segundo Laplanche e Pontalis (1999a), Freud, na primeira versão do relato do caso em 1914, defende que ela foi realmente observada, no entanto, os autores citados sublinham que ele, já nessa primeira versão, postula que a cena só é compreendida em um segundo momento, *a posteriori*, ou seja, como vimos acima, a criança presenciou a cena de sexo entre os pais com um ano e meio de idade, mas somente veio a compreendê-la com quatro anos de idade, quando a

cena pôde então fazer efeito (efeito traumático). Na versão de 1918, segundo Laplanche e Pontalis (1999a), mesmo Freud aceitando a possibilidade de a cena ser uma “fantasia retroativa (p.63)” diz que a realidade forneceu pequenas provas como, por exemplo, ruídos no quarto dos pais, o coito de animais, confirmando que a cena de sexo entre os pais seria realidade.

Pois bem, retomando o tema deste trabalho que é o interesse daquele leitor ou telespectador pela violência veiculada pela mídia, perguntamo-nos se não poderíamos ver semelhança no interesse de parte do público pela violência, diante da TV e da leitura de jornais e revistas, com o interesse da criança diante de uma cena originária ou da sua fantasia, já que tanto na primeira quanto na segunda situação teríamos elementos parecidos como, por exemplo, o fato de serem cenas contendo elementos de violência e satisfação? Ou seja, aceitar a programação de violência na TV não colocaria, algum dos espectadores, curiosos na mesma situação em que uma criança, também curiosa, poderia estar vendo violência/sexualidade, ou seja, algo secreto e íntimo, de acordo com sua teoria, pelo buraco da fechadura do quarto dos pais?

#### **2.4.1 A Morte de Sardanapalo e a Cena Originária**

Na nota introdutória do editor inglês do texto relatando o caso do Homem dos Lobos (Freud, 1918/1976) consta que o autor, em 1912, pediu a outros analistas, no que chamou de Fórum Aberto, que: “(...) coligissem e analisassem cuidadosamente quaisquer sonhos de seus pacientes cuja interpretação justifique a conclusão de que aqueles que os tiveram tenham sido testemunhas de um ato sexual nos primeiros anos de vida (p.14)”. Ainda segundo a nota do editor, no começo de 1913, Freud agradece, em um parágrafo de uma publicação, à Dra. Mira Gincburg, pois ela havia atendido seu pedido e contribuído com um sonho que “adequava-se às condições estabelecidas (p.15)”. Assim, é possível perceber o interesse de Freud, segundo o editor inglês, pelo caso do Homem dos Lobos, cujo sonho que relatou em análise continha o que ele veio a chamar de cena primitiva. Contudo, o pedido de Freud por outros relatos de sonhos também se justificaria porque ele estaria em busca da universalidade dessa fantasia em todo ser humano. Laplanche e Pontalis (1999a) consideram que para Freud tal cena pertenceria a um passado herdado, ontogênico ou filogênico<sup>10</sup> da humanidade e que ela se estenderia a todos os

---

<sup>10</sup> Ver nota nº 8.



seres humanos: “(...) um elemento que raramente falta no tesouro das fantasias inconscientes que se podem descobrir em todos os neuróticos e provavelmente em todos os filhos dos homens.” (Freud, 1915, como citado em Laplanche e Pontalis, 1999a, p.63).

Pois bem, sendo possível a existência dessa fantasia para a psicanálise em todos os filhos dos homens, não poderia ser diferente para os artistas, justamente os que expressariam da forma mais precisa os conteúdos conscientes e também os inconscientes. Vez por outra veríamos então indícios da cena originária, principalmente na expressão artística, ou seja, na obra de um escritor, de um escultor, de um pintor, etc. Encontrar esses indícios no quadro *A Morte de Sardanapalo*, do pintor francês Eugène Delacroix (1798 – 1863) é o que faz o psicanalista Jaques André, em um capítulo do livro *As origens femininas da sexualidade* (1996). Vejamos.

Na verdade, não são os indícios, mas a própria Cena Originária que André (1996) busca analisar no quadro de Delacroix, pois para o autor a cena retratada pelo artista na pintura *A Morte de Sardanapalo* é: “(...) uma versão babilônica da cena primária (p.70)”. O que André (1996) procura mesmo investigar na obra, em torno da cena originária, é a seguinte questão: “Quais são os componentes da posição feminina na cena?” No entanto, embora seja interessante tal questionamento, para o desenvolvimento de nossa argumentação neste trabalho, nos contentaremos em trazer o que o autor revela da pintura como um todo.

André (1996) traz em seu texto as próprias palavras de Delacroix quando descreve o tema de sua pintura. Diz o pintor: “Deitado em uma cama soberba, no alto de uma imensa pira, Sardanapalo ordena a seus eunucos e aos oficiais do palácio que degolem suas mulheres, seus pajens e até seus cavalos e cães favoritos, não devendo sobreviver a ele nenhum dos objetos que haviam servido a seus prazeres (p.70)”. André (1996), pergunta se devemos ver terror ou êxtase nos rostos das mulheres retratadas, que estão sendo mortas pelos homens, numa cena de selvageria perturbadora. Diz ainda do quadro, em relação à cena originária “Não falta nada do que constitui seus ingredientes, sobretudo o componente sádico: toda penetração é um assassinato (André, 1996, p.70)”. Afirma, ainda, que a pintura contém: “Amor impregnado de ódio, gozo ameaçado pela aniquilação (p.70)”, e ainda: “Morte e gozo mesclam-se inextrincavelmente, em um caos bárbaro (p.70)”.

Com tais afirmativas sobre a pintura de Delacroix, André (1996) é convincente ao interpretar o quadro *A morte de Sardanapalo*, como sendo uma retratação inconsciente da Cena

Originária, embora não seja essa interpretação o objetivo principal de sua pesquisa. Mas, dentre as afirmativas de André sobre a cena originária retratada no quadro, queremos destacar algumas palavras do autor que qualificam a cena, quais sejam: assassinato; aniquilação; e morte; lembrando que a palavra morte já está no próprio título do quadro e na descrição da pintura por seu autor. Diante desses atributos nos perguntamos se a presunção de assassinato, aniquilação e morte, atribuídas à cena originária, não seria uma interpretação ou uma tradução do Eu, já que segundo Freud, não haveria no inconsciente representação da ideia de morte. Assassinato, aniquilação e morte não seriam, na verdade, esperados, racionalmente ou logicamente, por quem fantasiou ou presenciou tal cena originária, no *a posteriori*? Tal suposição se justifica já que, como observamos no tópico anterior, a teorização da criança sobre o ato sexual dos pais, como indica Freud, levaria à teoria sádica do coito, ou seja, violência sádica por parte do pai e passividade masoquista por parte da mãe, mas não necessariamente à morte dela, embora a morte esteja então apenas como metáfora da castração.

Pois bem, retomando novamente o tema desta pesquisa, não poderíamos ver então no interesse dos espectadores pela violência e pela morte transmitida na TV um interesse já antigo, sendo que desde muito cedo, em sua vida familiar, a criança pôde recolher indícios de violência da relação entre os pais, como indicou Freud em torno da cena primitiva e fantasiar que as agressões poderiam terminar em tragédia? Quando o espectador vê violência e mais especificamente assassinato, aniquilação e morte na televisão, não encontraria também indícios da sexualidade (sadismo e masoquismo) como já poderia ter visto ou presumido antes numa fantasia da cena originária, ou seja, a satisfação das pulsões, como se fosse algo estranhamente familiar (*Unheimlich*)? Em alguns casos de violência e morte, transmitidas pela mídia, há esses indícios de sexualidade. Vejamos.

#### **2.4.2 Cena Originária na Mídia**

Na exposição da violência que estamos analisando, uma das notícias que mais chama a atenção do público é a morte, mas não qualquer morte. O que atrai é a morte principalmente provocada, ou seja, a morte por assassinato. A morte comum, por velhice ou por doença, não interessa a ninguém, a não ser que seja de uma pessoa famosa, uma pessoa influente, um artista,

um empresário ou um político. A morte por assassinato chama a atenção, é o dia a dia de certos programas policiais, atende a um público fiel, são os telespectadores permanentes. Contudo, às vezes, o interesse por uma morte aumenta, ou seja, outros leitores ou telespectadores que não são fieis a esse tipo de programação os procuram para ver os desdobramentos de um caso de assassinato que chamou a atenção de uma quantidade maior de pessoas do que o normal. São os assassinatos que envolvem violência sexual seguida de morte contra adultos (principalmente mulheres) ou crianças.

Esses assassinatos, esses corpos estendidos no chão, não remeteriam o telespectador à cena originária? O assassinato, qualquer assassinato de mulher, não poderia ser o fim esperado da cena originária? Ao nosso ver, diante de um corpo estendido ou exibido, na rua ou na TV, o espectador ou telespectador se põe a imaginar o que teria acontecido com aquela pessoa. Põe-se a imaginar como teriam ocorrido exatamente os fatos que culminaram naquela morte. Diante de indícios de um crime sexual, por exemplo, indicados pelos peritos, pela polícia ou narrados pelo repórter, apresentador do telejornal ou jornalista, o caso fica ainda mais interessante, chama ainda mais a atenção e faz o espectador fantasiar um sadismo sem limite por parte do violentador e um masoquismo inevitável por parte da vítima. Diante disso, podemos supor que nesses casos específicos, o sadismo e o masoquismo imputados aos protagonistas dessas cenas de morte, pelos espectadores, poderiam ser justamente o sadismo e masoquismo já compreendidos a partir da cena originária. A posição de assistir uma cena de assassinato pela mídia, nestas circunstâncias, remeteria esse espectador justamente ao observador da cena de sexo entre os pais, quando era apenas uma criança.

Casos de grande repercussão nacional como o caso do Maníaco do Parque<sup>11</sup> que atraía mulheres para a mata, as violentava sexualmente e depois as assassinava, ou de outros casos de *serial killers*, ou sujeitos perversos, poderiam, a nosso ver, atrair a atenção do público, que ficaria ligado à televisão justamente por remetê-los à cena originária (sadismo e masoquismo) e seus desdobramentos, desde há muito esperados (a morte, ou o assassinato da mãe (mulher) por um pai (homem) sádico), ou seja, à castração.

Pois bem, neste tópico, enfatizamos os casos de violência por homicídio e supomos que em alguns deles, aqueles relacionados à sexualidade, a cena originária poderia ser utilizada como

---

<sup>11</sup> Francisco de Assis Pereira estuprou e matou pelo menos 6 mulheres em 1998, na cidade de São Paulo, as atraindo para um local chamado Parque do Estado.

roteiro de leitura pelos produtores das notícias transmitidas pela mídia e também pelos espectadores, inconscientemente, aumentando assim o interesse pelas notícias violentas, já que o fato apresentado remeteria o espectador aos já conhecidos elementos inconscientes, o que não seria totalmente novo e incompreensível a ele. Mas, como seriam lidos ou interpretados os casos de violência em que os indícios da sexualidade não são tão evidentes à primeira vista? É o que veremos no tópico seguinte.

## 2.5 Castração na Mídia

Dissemos acima que o inconsciente, segundo Freud, devido às suas qualidades especiais, não comportaria a representação da ideia de morte. Ainda segundo o autor, cada ser humano só pode conhecer a morte do outro, nunca a própria, e está convencido, consciente e inconscientemente da sua própria imortalidade (Freud, 1915/1976, p. 327). No entanto, o ser humano tem uma relação com o próprio corpo que visa sempre um interesse narcísico, ou seja, procura preservar o corpo, desde criança, a começar por uma parte erógena de alto valor: o pênis. Nesse sentido, a exemplo do Homem dos Lobos, o ser humano abandona até mesmo os desejos relativos ao Complexo de Édipo, a partir do receio da castração.

Laplanche e Pontalis (1999a), acerca do conceito da castração, segundo Freud, dizem que a universalidade do Complexo de Castração para o menino e para a menina é possível já que a teoria sexual que formula a criança indica que, a princípio, todos teriam pênis, homens ou mulheres, e que o fato de existirem seres humanos sem pênis, as mulheres, só poderia ser explicado pela castração, assim como o Homem dos Lobos pôde observar e concluir da cena originária: para ocupar o lugar da mãe deveria ser castrado como ela. Ainda segundo Laplanche e Pontalis (1999a), “o falo é considerado pela criança uma parte essencial da imagem do ego; a ameaça a ele põe em perigo, de forma radical, essa imagem (p.74)”. Desta forma, a ameaça de castração não se dirigiria somente ao corpo, pois sendo o Eu corporal, segundo Freud, haveria também uma ameaça ao narcisismo. Diante dessas ameaças, haveria a opção pela criança da predominância do falo ou a consequência de ser atingida por uma ferida narcísica.

A partir do que expusemos até agora, podemos concordar que o espectador tem interesse em ver a morte do outro na mídia, numa posição sadomasoquista, como afirma Endo (2005). No

entanto, a representação da forma em que ocorre essa morte pode se dar a partir da castração: mais uma vida foi ceifada!!! Porém se, “ninguém crê em sua própria morte (p.327)”, como afirma Freud (1915/1976), não haveria necessidade de se ter medo diante da violência das ruas, reproduzidas na mídia. Supomos então, que os sujeitos poderiam ter receio, não de simplesmente morrer, mas sim de serem castrados, tanto corporalmente quanto em seu narcisismo, pela violência e pelo desejo do outro. O espectador teria um gozosádico de ver o outro sofrer, ser violentado e morto, ou seja, inconscientemente, ver o outro ser castrado, mas também poderia ter receio de que essa castração, na realidade, pudesse atingi-lo, daí também o seu interesse em ver como isso ocorre a partir da mídia.

Assim, muitas pessoas diariamente acompanham na TV pessoas tomadas pela violência, conseguindo ou tentando retirar algo do outro: furtos, roubos, agressão física, moral e psicológica, latrocínio, violência sexual, homicídios, etc. Veem também diariamente a polícia atrás de criminosos e estes atrás da polícia, sendo a intenção a mesma de ambas as partes: um tentando impedir a ação do outro; um tentando inibir, cercear, podar o outro. Acompanham também a violência no trânsito, não sendo difícil saber (inconscientemente) da equivalência entre o carro e sua potência (cavalo potência) e um objeto fálico.

Assim, supomos que o sadomasoquismo, que explicaria o interesse do espectador pela violência na mídia, postulado por Endo (2005), poderia ser identificado também no roteiro da fantasia de Castração, proveniente do tesouro das fantasias inconscientes, como afirma Freud, e ser utilizado pelos espectadores para que compreendessem o que estaria em torno deste ou daquele fato violento, dessa ou daquela disputa e tentativa de castração de um ser humano para com o outro, que acontece na realidade sendo tão amplamente noticiado pela mídia.

## **2.6 SAF na Mídia**

Segundo Laplanche (1992), a Situação Antropológica Fundamental (SAF) diz respeito, como foi exposto no primeiro capítulo, ao encontro assimétrico e inevitável entre o adulto e a criança. Inevitável devido à incapacidade de o bebê sobreviver sozinho sem a presença de adultos, sejam eles os pais da criança ou não. Tal incapacidade se dá por causa da pouca maturação do bebê humano ao nascer, ou seja, o filhote humano nasce sem estar pronto para

viver por si mesmo tanto no aspecto nutritivo, pois não pode se alimentar sozinho, quanto em relação aos perigos do mundo, já que nem mesmo apresenta medo ao nascer. Laplanche (1992) sublinha então, retomando Freud, o desamparo do ser humano diante da vida, de acordo com seus limitados recursos para sobreviver: “simplesmente precisa de ajuda externa e nem mesmo se dá conta disso (Laplanche, 1992, p.105)”. Perante o outro ser humano, um adulto significativo, no encontro da SAF, a princípio, o pequeno ser está totalmente à mercê, entregue à vontade e ao arbítrio, pois se trata de um encontro, como já fora pontuado anteriormente, totalmente assimétrico, pois o adulto tem um psiquismo já constituído enquanto a criança ainda não o possui. Nesse sentido, Laplanche (1992) propõe que no encontro entre o adulto e a criança, o essencial na relação é a atividade do primeiro e a passividade da segunda, pois “o psiquismo dos pais é mais “rico” que o da criança” (Laplanche, 1992, p.14), e por causa dessa diferença o psiquismo do adulto pode então agir sobre o psiquismo da criança, sendo essa ação violenta em si mesma, justamente pelo desnível dos dois protagonistas desse encontro. Nessa ação, ainda segundo Laplanche (1992), e como vimos também no primeiro capítulo, o adulto envia à criança, mensagens contendo elementos sexuais de seu inconsciente, juntamente com os cuidados dispensados a ela para que sobreviva. Tais mensagens seduziriam a criança e, segundo Laplanche (1992), tal sedução seria generalizada, porque toda criança deve necessariamente ser cuidada por um adulto para que sobreviva. No entanto, algumas dessas mensagens, como vimos anteriormente, são de difícil tradução ou até mesmo intraduzíveis, e se instalariam no psiquismo do sujeito em formação, tornando-se um corpo estranho.

A partir dessas mensagens intraduzíveis, segundo Gutiérrez-Terrazas (2004) é que surgiria então a violência do ser humano, pois elas fariam, de acordo com o autor, um curto circuito em outras mensagens, impedindo também sua tradução: “Esse curto-circuito impede o sujeito infantil de dar uma saída fantasístico-representacional, só ficando aberto o caminho da atuação, tanto em direção a/contra o exterior quanto em direção a/contra o interior (Gutiérrez-Terrazas, 2004, p.124-125)”.

Assim, o mesmo autor não admite a ideia de a violência no ser humano ser inata e ter sua origem em uma ameaça ao narcisismo, pela castração, por exemplo. Afirma ele:

Nesse sentido, é preciso dizer que não há seres humanos constitucionalmente

violentos, porquanto a violência se estabelece no devir daquilo que é intrapsíquico – devir que não se constrói a partir do natural, ou tomando como ponto de partida o natural, o instintivo, no estilo daquilo que foi proposto por J. Bergeret, autor para o qual há uma violência instintiva e inata, necessária à sobrevivência do indivíduo e orientada para a satisfação de uma necessidade de sobrevivência narcísica (Gutiérrez-Terrazas, 2004, p.121).

Para Gutiérrez-Terrazas (2004), como exposto anteriormente, o narcisismo diz respeito a um direcionamento do amor, da sexualidade, ao primeiro objeto total que é o Eu, ou seja, a um objeto pulsional integrado, não sendo, portanto, a fonte da violência. Para o autor, na violência, estaria em jogo a seguinte situação: “Trata-se de uma satisfação de tipo auto-erótico por excelência, que corresponde ao modo de funcionamento de uma sexualidade anárquica, não-integrada ou não-ligada e sem nenhuma consideração pelo objeto (Gutiérrez-Terrazas, 2004, p.123)”.

Assim, a partir do exposto, supõe-se que quando um sujeito atua violentamente sobre o outro, na vida real, está fazendo expor sua sexualidade (não ligada), direcionando-a ao outro. Quem recebe a violência, recebe mensagens enigmáticas (sexuais) de difícil tradução e vai ter que lidar com esse excesso de novas mensagens que pedem elaboração e tradução, pressionando o psiquismo.

No entanto, podemos questionar se essas mensagens violentas não poderiam realmente sofrer algum tipo de tradução pelo psiquismo. Somente teriam seu fim na atuação, como revela Gutiérrez-Terrazas (2004), “em direção a/contra o exterior quanto em direção a/contra o interior (p.124-125)”? Levando em consideração o que diz Andrade (2011), no artigo intitulado “A metapsicologia do masoquismo em Freud e Laplanche”, e então divergindo parcialmente do posicionamento de Gutiérrez-Terrazas (2004), compreendemos que as mensagens violentas podem também ser traduzidas e não simplesmente atuadas. Vejamos o que conclui Andrade (2011) sobre o tema:

Assim, à luz da TSG, o masoquismo pode ser entendido como uma solução, já de caráter narcísico, para o enigma da sexualidade, particularmente quando lançado por mensagens cujo teor seja sádico e, nesse sentido, ressaltando a passividade como resposta complementar e oposta, no jogo de forças, àquele conteúdo vindo do adulto (Andrade, 2011, p.66-67).

Desta forma, a partir desse entendimento, acreditamos que a violência ou a mensagem violenta vinda do outro, muitas vezes sádica, pode ser traduzida, ou ligada, pelo sujeito que a recebe ou que a emite por uma solução de caráter narcísico, como afirma Andrade (2011), a partir do sadomasoquismo, ou seja, o sadismo e o masoquismo seriam uma forma de traduzir as mensagens violentas vindas do outro, de organizar melhor essa sexualidade intrusiva, que até então se encontrava não-integrada ao psiquismo do sujeito. Tal tradução, então, pode também ser fonte de violência, não ficando ela, portanto, limitada pelo fator de mais ou menos integração ou não ligação das mensagens, como vimos com Gutiérrez-Terrazas (2004), já que a violência também pode ser compreendida a partir da defesa narcísica e pela dinâmica a que tais forças servem no psiquismo.

Assim, levando isso em consideração, não fica difícil localizar o sadomasoquismo no roteiro da SAF, da mesma forma como foi localizado na cena originária e na castração, especialmente porque tal roteiro é marcado por uma grande assimetria no encontro entre o adulto e a criança, portanto, violenta em si, o que facilitaria a atividade sádica e a passividade masoquista. O roteiro da SAF, assim, supomos, poderia ser usado para compreender atos de violência na vida real com a mesma assimetria, já que um evento traumático atual poderia ser lido como homólogo ao trauma originário, como indica Carvalho (2012), no capítulo anterior.



## **CAPÍTULO III – A NARRATIVA DE UMA SITUAÇÃO TRAUMÁTICA PELA MÍDIA: O CASO ISABELLA**

Neste capítulo, descrevemos grande parte do material encontrado sobre o caso Isabella, tanto os vídeos acessados pela internet<sup>12</sup>, quanto o material impresso que foi adquirido, entre eles revistas e livros. Almejamos expor o conteúdo do material produzido pela mídia sobre o caso Isabella, ou seja, a história em si construída passo a passo pelos meios de comunicação, bem como descrever a forma como esta história foi sendo contada, quais os recursos, as técnicas que as mídias utilizaram para narrar essa situação traumática em potencial.

### **3.1 Primeiros momentos...**

Isabella Nardoni foi atirada pela janela na noite do dia 29 de março de 2008, por volta das 23 horas e 49 minutos. A primeira viatura do corpo de bombeiros chegou ao local cerca de 16 minutos depois, ou seja, em torno de 00 hora e 05 minutos já do dia 30 de março de 2008. A viatura de resgate chegou às 00 hora e 35 minutos e Isabella deu entrada no hospital às 00 hora e 42 minutos: Isabella estava morta. A notícia do assassinato de Isabella chegou ao público em um programa de alcance nacional, o “Fantástico”, da Rede Globo. Disse o apresentador para introduzir a reportagem: “A morte de uma menina de cinco anos em São Paulo está cercada de mistério. A polícia acredita que ela tenha sido jogada do sexto andar de um prédio (Zeca Camargo, Fantástico de 30/03/2008)”.

Em seguida, a reportagem revelou as primeiras informações e imagens do caso, relatando a idade de Isabella, cinco anos, e que ela passava o final de semana no apartamento do pai, o consultor jurídico Alexandre Nardoni, junto com a mulher dele e os dois filhos do segundo casamento, em um prédio de classe média, na zona norte de São Paulo. A reportagem continua, trazendo então o relato da versão do pai de Isabella de como tudo aconteceu e, ao mesmo tempo em que a repórter conta essa versão, vão sendo apresentados desenhos ilustrativos de cada momento do que ele conta. Narra a repórter: “Ele disse que primeiro levou Isabella para um

---

<sup>12</sup> Os endereços eletrônicos da internet dos vídeos consultados neste capítulo estão disponibilizados por data, no anexo deste trabalho.

quarto onde a menina ficou dormindo. Depois trancou a porta da casa e voltou à garagem do prédio para ajudar a mulher a subir com os outros dois filhos pequenos. Quando chegou ao apartamento viu a tela de proteção da janela cortada e o corpo da filha lá embaixo (Fantástico de 30/03/2008)”. Segundo a repórter, a polícia afirmou que havia sangue no apartamento. Em seguida, o delegado responsável pelo caso é mostrado na reportagem dizendo que naquela situação não havia ocorrido um acidente, pelo contrário, que a menina fora jogada pelo buraco da tela de proteção intencionalmente. A versão de tentativa de roubo (seguido de morte) ou invasão do apartamento, versão essa do casal, nas palavras do delegado: “Essa versão... não me convenceu muito, não (Fantástico de 30/03/2008)”. Ao término dessas palavras, são mostradas cenas de Anna Carolina Jatobá, chamada de madrastra da menina, nas quais ela aparece correndo apressadamente para se esconder das câmeras, sempre acompanhada de um policial, e a informação de que ela e o seu marido Alexandre passaram a madrugada e o dia inteiro daquele domingo prestando depoimento e fazendo exames toxicológicos. Por fim, a repórter diz que o corpo da menina havia sido levado ao Instituto Médico Legal e que os legistas disseram que havia ferimentos no corpo da menina que teriam sido feitos antes da queda. Neste momento a imagem e a fala do delegado são introduzidas novamente: “Alguém, que eu não sei quem é ainda, possivelmente, possivelmente deve ter ferido essa criança, lesionado, batido nessa criança e depois arremessado. Houve um crime onde alguém jogou uma criança de um apartamento (Fantástico de 30/03/2008)”. Retornando à repórter, ela diz que o casal será liberado após o fim dos depoimentos, que a polícia relata que a investigação está apenas começando, que será realizada uma reconstituição do crime e que pedirá agilidade nos resultados dos exames. “O corpo de Isabella será enterrado amanhã (31/03/2008)”, são as palavras finais da repórter e da reportagem.

Essa reportagem durou somente 1 minuto e 49 segundos e nesse curto espaço de tempo o telespectador é conduzido a vários lugares diferentes, a partir de várias imagens. Durante a reportagem vemos uma foto da Isabella em uma festa de aniversário; a filmagem do prédio e da janela com a rede de proteção cortada são repetidas diversas vezes; desenhos ilustram a versão do pai e com eles é possível adentrar ao prédio e ao apartamento do Edifício London; imagens da madrastra buscando fugir dos repórteres também são repetidas algumas vezes; vamos da delegacia ao Instituto Médico Legal. Ao final dessa primeira reportagem, dessa emissora, expondo o caso em rede nacional, fica-se com a certeza de que a polícia e a própria reportagem desconfiavam que

o casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá seriam os responsáveis pelo crime. A sequência de falas e das imagens faz transparecer as suspeitas da polícia em uma insinuação crescente, na qual só não é possível dizer, com todas as palavras, que o casal é culpado, e a reportagem não diz, mas é possível compreender que as autoridades policiais não estão acreditando na versão que o casal conta, e não só pelo que dizem, mas também pela forma que eles se comportavam.

Essa foi uma reportagem, em uma emissora de televisão, em um domingo à noite. Outras emissoras de televisão e jornais de São Paulo também anunciaram o caso naquele dia. Mas o fato é que, durante as semanas que se seguiram a partir do dia 29 de março de 2008, durante toda a investigação até o momento em que o casal foi preso pela polícia como réus para aguardarem o julgamento, houve uma grande cobertura jornalística, tanto das emissoras de televisão e rádio, quanto dos meios impressos, como jornais e revistas. Também na semana do julgamento do casal, que ocorreu entre os dias 22 e 26 de março de 2010, ou seja, dois anos depois da morte de Isabella, o caso voltou a ser explorado com intensidade pela mídia, até que no dia 26 de março o júri popular condenou o casal por homicídio triplamente qualificado. Mas, qual foi o motivo para tamanho interesse pela mídia e pelos espectadores por esse caso de assassinato?

Como dito anteriormente, foram veiculadas muitas reportagens pela televisão, o caso foi estampado em várias capas de revista de circulação nacional, além do lançamento de um livro sobre os cinco dias do julgamento, e até mesmo de uma peça de teatro baseado no Caso Isabella. O fato de Isabella ter somente cinco anos de idade, ou seja, assassinato de criança, sempre chama a atenção das pessoas, como indica em destaque uma reportagem sobre o Caso Isabella de uma revista: “Os inocentes assassinados - Casos de violência contra crianças, no Brasil e no exterior, costumam despertar comoção na opinião pública. Alguns desses casos foram especialmente marcantes por suas circunstâncias” (Revista Época, 07 de abril de 2008, p.88-89). Vejamos quais foram esses casos:

**1932 – O sequestro do bebê Lindbergh.** Foi o primeiro caso de morte de criança que mobilizou a imprensa e a opinião pública americana. Charles Lindbergh Jr., filho do primeiro aviador a cruzar o Atlântico sem escalas, sumiu da casa do pai. O corpo foi encontrado em uma mata próxima, dois meses depois. Um carpinteiro foi condenado à cadeira elétrica, mas até hoje historiadores questionam o comportamento do pai.

**1973 – O caso Carlinhos.** O menino Carlos Ramires da Costa, de 10 anos, foi sequestrado no Rio de Janeiro. Sílvio Azevedo Pereira, funcionário do

laboratório farmacêutico do pai de Carlinhos, foi acusado pelo crime. Condenado em primeira instância, foi por fim absolvido por falta de provas. Durante anos, falsos “Carlinhos” surgiram em todo o país. Uma investigação paralela, do detetive particular Bechara Jalkh, acusou o pai de forjar o sequestro. Nada foi provado. O corpo nunca foi achado.

**1994 – A mãe que afogou os filhos.** A americana Susan Smith, de 23 anos, procurou a polícia da Carolina do Sul afirmando que um assaltante havia levado seu carro com os dois filhos, de 3 e 1 ano. Uma semana depois, o carro foi encontrado num lago. Susan confessou ter jogado o carro ali. Condenada à prisão perpétua em 1995, ainda cumpre pena.

**2001 – Depressão pós-parto.** Em outro caso que chocou os Estados Unidos, Andrea Yates afogou os cinco filhos em uma banheira, em uma pequena cidade do Texas. O crime foi atribuído a uma depressão pós-parto – que leva muitas vezes a atos violentos. Condenada inicialmente à prisão perpétua, foi depois considerada insana e transferida para uma clínica psiquiátrica.

**2007 – Caso Madeleine.** A menina britânica Madeleine McCann, de 3 anos, desapareceu de um quarto de hotel no Algarve, em Portugal, em 03 de maio. Os pais, que passavam férias no resort, disseram à polícia que a haviam deixado dormindo e desceram para jantar. Os pais tornaram-se suspeitos do crime – teriam exagerado ao dar tranquilizantes para a menina dormir. O caso mobilizou a Inglaterra. Até a semana passada, não havia pistas concretas do paradeiro da menina (Revista Época, 7 de abril de 2008, p.88-89).

Tais casos, segundo a reportagem, causam comoção e são marcantes por suas circunstâncias. O fato de serem, pelo menos nesses casos descritos, crianças da classe média ou média-alta, supomos, poderia explicar grande parte dessas circunstâncias que fariam os casos causarem tamanha comoção ou serem tão marcantes. No Caso Isabella, desde a primeira reportagem, como vimos, essa informação aparece: Isabella seria de uma família de classe média de São Paulo.

Apesar disso, ainda continuamos com a questão: porque esse caso chamou tanto a atenção? Nos casos descritos acima, assim como no Caso Isabella, há um mistério a ser resolvido. Quando não se pergunta quem matou a criança, pergunta-se onde está a criança e também se pergunta por que alguém mataria uma criança indefesa. No entanto, o que chama mais a atenção nessas mortes de crianças é o fato dos pais delas estarem envolvidos de alguma forma, ou como suspeitos do crime, ou como autores confessos dos assassinatos. No caso Isabella o pai e a madrasta foram para a polícia, desde o início, os principais suspeitos do crime, no entanto, eles não assumiram a autoria do assassinato, pelo contrário, negaram até o fim, deixando ainda mais instigante e dramático o caso, pois havia a possibilidade de ninguém ser punido pela morte de Isabella, caso a polícia e o sistema de Justiça não conseguissem provar que alguém fosse o

culpado, já que não havia outros suspeitos além do casal e também não havia testemunhas oculares, que poderiam encerrar as investigações com maior celeridade. No caso Isabella, para acusar o casal Nardoni, para indiciá-los como réus, foi necessário que a polícia se baseasse essencialmente em provas científicas, colhidas pela perícia, e usasse da lógica, já que o casal não confessou o crime. A alegação de inocência do casal juntamente com a ausência de testemunhas gerou o efeito de prolongar a investigação, assim como de causar dúvidas sempre que os advogados de defesa diziam ter provas de que o casal seria inocente.

Desta forma, não foram poucos os ingredientes que fizeram desse assassinato um dos casos que tiveram maior cobertura jornalística e repercussão no Brasil. O fato de Isabella ser da classe média, ser criança, ter como principais suspeitos pelo crime seu pai e a madrasta e, além disso, o casal não ter confessado o assassinato seriam, supomos, alguns dos motivos para ser alto o interesse do público, o que explicaria a motivação das mídias em explorarem ao máximo o caso. No entanto, tal resposta parece ser insuficiente por referir-se somente aos fatos reais que afloram à consciência sem resistência, e por isso é que vamos buscar estender essa resposta, principalmente a partir do capítulo IV, com elementos psicanalíticos, buscando então o que está inconsciente, pois recalcado. Mas, antes disso, nos deteremos nos fatos, buscando demonstrar como a mídia explorou o caso Isabella semanalmente.

### **3.2 Primeira semana: de 31 de março a 06 de abril de 2008**

Foram eles? Essa foi a pergunta em torno da qual giraram todas as especulações, tanto da polícia quanto da mídia, nos dois meses que se seguiram à morte de Isabella: abril e maio de 2008. Encontramos uma grande quantidade de vídeos na Internet, mais de 60 vídeos, do dia seguinte da morte da menina até algumas semanas depois de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá terem sido presos como os principais suspeitos do assassinato de Isabella, tornando-se então, definitivamente, réus do processo no dia 07 de maio de 2008. No entanto, até que esse dia chegasse, a mídia noticiou diariamente o andamento das investigações, sempre buscando mostrar os encaminhamentos dos dois lados da situação, tanto dos acusadores: a mãe de Isabella, a polícia, a perícia e o ministério público, quanto dos defensores: o casal, os familiares e seus advogados de defesa, utilizando-se então do suspense para atrair e manter a atenção do público.

Cada novo detalhe proveniente da investigação da polícia, do quebra cabeça montado

pelos peritos criminais, dos procedimentos do ministério público, e do discurso e da vida de Ana Carolina de Oliveira, mãe de Isabella, que davam conta de reforçar a suspeita sobre o casal, foram noticiados pela mídia e, em contrapartida, cada novo detalhe da vida, da postura e da fala do casal Nardoni, de suas famílias e da ação de seus advogados, no sentido de defesa das acusações, também foram noticiados com a mesma intensidade. Declarações de um lado eram prontamente rebatidas pelo outro lado. A ação de um produzia uma reação imediata do outro, gerando então apreensão e expectativa: quem provaria estar certo? Quem venceria: a oratória e as manobras da acusação ou a oratória e as manobras da defesa?

A ação da acusação veio rápida, pois já no dia 02 de abril de 2008, ou seja, quatro dias depois da morte da menina, a polícia pediu a prisão temporária do casal por até 30 dias, renováveis por mais 30 dias, que foi autorizada pela justiça e ocorreu no dia 03 de abril de 2008, quando o casal se entregou. Em contrapartida, como uma ação defensiva, no mesmo dia 03 de abril, os advogados de defesa do casal entregaram à imprensa três cartas: uma de Alexandre Nardoni, uma de Anna Carolina Jatobá e uma da irmã de Alexandre, Cristiane Nardoni. As três cartas se tornaram públicas, foram lidas ao vivo no “Jornal Hoje”, da TV Globo, e tinham como objetivo a defesa do casal. Alexandre escreveu:

Eu como pai de três filhos posso dizer sem dúvida uma coisa: que a Isabela é o maior tesouro da minha vida. Tenho outros filhos meninos, mas a minha menininha era a princesa da casa.  
 [...] Amo a Isabela incondicionalmente, e prometi a ela em frente ao seu caixão, que, enquanto vivo, não sossego enquanto não encontrar esse monstro.  
 [...] Tiraram a vida da minha princesa de uma maneira trágica e não me permitem sentir falta dela, pois me condenam por algo que não fiz.  
 [...] Nós não tínhamos feito nenhuma declaração ainda porque acreditávamos que o caso seria solucionado. Nós não somos os culpados, e ainda encontrarão o culpado. Dessa forma, não precisaríamos mostrar a nossa imagem porque o nosso sofrimento é muito grande. Só que nos acusam e queremos mostrar o que realmente estamos sentindo. A verdade sempre prevalecerá. (Trechos da carta de Alexandre Nardoni lida no Jornal Hoje em 03/04/2008)

A carta de Alexandre Nardoni foi lida integralmente e a ela se seguiu a carta da irmã de Alexandre, Cristiane Nardoni, que foi também lida. Na carta ela pede calma à população, paciência, pois, “Tenho certeza que não foi o Alexandre que cometeu este ato monstruoso e esperamos que essa pessoa seja encontrada”. A irmã escreve ainda que a família Nardoni amava a Isabella e por isso pede compreensão da população para que “Não façam mal a um inocente”.

Logo em seguida é feita a leitura da carta de Anna Carolina Jatobá, que transcrevemos em parte aqui:

Amor da minha vida, você é e sempre será tudo na minha vida, na do Titi e do Alemão. “Isa” a tia Carol te ama muito e te amarei.  
Sei que a palavra madrasta pesa aos ouvidos dos outros, mas para “Isa” sei que eu era a tia Carol. Amo ela como amo aos meus filhos.  
[...] Eu, Alexandre e minha sogra fizemos o quarto dela como ela sempre sonhou. Compramos o baú da Hello Kitty, ela adorava as princesas da Disney e compramos um abajur. Mas acima de tudo isso, o carinho era o que mais contava. Então, o que tenho a dizer é que Isabela era tudo para todos nós. E tenho fé que encontraremos quem fez essa crueldade com nossa pequena.  
Não tínhamos dado nenhuma declaração, pois acreditávamos que o caso seria solucionado. Somos inocentes e a verdade sempre prevalecerá (Trechos da carta de Anna Carolina Jatobá lida no Jornal Hoje em 03/04/2008).

Como dissemos acima, tais cartas foram entregues à imprensa e divulgadas no dia 03 de abril de 2008, no final desse dia o casal se entregou à justiça no Fórum de Santana. A condução do casal até a delegacia teve direito a filmagem aérea de helicóptero pelas ruas e avenidas de São Paulo, e puderam ser vistas ao vivo por quem acompanhava o programa “Em cima da hora”, da Globo News, além de aglomeração de repórteres na delegacia do Carandiru, para onde o casal foi conduzido.

A prisão preventiva do casal, a princípio, parecia ser uma vitória da acusação. A justiça que a mãe de Isabella havia pedido um dia antes quando foi prestar seu depoimento à polícia começava a acontecer. A polícia havia agido com rapidez, ou havia se precipitado, dependendo do ponto de vista, ao recolher indícios da autoria do crime e pedir a prisão preventiva do casal. De todo modo, alguma satisfação estava sendo dada à família de Isabella e à população, que já acompanhava o caso com ansiedade e dúvida em relação a obtenção de alguma resposta. Parecia ser um alívio para a família de Isabella e para quem acompanhava o caso que os principais suspeitos do crime não estivessem livres.

Além disso, no dia seguinte à prisão do casal, em 04 de abril de 2008, sexta-feira, reportagens dando notícia da missa de 7º dia de Isabella foram veiculadas e traziam consigo o conforto da fé. No “Jornal Nacional” o apresentador chama ao vivo a repórter que acompanhava a missa. Ela relata:

Boa noite Bonner. A missa de 7º dia de Isabella Nardoni já dura quase 1 hora. A estimativa é de que mais de 800 pessoas acompanham a celebração, muitas delas em pé. A mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, está sentada na primeira fileira, ao lado do namorado e dos pais. Ela chegou cedo aqui na Igreja e foi muito abraçada por amigos e parentes. O momento mais emocionante da missa foi quando o padre pediu que em silêncio todos rezassem pela garota (Jornal Nacional de 04/04/2008).

No dia seguinte, sábado, 05 de abril de 2008, também no “Jornal Nacional”, mais uma reportagem positiva é apresentada, o que reforçava ainda mais a sensação de que a família de Isabella, principalmente a mãe dela, poderia superar a dor da primeira hora. Diz o apresentador para introduzir a reportagem:

Nenhuma palavra é suficiente para descrever a dor de uma mãe ou um pai que perde um filho. Mas há famílias que tiram desse sofrimento a energia necessária para continuar de pé e dedicam a vida a apoiar quem passa por situações semelhantes. Hoje a mãe de Isabella Nardoni recebeu a visita de uma dessas pessoas (Jornal Nacional de 05/04/2008).

A visita era de Massataka Ota, pai de Yves Ota, anunciou a repórter, garoto que foi sequestrado e morto 11 anos atrás e que motivou seu pai a fundar uma ONG, chamada Instituto Yves Ota, que tem como lema a Paz e o Perdão. Depois de uma hora e meia conversando com Ana Carolina de Oliveira, mãe de Isabella, em sua casa, Massataka Ota diz à repórter: “Tenho certeza que a Isabella no céu está olhando para a mãe e falando: ‘puxa, cumpri a missão e a mãe entendeu’. Entendeu a partir da filha. E não tem nada de ódio, não tem nada de violência. A gente vê que ela está cheia de amor, de perdão, ela não tem raiva de ninguém (Massataka Ota no Jornal Nacional de 05/04/2008)”.

A reportagem continua, trazendo agora exemplos de outras pessoas que perderam filhos de forma violenta e que a partir dessas perdas criaram ONGs para auxiliar outras famílias que também perderam filhos, diz a repórter, trazendo também a fala de algumas das mães que criaram ONGs:

Quando Marcelo morreu aos seis anos de idade Lúcia quase enlouqueceu. Heloisa também não acreditava que conseguiria sobreviver à morte de Fábio de cinco anos. Aos poucos foram descobrindo que compartilhar a dor é o melhor remédio e criaram uma associação de apoio a outros pais (Associação Casa dos Anjos). ‘Qualquer pessoa que consegue ajudar o outro já está se ajudando



(Lígia)’. É o que diz também esta arquiteta que também perdeu a filha de nove anos. A menina caiu do cavalo durante as férias no nordeste. Agora a mãe preside uma ONG que alerta para os riscos na hora do lazer (Associação Férias Vivas). ‘Quando a Vivi morreu e eu percebi que outras crianças poderiam morrer eu achei que alguma coisa tinha que ser feita (Sílvia)’. E elas estão fazendo. Ajudando outras famílias a guardar para sempre só as boas lembranças (Jornal Nacional de 05/04/2008).

Com a mensagem para os espectadores guardarem só as boas lembranças, mesmo que na vida aconteçam situações traumáticas, termina a reportagem daquele sábado, fechando a sequência das outras duas reportagens, a prisão do casal na quinta-feira e a realização da missa de 7º dia na sexta-feira. A mídia veiculou essas três reportagens, que juntas poderiam servir para acalmar certa comoção popular, provocada pela inquietante pergunta: Foram eles? Foi mesmo o pai que matou a filha? Foi mesmo a madrasta que assassinou a enteada? Com a prisão do casal, com a ajuda da religião e seus ritos e a sugestão da mídia para a superação da tragédia, o assunto Isabella poderia ser esquecido, como qualquer outro crime que ganha espaço na mídia, mas desaparece tão logo outro acontecimento chame mais a atenção. No entanto, com o caso Isabella não foi isso que aconteceu. Pelo contrário, após essa primeira semana o caso ganhou ainda maior notoriedade, pois os resultados dos laudos técnicos começaram a ser divulgados, fornecendo novos e surpreendentes detalhes do que supostamente havia ocorrido na noite daquele sábado de 29 de março. Em decorrência dessas novas revelações, a defesa do casal passou a ser ainda mais incisiva em afirmar que eles não haviam cometido aquele crime e, então, as dúvidas e as incertezas voltaram ao primeiro plano na mídia.

Já no outro dia, domingo, 06 de abril de 2008, no “Fantástico”, em entrevista ao vivo com as duas partes do processo, o promotor do caso Francisco Cembranelli e o advogado de defesa Marco Polo Levorin, a defesa saiu na frente respondendo com tranquilidade a seguinte questão, formulada pelo repórter do programa: “Boa noite Marco Polo Levorin. Uma semana depois da morte de Isabella, o senhor acredita, o senhor pode afirmar com convicção que o pai e a madrasta são inocentes desse crime?” O advogado responde da seguinte forma:

Olha Tralli, nós estamos confiantes, tanto é que estamos impetrando, amanhã, uma ordem de *habeas corpus*, não é. Há de fato, até agora, no inquérito policial, um conjunto de provas muito frágil. Não temos provas consistentes. Não temos elementos suficientes para identificar a autoria do crime. É preciso ter muita cautela para que não façamos aí um juízo açodado, precipitado do caso. Nós

entendemos sim que há grandes falhas nesse inquérito, que a gente vai questionar no *habeas corpus* (Fantástico de 06/04/2008).

Com uma fala menos incisiva do que o advogado de defesa, que dizia estar confiante, o promotor do caso Francisco Cembranelli, adotou uma postura de prudência ao responder a questão similar formulada por outro repórter do programa: “Francisco Cembranelli. Uma semana depois do crime o senhor acredita no envolvimento do casal no episódio da morte da menina?” O promotor responde da seguinte forma:

Ainda não foi possível formar convicção a respeito disso. Eu estou muito cauteloso, aguardando a produção de outras provas. Aguardando acima de tudo a juntada das perícias já elaboradas. É importante que fique claro que eu não acuso o casal de absolutamente nada até o momento. Quero formar essa convicção com base numa investigação criteriosa que está sendo feita para apresentar o melhor resultado possível. Não me interessa achar qualquer culpado. Interessa achar o verdadeiro culpado ou verdadeiros culpados (Fantástico de 06/04/2008).

Termina o programa e uma dúvida fica. Se nem o promotor acusa o casal de absolutamente nada, por que eles foram presos? Será que realmente não foram eles? De tão inusitada a história até agora, é difícil acreditar que foram eles.

### **3.3 Segunda semana: de 07 a 13 de abril de 2008**

No dia seguinte, segunda-feira, 07 de abril de 2008, alguns resultados das perícias começaram a ser divulgados. Com eles, pelo modo como foram apresentados na televisão e em revistas de circulação nacional, como a “Época” (de 07/04/2008) e a “Veja” (de 09/04/2008), passamos a não só tomar conhecimento das conclusões dos peritos, como também somos levados para dentro da cena do crime a partir de imagens ilustrativas e animações gráficas, por exemplo, do corpo de Isabella, do carro e do interior do carro, do estacionamento do prédio, do interior do apartamento, da sala, dos quartos da família Nardoni. Na reportagem desse dia, no “Jornal da Globo”, a repórter vai narrando o resultado da perícia e imagens ilustrativas do corpo ou de dentro do apartamento, vão mostrando exatamente onde foram sendo encontradas as provas. A repórter narra:

A dúvida agora é onde e como o assassino machucou a testa da menina. Na primeira perícia foi encontrado sangue no apartamento. Ainda não se sabe de quem é, mas havia pingos em vários pontos. No chão do hall de entrada, logo em frente à porta da cozinha. Uma gota no corredor que dá acesso aos três quartos. Pelo tipo de mancha a vítima estava a cerca de um metro do chão, segundo os peritos. Do lado de fora do quarto de Isabella também havia sangue (na porta), e no quarto dos irmãos uma gota no lençol de uma das camas junto a uma pegada de um sapato de um adulto. Outro pingo na outra cama encostada na parede e na tela de proteção da janela. Com base nas provas técnicas os peritos concluíram que o assassino arremessou Isabella desmaiada pelo buraco da rede. De acordo com a perícia a menina foi jogada de ponta cabeça. Caiu no gramado do jardim e sofreu uma fratura na parte de trás da bacia, mas teve ferimentos antes de cair, como a fratura no pulso esquerdo e um corte de 2 cm na testa por onde ela perdeu muito sangue. Ainda segundo os peritos a menina apresentava sinais de asfixia, como manchas no pescoço e na nuca, outras manchas avermelhadas no pulmão e língua projetada para frente (Jornal da Globo de 07/04/2008).

Com a revelação desses dados periciais a reportagem termina indicando o que, segundo a perícia, seria a conclusão do que foi descoberto até aquele momento: o criminoso havia espancado e esganado Isabella com as mãos antes de arremessa-la pela janela de cabeça para baixo. Além disso, a reportagem indica o que falta a ser descoberto para que se chegue mais perto de uma conclusão do caso como um todo. Anunciam o que está por vir, as cenas dos próximos capítulos. Por exemplo, a perícia quer saber de quem é a pegada deixada no lençol do quarto por onde Isabella foi arremessada e para isso recolheram 30 pares de sapatos de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, que serão periciados. A perícia pediu ainda a quebra do sigilo telefônico do casal. Querem saber para quem eles ligaram desde às 18:30 horas do sábado, quando a família estava no supermercado juntos, até às 02:00 horas da madrugada de domingo, quando a menina já estava morta. Para finalizar, a reportagem informa que os advogados do casal, como anunciado no domingo, entraram com o pedido de *habeas corpus* alegando que Alexandre e Anna não atrapalharam e não teriam como atrapalhar as investigações em liberdade e por isso poderiam permanecer livres.

No outro dia, terça-feira, dia 08 de abril de 2008, as cenas do “próximo capítulo” vieram e com novidades. A mídia tornou pública as imagens da família Nardoni fazendo compras em um supermercado naquele fatídico sábado, horas antes de Isabella ser morta. No “Jornal Nacional” desse dia a reportagem mostra as imagens da câmera de segurança com Alexandre Nardoni, Anna Carolina Jatobá, seus dois filhos e Isabella Nardoni chegando juntos ao supermercado. Alexandre

empurra um carrinho de compras com Isabella e seu irmão Pietro dentro, enquanto Anna Jatobá vem logo atrás segurando o filho mais novo, Cauã. Na outra cena, enquanto Alexandre esperava para fazer algo no balcão do crediário do supermercado, Isabella pega na mão de Anna e dá a outra mão para seu meio irmão Pietro e juntos andam pelo supermercado. Nas imagens que elas aparecem assim, de mãos dadas, aparentam tranquilidade. Depois que Alexandre termina o que estava fazendo, todos vão embora da mesma forma que chegaram, pela escada rolante. Alexandre empurrando o carrinho com Isabella e Pietro dentro e Anna Carolina Jatobá ao lado do marido segurando o filho mais novo. Quando começam a descer a escada rolante, as imagens mostram Alexandre dando um beijo na esposa. Na reportagem um advogado de defesa do casal (Rogério Nery de Souza) responde da seguinte forma ao ser questionado sobre o que aquelas imagens demonstravam: “Demonstra o que vocês viram. Demonstra harmonia. Demonstra tranquilidade. Demonstra boa relação, não só da madrasta com a enteada, mas também do pai com a menina, com a Isabella (Jornal Nacional de 08/04/2008)”.

Apesar das afirmações do advogado de que aquelas imagens favoreciam o casal, e neste momento da investigação parece que de fato favoreceram, no sentido de provar que eles eram uma família “normal”, colocando um ponto de interrogação a mais na cabeça de quem acompanhava o caso, para a polícia, aquelas imagens só queriam dizer uma coisa: Alexandre vestia a mesma roupa, camiseta branca estampada atrás, bermuda jeans e sandálias, tanto no supermercado quanto horas depois, quanto no momento em que sua filha estava caída no gramado do prédio. Essa comparação foi possível, ou foi facilitada, porque havia a filmagem do circuito interno do supermercado e também a filmagem das emissoras de televisão que foram até o local noticiar o assassinato da menina e gravaram Alexandre conversando com um policial. Segundo a reportagem, a polícia iria periciar aquelas roupas, principalmente a sandália que Alexandre usava, para verificar se teria sido ele que produziu a pegada em cima da cama do quarto em que Isabella foi arremessada.

A partir do momento em que a mídia foi divulgando imagens como essas da família no supermercado ou os resultados da perícia, os dois lados, acusação e defesa, procuraram dar a sua interpretação para o material apresentado. Como dito, para a defesa, as imagens da família no supermercado mostravam uma família em harmonia, ou seja, seria inverossímil ver naquele pai e naquela mãe de dois filhos pequenos, de mãos dadas com Isabela, agressores e assassinos de criança. Já para a acusação, o que importava observar nas mesmas imagens era as roupas que

vestiam, para descobrir como elas poderiam incriminar o casal.

A mídia, principalmente a televisiva, parece que soube aproveitar muito bem esse confronto entre acusadores e defensores do casal, e aparentemente foi dado tempo de exposição da mídia igualmente para os dois lados, para as duas versões. Nas primeiras semanas, hora um lado parecia estar na vantagem, ora o outro lado. Nesse momento em particular, na reportagem a qual nos referimos acima, parece que a defesa venceu o confronto, pois ver a família andando tranquilamente no supermercado coloca uma grande dúvida sobre se eles seriam capazes de fazer algum mal àquela menina e, além disso, provava que Alexandre não tinha mentido quando disse que não trocou de roupa quando chegou em seu apartamento, acusação que a polícia tinha feito a ele. Tal sentimento é reforçado com o posicionamento do promotor do caso, que era de prudência. Antes da fala do advogado, ainda na mesma reportagem da família no supermercado, o repórter diz que o promotor Francisco Cembranelli não estava descartando a possibilidade de que uma terceira pessoa estivesse no apartamento. Revela o promotor: “Todas as linhas mencionadas estão sendo investigadas. Eu vou formar minha convicção quando eu tiver um quadro panorâmico de tudo (Jornal Nacional de 08/04/2008)”.

Depois desse dia, quarta-feira, 08 de abril de 2008, parece que a convicção do promotor começou a ser formada rapidamente em desfavor do casal, pois já na sexta-feira, dia 11 de abril, ou seja, 3 dias depois da declaração de prudência, ele já afirmava que o casal tinha relação com os ferimentos que Isabella sofrera antes de ser jogada pela janela. É isso que tomamos conhecimento quando vemos a reportagem do “Fantástico” do dia 13 de abril de 2008. Tal programa dominical trouxe nesse dia, como o próprio programa anuncia, um resumo dos pontos mais importantes da semana sobre o caso: na quarta-feira, dia 09 de abril, mais pessoas foram ouvidas, incluindo vizinhos de apartamento e de prédio do casal; na quinta-feira, dia 10 de abril, são divulgadas as ligações telefônicas do casal e dos pedidos de resgate dos vizinhos; na sexta-feira, dia 11 de abril, o juiz aceitou a argumentação da defesa e liberou o casal da prisão preventiva. Sobre esse último acontecimento, mais uma vez defesa e acusação dão sua interpretação. Para a defesa o casal foi liberado porque as provas contra eles eram muito fracas até o momento. Diz um advogado na reportagem do “Fantástico”: “Nós acreditamos na inocência deles. Nós não podemos ser precipitados (Fantástico de 13/04/2008)”. Em seguida, na mesma reportagem, é veiculada a posição do promotor. Narra o repórter: “O promotor reage. Afirma que o casal tem relação com os ferimentos sofridos por Isabella. Que 10 minutos antes do crime,

testemunhas relatam ter ouvido uma áspera discussão entre Alexandre e Anna Carolina (Fantástico de 13/04/2008)”.

### **3.4 Terceira semana: de 14 a 20 de abril de 2008**

Mais uma semana se inicia, novas revelações e novos resultados da perícia são divulgados pela mídia. Todos os dias alguma notícia é veiculada sobre o caso Isabella. Mais uma semana em que acusação e defesa colocam em prática suas estratégias.

Segunda-feira, 14 de abril de 2008, o “Jornal Nacional” revela que teve acesso exclusivo aos primeiros depoimentos do casal, os depoimentos que eles deram no dia seguinte ao crime. O que chama a atenção na reportagem e o que era novidade sobre o caso é que Anna Carolina Jatobá disse em depoimento que já tivera muitos desentendimentos com a mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, mas que recentemente não se desentendiam mais. O motivo das brigas: ciúmes, disse Anna Carolina Jatobá. Com relação a Isabella, Anna Carolina Jatobá revela que o relacionamento entre elas era ótimo e que eram apaixonadas uma pela outra. Já Alexandre deu sua versão do caso, mas nem confirmou que viu um ladrão no prédio e nem que seu apartamento teria sido arrombado, o que supostamente havia dito no dia dos fatos, segundo testemunhas que também estavam no local.

Terça-feira, 15 de abril de 2008, o “Jornal Nacional” exhibe uma entrevista exclusiva, segundo o programa, de um casal que diz ter ouvido uma discussão vindo do prédio ao lado do edifício de moradia dos Nardoni, pouco antes de Isabella ser atirada. A janela do quarto deles fica bem em frente da janela do quarto de Alexandre e Anna Jatobá, separados por aproximadamente quinze metros de distância de um prédio ao outro. A discussão seria entre um homem e uma mulher e, de acordo com os entrevistados, a voz feminina chamou a atenção porque além de estar em um tom elevado também proferia muitos palavrões. Segundo os entrevistados, passado alguns minutos da “discussão de desespero”, ouviram pessoas gritando lá de baixo e perceberam que uma voz feminina proferia os mesmos palavrões que tinham ouvido poucos minutos antes. Foram até o local onde Isabella estava caída e disseram ter escutado Alexandre dizer que havia cruzado com o ladrão que tinha arrombado a porta do seu apartamento e jogado sua filha pela janela. Na entrevista o repórter pergunta para o homem, vizinho dos Nardoni: “O que mais mexeu contigo desde então?” O entrevistado responde: “O que mais mexeu comigo foi ver aquela criança

deitada no solo sem uma explicação. Ela não representava perigo pra ninguém (Jornal Nacional de 15/04/2008)”. Para a mulher entrevistada o repórter fez a seguinte pergunta para finalizar a entrevista: “Tudo isso a senhora eventualmente, se for necessário, repetirá na frente do Juiz?” Ela responde:

Claro, com certeza. O nosso objetivo principal, primeiramente, justamente é saber o que aconteceu, porque ao mesmo tempo nós temos também filhos, então os nossos filhos estão aqui presentes, então é necessário que se acalme, que saiba o que aconteceu realmente na situação, para que nós possamos ter sossego nos próximos dias (Jornal Nacional de 15/04/2008).

Na quarta-feira (16/04/2008) e na quinta-feira (17/04/2008) foram divulgados os novos movimentos da defesa e da acusação. Na quarta-feira a polícia colheu depoimentos a pedido da defesa de uma corretora de imóveis e de uma montadora de móveis que conheciam a rotina do prédio para provar, segundo um advogado do casal, Ricardo Martins, que: 1) o edifício era vulnerável, pois qualquer um podia entrar no prédio com facilidade; 2) comprovar que o casal havia perdido a chave do apartamento deles; 3) comprovar que alguns dos apartamentos do edifício ficavam abertos, facilitando a presença de alguém dentro deles sem ser notado (Jornal Nacional de 16/04/2008). Em contrapartida, nesse mesmo dia, a polícia, estrategicamente, manda intimar o casal a prestar novos depoimentos na sexta-feira, dia 18 de abril de 2008, justamente no dia em que Isabella completaria 6 anos de idade, utilizando-se assim, a seu favor, do impacto emocional que esse dia em si traria (Jornal Nacional de 16/04/2008). No dia seguinte, quinta-feira, a imprensa divulga um laudo da perícia descartando a possibilidade da presença de uma terceira pessoa na cena do crime, enfraquecendo assim a tese da defesa. Além disso, uma reportagem mostra os preparativos que estão sendo feitos em frente à delegacia em que serão ouvidos Alexandre Nardoni e Anna Carolina, no dia seguinte, ou seja, sexta-feira dia 18 de abril: marcas no chão indicando para não ultrapassar, grades de ferro dividindo os espaços e até banheiros químicos foram colocados em frente à delegacia para conter os repórteres e os curiosos enquanto o casal Nardoni estivesse depondo (Jornal do SBT de 17/04/2008).

Na sexta-feira, dia 18 de abril de 2008, dia do novo depoimento do casal à polícia, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá tiveram dificuldades para sair da casa onde estavam hospedados. A polícia foi obrigada a escoltar o casal até a delegacia, porque uma multidão se aglomerou em frente à casa, e os hostilizavam com gritos, chamando-os de assassinos (Revista

Veja de 23/04/2008). Da porta da casa até o carro da polícia que conduziria o casal, foi preciso a proteção por escudos, pois pedras estavam sendo jogadas para atingi-los (Jornal Nacional de 18/04/2008). Já na delegacia, uma multidão esperou o fim do depoimento do casal, mas por várias vezes cantaram a canção popular ‘Parabéns a Você’, ação que já havia ocorrido, horas antes em frente à casa onde o casal estava hospedado. Exatamente a meia noite do dia 18 de abril de 2008, dia que Isabella completaria 6 anos, pessoas se reuniram na frente da casa e começaram a cantar a canção de aniversário. Na mesma sexta-feira, após o depoimento do casal, a polícia indiciaria formalmente Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá por homicídio doloso triplamente qualificado (art. 121, § 2º, incisos III, IV e V).

No sábado, dia 19 de abril de 2008, e no domingo, dia 20 de abril de 2008, novas informações foram veiculadas. A polícia havia concluído a investigação e com base nos laudos finais da perícia montaram a dinâmica do crime, propiciando a possibilidade de indiciar o casal por homicídio. Na sexta-feira (18/04/2008), no sábado (19/04/2008) e no domingo (20/04/2008), são apresentados no “Jornal Nacional” e no “Fantástico” o que constava nesses laudos finais da perícia e um dia após o outro foram aumentando os recursos para se contar a mesma sequência de fatos. No domingo, por exemplo, no “Fantástico”, foi utilizado como recurso uma reprodução feita por computador do quarto de Isabella. Revelam os apresentadores no começo da reportagem: “Agora vamos entrar no cenário do crime. Uma reprodução feita por computador do quarto de onde Isabella foi jogada. Essa simulação vai ajudar você a entender quais eram e onde foram encontradas as provas recolhidas pelos peritos. Vamos agora ao quarto virtual (Fantástico de 20/04/2008)”. Dito isso a reportagem começa com a seguinte narração, ilustrada com várias imagens:

Um casal que tinha brigas frequentes e de grandes proporções, é o que dizem testemunhas ouvidas pela polícia. Os depoimentos que estão no inquérito revelam mais. O relacionamento de 6 anos dava sinais de crise devido ao ciúme que Anna Carolina Jatobá tinha da mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira. Quando a madrasta e o pai da menina moravam neste prédio, entre 2005 e 2007, vizinhos declararam a polícia terem ouvido várias discussões. Em uma delas, segundo um dos moradores Anna Carolina Jatobá chegou a dizer ao marido que estava mal casada, que ele tinha uma ex-mulher e que infelizmente havia laços que não seriam desvinculados. Para a polícia era esse casal em conflito que chegou ao Edifício London na noite de 29 de março, o sábado em que Isabella foi assassinada (Fantástico de 20/04/2008).



A reportagem continua trazendo alguns pontos que ainda não haviam sido revelados. Por exemplo: os peritos encontraram sangue em três pontos dentro do carro da família Nardoni. Seria uma prova de que Isabella chegou machucada ao apartamento. Além disso, os peritos haviam encontrado sangue em vários pontos do apartamento como já revelado, mas segundo a análise do formato do pingo do sangue, Isabella foi carregada por alguém que teria altura compatível com a de Alexandre. Outra conclusão da perícia apresentada foi que, com a esganadura, Isabella sofreu uma parada respiratória e desmaiou e estava viva quando foi jogada pela janela. Ainda segundo os peritos, as marcas encontradas no pescoço de Isabella são compatíveis com o tamanho das mãos de Anna Carolina Jatobá. Outra novidade foi o depoimento de um morador do próprio Edifício London que teria ouvido, cinco minutos antes de Isabella ser jogada, uma voz de criança dizendo: “papai...papai...papai...para...para (Fantástico de 20/04/2008)”. A reportagem continuou, agora trazendo o que haviam prometido no início, o quarto virtual. Diz o repórter:

Com base nas informações de peritos e com base no projeto do Edifício London o Fantástico fez uma réplica virtual do quarto de onde Isabella foi jogada. O local tem uma televisão, um pequeno armário ali no chão e as camas dos irmãos de Isabella ficavam uma ao lado da outra. E ali ao fundo a janela. Havia pingos de sangue de Isabella no chão e nas camas. O mais evidente foi visto neste ponto do colchão, bem próximo da janela. Os peritos ainda encontraram nos colchões marcas compatíveis com os chinelos que Alexandre Nardoni usava no dia do crime. Na camiseta dele ainda havia marcas da rede de proteção da janela. Segundo a polícia essas provas técnicas levam à seguinte conclusão: o pai jogou a menina pelo buraco feito na rede e a queda foi determinante para a morte de Isabella (Fantástico de 20/04/2008).

Na mesma reportagem foi concedido ainda espaço para a defesa do casal. Um advogado e o pai de Alexandre Nardoni dizem que eles provarão, com testemunhas voluntárias, que o prédio seria vulnerável e logo divulgariam um vídeo demonstrando essa vulnerabilidade. No entanto, não eram esses os personagens que dominariam aquela noite e também os noticiários da semana seguinte. O que era esperado no programa era a entrevista exclusiva que o “Fantástico” fez com Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Eles mesmos buscariam defender-se em rede nacional, e a eles foi dada a palavra. No entanto, a reportagem foi ao ar, não sem um aviso do apresentador sobre a “sinceridade” do casal. Revelam os apresentadores do Fantástico antes de iniciar a entrevista:

Você vai ver agora uma reportagem exclusiva com o pai e a madrasta da menina Isabella atirada do sexto andar em São Paulo no dia 29 de março. É a primeira vez que Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá dão entrevista sobre o crime. Para falar com o Fantástico eles fizeram um pedido: que gravássemos um DVD com as respostas dadas por eles e que entregássemos esse DVD ao casal. A entrevista aconteceu hoje à tarde, no apartamento de amigos da família do prédio onde moram os pais de Anna Carolina Jatobá. Ao repórter Valmir Salaro os dois alegam inocência e se mostram emocionados. Agora você, telespectador, pode avaliar a sinceridade do pai e da madrasta da menina Isabella (Fantástico de 20/04/2008).

A entrevista durou 35 minutos e nela o casal tinha como objetivo mostrar quem eles realmente eram, como pessoas e principalmente enquanto família. Enfatizaram que a mídia havia feito um pré-julgamento deles e as pessoas os estavam julgando sem “ao menos nos conhecer de verdade”, e por isso vinham a público tentar demonstrar que eles eram uma família normal, que tinham brigas normais e principalmente que se amavam. Amavam Isabella e que em hipótese alguma fariam algum mal a ela. Na entrevista, o casal se emocionou e contou fatos que demonstravam que os dois tinham uma boa relação com a menina, por exemplo, que Isabella tomava banho com a madrasta, demonstrava seu amor por ela fazendo coraçõezinhos no vapor do box do banheiro, tinha vontade de chama-la de mãe, mas também vergonha, e que gostaria de ir morar com eles no novo apartamento. Com esses exemplos, o casal estava ali, portanto, para defender-se das acusações que a polícia e a mídia fizeram contra eles e por isso pediram a ajuda das pessoas, pois se alguém soubesse quem tinha feito aquela monstruosidade com a Isabella que procurasse a polícia para acabar com esse pré-julgamento injusto, segundo eles, das pessoas que acompanhavam o caso.

### **3.5 Quarta semana: de 21 a 27 de abril de 2008**

“Para a polícia, não há dúvidas sobre a morte de Isabella: Foram Eles.” Essa frase estampa a capa da revista “Veja” do dia 23 de abril de 2008, juntamente com uma foto do rosto do casal, dando destaque ao olhar deles, do dia 11 de abril de 2008, dia em que foram liberados da prisão preventiva. Tal frase teve como base o indiciamento do casal pela polícia que ocorreu, como vimos, na sexta-feira, dia 18 de abril. A polícia apontou o casal como autor do crime, logo após eles terem dado novo depoimento para a polícia. Feito o indiciamento, quais seriam os próximos passos do inquérito? Vejamos.

Na segunda-feira, dia 21 de abril de 2008, o advogado criminalista, Roberto Delmanto Junior, é chamado a explicar quais seriam os próximos passos da polícia. No “SPTV 2ª Edição” desse dia, uma repórter faz uma introdução dizendo que depois que todos os laudos estiverem prontos e depois que for feita a reconstituição do crime, o inquérito será concluído e enviado ao ministério público que pode ou não fazer a denúncia à Justiça e pedir a prisão preventiva do casal. Se o juiz aceitar a denúncia, o inquérito passa a ser um processo e os indiciados passam a ser réus desse processo. O advogado tem a palavra:

O juiz pode tomar quatro atitudes. Primeiro manda-los a júri popular, chama pronúncia. O segundo é desclassificar o crime para um deles, entendendo, por exemplo, que houve uma lesão corporal seguida de morte, que não houve a intenção de matar. A terceira seria uma absolvição sumária, ou seja, não há realmente hipótese de crime comprovado, a pessoa é inocente. E a quarta opção é a impronúncia, ou seja, não existem provas, mas fica arquivado (SPTV 2ª Edição de 21/04/2008).

Para finalizar, a jornalista reafirma então que se o juiz fizer a pronúncia o casal será julgado pelo júri popular. A justiça convocaria 21 cidadãos e dentre eles seriam sorteados 7 pessoas para compor o júri, que teria então a soberania para condená-los ou inocentá-los, cabendo ao juiz aplicar a pena que poderia chegar a 30 anos de prisão, segundo a repórter.

Pois bem, até que se chegasse ao júri popular seria um longo caminho, mas para chegar lá a polícia teria que fazer ainda a reconstituição do crime. Tal reconstituição foi então o fato mais aguardado dessa semana. No “Jornal Nacional” da terça-feira, dia 22 de abril, em uma reportagem, a polícia anunciou que a reconstituição do crime seria feita naquele final de semana, mas que também outras ações seriam importantes por aqueles dias como, por exemplo, o depoimento da irmã de Alexandre Nardoni, Cristiane Nardoni e do pai dele, Antonio Nardoni, além do depoimento de outros vizinhos do prédio. A reportagem conta que um pedreiro tinha sido ouvido aquele dia e negou que a construção em que trabalhava na época do crime, perto do Edifício London, teria sido arrombada no final de semana da morte de Isabella. Já os advogados de defesa apresentaram também nesse dia uma reclamação na corregedoria de polícia, pois estavam descontentes com algumas atitudes da polícia, mas o conteúdo da reclamação não foi revelado nesta reportagem. Para finalizar, a reportagem revela que Ana Carolina de Oliveira, a mãe de Isabella, além de ter rezado pela filha, havia se encontrado com artistas no Show pela Paz, ocorrido no domingo. Diz a reportagem que sem a presença das câmeras ela encontrou-se

com Xuxa e Ivete Sangalo, e já sob as lentes das emissoras de TV, foi abraçada e recebeu palavras de conforto da dupla Zezé di Camargo e Luciano.

Na quarta-feira, dia 23 de abril, o “Jornal Nacional” revela em reportagem que a irmã e pai de Alexandre Nardoni foram ouvidos naquele dia. Cristiane Nardoni negou que havia dito, após receber um telefonema do pai, poucos minutos depois de Isabella ter sido jogada pela janela, que o irmão tinha feito besteira. Ela negou ainda que lavou a fralda com sangue encontrada num balde no apartamento dos Nardoni e que limpou sangue do chão do apartamento. Antonio Nardoni, em depoimento, também negou que havia destruído provas quando foi ao apartamento no dia 31 de março de 2008, logo depois do enterro da neta. A reportagem mostra ainda que na chegada à delegacia para dar os depoimentos, o carro em que Cristiane e seu pai Antonio estavam teve dificuldade para entrar nas dependências da delegacia, pois uma multidão que fazia vigília em frente ao local cercou o carro gritando: assassinos!!! A reportagem revela ainda que desde o começo da investigação 64 pessoas foram ouvidas, 62 como testemunhas e 2 como suspeitas, que seriam Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Por fim, que a reconstituição do crime seria realmente no domingo, dia 28 de abril de 2008, sendo que o espaço aéreo seria fechado das 7 da manhã até às 09 da noite e as ruas seriam parcialmente interditadas.

Na quinta-feira, dia 24 de abril de 2008, o “Jornal Hoje” entrevistou o advogado criminalista Serguei Cobra Arbex sobre o caso Isabella. Os apresentadores perguntam a ele, dentre outras questões, se o casal seria obrigado a participar da reconstituição do crime, no domingo. O advogado responde que eles podem acompanhar a reconstituição, mas podem optar por não participar, pois não precisariam produzir provas contra si mesmos. Segundo o advogado esse é um princípio básico do Direito. Os apresentadores perguntam então se foi uma falha da polícia não terem lacrado o apartamento no dia do crime, já que o senhor Antonio Nardoni, pai de Alexandre, esteve dentro do apartamento no dia 31 de março de 2008, por 15 minutos, logo após ter voltado do enterro de Isabella, de acordo com o livro de registro da portaria ao qual o “Jornal Hoje” teve acesso. O advogado responde que certamente foi uma falha da polícia, assim como foi falha a grande quantidade de informação que foi divulgada no início da investigação, enquanto o caso estava correndo sob segredo de justiça.

Na sexta-feira, dia 25 de abril de 2008, o “Jornal Nacional” traz uma reportagem revelando o que constava no novo depoimento que o casal Nardoni havia fornecido à polícia uma semana antes, ou seja, no dia 18 de abril. Segundo a reportagem, a polícia tinha provas técnicas

que surpreenderam o casal. Por exemplo, a polícia revelou que encontraram manchas de vômito na camiseta que Alexandre usava na noite do crime. Alexandre disse que não sabia explicar o que havia acontecido. A polícia revelou então que o vômito ocorreu após Isabella ser asfixiada, como uma reação do corpo. Alexandre, mais uma vez não soube explicar como manchas de vômito foram parar em sua camiseta. A polícia afirmou então ter encontrado manchas de sangue de Isabella no carro da família. Alexandre também não soube explicar como havia sangue em seu carro, já que ninguém havia se ferido. Perguntaram então se ele havia limpado o sangue que pingou perto do sofá da sala. Alexandre disse que não viu sangue ali, nem o limpou. Com relação à marca de sua sandália nas camas dos filhos, Alexandre disse que eram dele mesmo. Que não tem costume de pisar na cama com sapato, mas que o fez para poder fechar a janela. Perguntado por que não ligou para o resgate logo que constatou que sua filha tinha sido jogada pela janela, Alexandre disse que tem o costume familiar de ligar primeiro para o pai.

Com relação ao depoimento de Anna Carolina Jatobá, o “Jornal Nacional” revelou que ela justificou da mesma forma que Alexandre o fato de não ter ligado para o resgate, ao saber que Isabella tinha sido arremessada pela janela. Disse que costuma ligar para seu pai primeiramente, para depois ligar para outras pessoas. Relatou que fez isso, ligou primeiro para seu pai, depois para o pai de Alexandre e apesar de estar de posse do telefone celular, assim como Alexandre estava com o dele, resolveu ligar do telefone fixo. O “Jornal Nacional” revelou ainda que no depoimento de Anna Carolina Jatobá, ela se define como uma mulher ciumenta, que briga, é insegura e fala palavrões, mas que ficou mais madura depois do nascimento dos filhos. Anna Carolina revelou ainda nesse novo depoimento que Isabella não se feriu no carro. Não sabe explicar como o sangue foi parar no carro e com relação ao sangue em sua sapatilha, afirma que não há possibilidade disso ter acontecido, pois chegou de tamancos no apartamento aquele dia e o deixou na cozinha, saindo descalça depois que percebeu que Isabella tinha sido jogada. Revelou ainda que não limpou sangue no apartamento e não apertou o pescoço de Isabella com as mãos.

No sábado, dia 26 de abril de 2008, no programa “Em cima da hora”, da Globo News, até mesmo o Presidente da República e o Governador do Estado de São Paulo, Lula e José Serra, respectivamente, comentaram o caso Isabella. Disse o então Presidente Lula, num tom de prudência:

Mesmo que o casal seja inocente eles já estão condenados. Sabe, se eles forem condenados, já foram condenados antes também. Eu acho que é preciso tomar

cuidado ao tratar essas coisas porque são vidas que estão em jogo e vidas destruídas que dificilmente se recuperarão. Sabe, de qualquer forma é uma coisa, sabe, de uma barbaridade imensa e eu acho que a polícia de São Paulo tem a inteligência suficiente para, com muito cuidado, sabe, apurar isso. Agora eu fico preocupado quando a pirotecnia toma conta da investigação. Sabe, quer dizer, vinte e quatro horas por dia tocando no assunto, ou seja, termina inocente sendo culpado, quem sabe os verdadeiros culpados ainda não apareceram, mas o que todos nós desejamos é que a polícia descubra quem praticou o crime e que seja severamente punido (Em cima da hora de 26/04/2008).

Já o então Governador de São Paulo, José Serra, utilizou-se de um discurso mais técnico e não quis se posicionar sobre o caso. Disse ele: “A polícia chegou a suas conclusões, encaminhou para o ministério público, para o promotor. O promotor vai decidir se apresenta ou não a denúncia e aí a justiça vai julgar. Como Governador eu vou aguardar o pronunciamento do ministério público e o pronunciamento da justiça. A polícia fez a sua parte (Em cima da hora de 26/04/2008)”.

Ainda na reportagem desse sábado, é revelado que curiosos já começavam a chegar para acompanharem a reconstituição do crime que estava marcado para o outro dia e que pessoas estavam vindo de longe apenas para ver o local e tirar foto do prédio de onde Isabella foi morta. A reportagem disse ainda que carros atrapalham o tráfego por ficarem mais lentos para ver o prédio. Para concluir, a repórter diz que provavelmente o casal não participará da reconstituição porque eles não precisam produzir provas contra si mesmos, é um direito que eles têm, segundo ela. Em seguida a reportagem mostra o pai de Alexandre Nardoni, senhor Antonio Nardoni, dizendo que ele, enquanto pai, acha que o casal não deveria ir à reconstituição.

Em outra reportagem do “Em cima da hora”, do mesmo dia, 26 de abril, é veiculada a fala do promotor do caso, Francisco Cembranelli, respondendo uma questão que desde o começo intrigou os investigadores. Por que o assassino, seja lá quem fosse, escolheria a janela do quarto dos meninos para lançar Isabella e não o quarto dela própria, já que segundo a versão do pai, ele a teria deixado dormindo em seu próprio quarto? Diz a reportagem que a investigação encontrou a resposta para essa pergunta: “O assassino teria relação emocional com a vítima, por isso escolheu cuidadosamente o local onde Isabella iria cair (Em cima da hora de 26/04/2008)”. E na reportagem o promotor complementa:

Porque os danos físicos seriam muito maiores. Ela cairia direto no granito e no outro quarto ela acabou caindo em cima da grama. ‘O assassino se preocuparia

com isso?’ Se fosse um monstro como dizem os indiciados certamente não se preocuparia nem um pouco. Ele arremessaria de qualquer lugar e de qualquer jeito. Isabella foi cuidadosamente introduzida pelo buraco, foi segurada por um certo tempo pelas mãos e ai delicadamente, se é que podemos usar essa palavra, soltaram suas mãos e ela despencou no vazio, foi isso que aconteceu (Em cima da hora de 26/04/2008).

No domingo, dia 27 de abril de 2008, o dia da reconstituição, que durou mais de 10 horas, o momento mais esperado pelas pessoas que foram pessoalmente ao Edifício London e pelas câmeras de televisão seria a simulação do corte da tela de proteção e o lançamento ou não de uma boneca, com altura e peso próximos aos de Isabella e vestida com roupas parecidas. A dúvida era se a boneca seria lançada ou não pelos peritos, o que seria uma cena impactante quando reproduzida na TV. São feitas chamadas ao vivo, pelos programas “SPTV de São Paulo” e “Globo News”, que dão detalhes do que está acontecendo. Por fim, os peritos cortaram a tela de proteção, que aparentemente ficou com uma configuração bem diferente da tela pela qual Isabella foi jogada. O buraco aparentemente ficou maior e mais comprido verticalmente, sendo que o buraco da outra tela ficou arredondada. Após o corte, a boneca foi introduzida no buraco pelas pernas e segurada pelos pulsos, em seguida o técnico solta um pulso e depois o outro, mas a boneca fica suspensa por um fio que impede que ela caísse no gramado. Depois a boneca foi colocada no gramado na mesma posição em que Isabella foi encontrada. Essas cenas foram repetidas por todas as emissoras de TV na semana que estava por vir.

### **3.6 Quinta semana: de 28 de abril a 04 de maio de 2008**

As dúvidas sobre os autores e a dinâmica do crime voltaram com insistência nessa semana, quando então a mídia tomou conhecimento com maior propriedade dos laudos finais, de certas contradições em depoimentos de importantes testemunhas, e das conclusões produzidas pela polícia. Os procedimentos realizados pela perícia, a começar pela reconstituição do crime, os pontos não esclarecidos pela investigação, assim como afirmações da polícia não comprovadas pelos laudos técnicos, colocaram pontos de interrogação no ar que poderiam favorecer a defesa do casal, que continuava afirmando que as provas até então apresentadas eram frágeis. Esse clima de dúvida permaneceu durante toda a semana e no domingo o “Fantástico” de 04 de maio de 2008 indicou, ele próprio, um caminho que poderia ajudar a resolver o caso e talvez até mudar o

rumo das investigações. Apesar das dúvidas, a polícia concluiu o inquérito policial, acusando o casal de crime hediondo, e o entregou ao ministério público pedindo ainda a prisão preventiva de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá.

Na segunda-feira, dia 28 de abril de 2008, o “Jornal Hoje” entrevista o advogado criminalista Mario de Oliveira filho, presidente da comissão de Direitos Humanos da OAB de São Paulo, que responde questões referentes à reconstituição do crime, realizada no dia anterior. Pergunta a apresentadora do jornal: “Foi uma reconstituição bem feita?” O advogado responde enfaticamente:

Não. Um crime que ocorreu às 23 horas e 30 minutos é reconstituído às 9 horas da manhã, durante o dia, aonde as condições de tempo, as condições de som, de visualização são absolutamente diferentes. Nós temos que considerar que as pessoas que foram ouvidas estavam às 11:30 da noite com janela fechada, diante de televisão, em razão do frio que fazia aquela noite e do vento que soprava e conseguem reproduzir diálogos. A reconstituição deveria ter sido feita nas mesmas condições. ‘Perfeito, segundo o senhor essa reconstituição equivocada pode atrapalhar o desfecho da investigação?’ Pode. Porque é uma reconstituição que já vem atrás dela uma prova pericial colhida fora de tempo, muitos dias depois do crime ter ocorrido, com o apartamento com ingresso de pessoas estranhas. Então, tudo isto já está contaminado e contamina efetivamente o próprio laudo. Isso é ruim. Ruim para a sociedade que quer saber quem praticou o crime e quer sim a punição do verdadeiro culpado (Jornal Hoje de 28/04/2008).

Na terça-feira, dia 29 de março de 2008, são revelados pontos do novo interrogatório do casal Nardoni, realizado no dia 18 de abril, que poderiam ser benéficos para a defesa. “O Jornal Nacional” desse dia traz uma reportagem que revela que afirmações feitas pela polícia a Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, no novo depoimento do casal, não tinham confirmação nos resultados dos laudos técnicos. Dizem os apresentadores do “Jornal Nacional” para chamar a reportagem:

Parte do trabalho da perícia nas investigações da morte da menina Isabella foi usada incorretamente pela própria polícia nas investigações. Segundo informações obtidas pelo Jornal Nacional, não é possível afirmar que havia vômito da menina na camiseta do pai Alexandre Nardoni, ao contrário do que os delegados fizeram durante o interrogatório do suspeito. E mais, segundo peritos ouvidos pelo Jornal Nacional não é possível afirmar categoricamente que havia sangue de Isabella no carro da família, o que os delegados também



fizeram ao interrogarem o pai da menina (Jornal Nacional de 29/04/2008).

A reportagem começa então lembrando que consta nas transcrições dos novos depoimentos do casal que foi afirmado pela polícia que a perícia havia encontrado vômito de Isabella na camiseta de Alexandre. No entanto, o repórter revela não ser isso que consta no laudo técnico, sendo que havia, sim, uma mancha amarelada na bermuda de Alexandre e não na camiseta. Apesar disso, o laudo indica que não puderam comprovar que a mancha amarelada era realmente vômito. Outra afirmação da polícia para Alexandre foi que a perícia havia encontrado sangue de Isabella no carro da família. O repórter diz que segundo os laudos da perícia, devido à pouca quantidade de sangue retirada do carro, o teste com a amostra de sangue indicou somente que aquele sangue tinha o mesmo perfil genético do de Isabella, no entanto, uma mesma família teria o mesmo perfil genético, sendo impossível, portanto afirmar que aquele sangue era realmente de Isabella, como a polícia fez, já que poderia ser dos meios irmãos dela. Segundo a reportagem, para a defesa do casal, essas falhas seriam um dos pontos frágeis do processo, mas além deles, haveria outros pontos favoráveis que beneficiariam o casal.

Nesse mesmo dia o “Jornal Nacional” lembrou que naquele dia a morte de Isabella completava exatamente um mês. Mostrou então uma missa realizada em homenagem à menina e também que funcionários do hospital em que Isabella foi socorrida acenderam velas e levaram cartazes ao túmulo dela. “Acho que de certa forma faz parte da nossa vida a Isabella”, disse uma funcionária do hospital. “Fazer uma homenagem a Isabella e pedir justiça”, disse a outra. Para finalizar a reportagem, os advogados do casal afirmam, sobre as especulações se o casal poderia sair do país, que “eles não irão fugir”.

No outro dia, 30 de abril de 2008, quarta-feira, o “G1” (portal de notícias da Globo) mostra uma reportagem sobre uma missa organizada pelo cemitério Parque dos Pinheiros, onde Isabella está enterrada. A missa contou com 200 convidados entre crianças, jovens, vizinhos, amigos da família e da mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira. Na chegada dela ao cemitério os repórteres a cercam e ela revela: “Gente, eu vou falar com vocês na hora certa, na hora em que eu achar que é a minha hora. Agora eu não estou conseguindo, mas na hora certa eu vou falar com vocês”. Hoje, pergunta um repórter insistindo. “Hoje, eu, desculpa, hoje eu não vou ter condições”, responde Ana Carolina. Até esse momento a mãe de Isabella não havia feito nenhum comentário, não havia dado nenhuma entrevista e por isso os repórteres insistiam sobre quando ela falaria com a imprensa. Nessa altura ela já estava sendo considerada um pouco fria, já que

sempre que aparecia em público não chorava e não falava sobre o caso.

Na quinta-feira, 01 de maio de 2008, o “Jornal Nacional” faz uma reportagem trazendo o conteúdo do relatório final do inquérito que investigou a morte de Isabella Nardoni, assinada pela Delegada Renata Helena da Silva Pontes, que comandou as investigações. Segundo a reportagem, tal relatório foi entregue um dia antes, na quarta-feira, 30 de abril, ao ministério público que decidiria, com base nesse documento, acusar ou não o casal. Para a delegada não havia dúvidas de que realmente foram eles que cometeram o crime. Em um trecho do relatório ela diz que Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá “mantiveram a mentira de forma dissimulada, desprezando o bom senso e discernimento de todos para permanecerem impunes”. Ainda de acordo com a reportagem, o documento final produzido pela polícia “levou em conta as provas materiais conforme laudo do Instituto de Criminalística, as lesões corporais observadas na vítima e os depoimentos de testemunhas”.

Para a delegada as agressões começaram no carro. Renata Pontes escreve: “Anna Carolina feriu a criança na testa, com um instrumento não identificado o qual ela segurava na mão esquerda, ocorrendo de ela virar-se para trás e com o braço esquerdo alcançar o rosto de Isabella”. A delegada diz ainda que o ferimento da testa da menina sangrou e foram encontrados sangue no assoalho, logo atrás do banco do motorista, na lateral esquerda da cadeirinha de bebê e um esfregão atrás do banco do motorista. Apesar dessa afirmação da delegada, como foi demonstrado no próprio “Jornal Nacional” de terça-feira, 29 de abril, não era possível afirmar com base nos laudos técnicos que aquele sangue encontrado no carro era realmente de Isabella, pois como foi dito, os testes indicaram somente que o sangue tinha um perfil genético igual ao da menina, o que impossibilitava a afirmação de que era realmente dela, já que poderia ser dos irmãos, ou do pai dela, sendo que os membros de uma mesma família teriam o mesmo perfil genético. Mesmo com essa questão em aberto, a delegada resolveu manter essa dinâmica do crime que montou, pois outros indícios, como o sangue encontrado logo na entrada do apartamento indicavam que Isabella chegou sangrando dentro do apartamento, portanto teria se ferido no carro, já que também não foram encontrados sangue entre o carro e o apartamento. Para a delegada, após a chegada da família ao estacionamento do edifício, todos subiram juntos ao apartamento, sendo que Isabella teria sido carregada no colo do pai. Quando dentro do apartamento, Alexandre teria jogado a filha no chão perto do sofá, o que causou as fraturas no quadril e no pulso da menina. Nesse lugar onde Isabella ficou sentada, foi detectada, a partir de

produtos químicos, a maior quantidade de sangue que foi limpo, segundo a delegada, “ao que tudo indica, com uma fralda de criança”. Reagentes químicos também detectaram sangue na fralda que foi encontrada em um balde com água, já lavada, perto do tanque. Outras roupas sujas estavam na lavanderia, mas só a fralda estava sendo lavada e isso chamou a atenção da perícia. Ainda para a delegada “o pescoço de Isabella foi apertado por tempo considerável e de maneira forte, a ponto de sofrer asfixia”. Duas testemunhas disseram em depoimento que ouviram na noite do crime, uma criança falando “papai, papai, papai, para”, e de acordo com a delegada, por causa das lesões no pescoço, Isabella não podia gritar, portanto a voz era do irmão da menina, Pietro, “que gritou pelo pai a fim de que ele intercedesse no momento em que Isabella estava sendo asfixiada. Sendo assim, deduz-se que a pessoa que apertou fortemente o pescoço da vítima foi Anna Carolina Jatobá”, a madrasta. Segundo a delegada, Anna Carolina asfixiou Isabella e foi Alexandre Nardoni que a jogou pela janela, fato este comprovado pelas marcas das sandálias dele na cama dos filhos e das marcas da tela de proteção em sua camiseta.

Assim, por essas provas a delegada ao final do relatório pede a prisão preventiva do casal, pois não haveria tempo para uma terceira pessoa entrar no local do crime e também não foram encontrados vestígios dessa pessoa dentro do apartamento. De acordo com a delegada, o pedido de prisão preventiva se justificava “para garantir a ordem pública, para impedir a fuga dos indiciados do distrito da culpa, para assegurar a aplicação da lei penal”. Finalizando, a delegada classificou o crime como hediondo e escreveu que a ação do casal “foi um ato covarde, demonstrando a maldade e desprezo à vida humana”.

No outro dia, sexta-feira, 02 de maio de 2008, o “Jornal Nacional”, a partir de uma reportagem, revela mais detalhes do dia do crime, trazendo agora trechos das chamadas telefônicas de moradores para a emergência pedindo socorro para Isabella, e também trechos dos depoimentos dos pais de Anna Carolina Jatobá e dos pais de Ana Carolina de Oliveira, que segundo a reportagem, ajudaram a polícia a conhecer o perfil psicológico do casal.

De acordo com a reportagem, às 23h49m59s foi registrada a primeira chamada do morador do térreo, senhor Antônio Lúcio para a emergência: “Policia militar emergência. – Pelo amor de Deus, filha, tem ladrão no prédio, jogaram uma criança de lá de cima, pelo amor de Deus”. A outra chamada, a partir de outro vizinho, João Carlos, ocorreu 2 segundos depois às 23h50m01s: “Bombeiro emergência: – Uma criança caiu aqui cara do terceiro ou quarto andar. Aconteceu agora? – Agora, agora neste momento.” Ainda segundo a reportagem, outras cinco

ligações foram feitas das 23h51m41s às 23h57m11s, mas, como já dito, nenhuma ligação partiu do apartamento ou dos celulares do casal Nardoni, o que para a polícia era muito suspeito.

A reportagem desse dia continua trazendo posteriormente relatos dos pais de Anna Carolina Jatobá e Ana Carolina de Oliveira, que para a polícia, como dito, ajudou a montar o perfil psicológico do casal. No depoimento dado à polícia em 02 de abril de 2008, a mãe de Anna Carolina Jatobá, que também se chama Anna, Anna Lúcia Trotta Peixoto Jatobá, disse que a filha gostava muito de Isabella e dos próprios filhos, tratando-os com carinho, no entanto, ela também relata que havia brigas entre o casal, por ciúmes ou por causa do filho Pietro, sendo que por vezes, sua filha ia para a sua casa passar alguns dias até que as coisas se acalmassem. Com relação ao depoimento do pai de Anna Carolina Jatobá, senhor Alexandre José Peixoto Jatobá, a reportagem revela que a relação entre os dois era tumultuada, pois a filha já havia registrado dois boletins de ocorrência contra o pai, já que ela teria sido “agredida a socos, tapas e pontapés pelo seu genitor”. O pai de Anna se defende dizendo que nas duas ocasiões “houve desrespeito contra a figura do declarante como pai, fato que não aceitou e reprimiu de forma calorosa”. Já com relação ao depoimento dos pais de Ana Carolina de Oliveira, a reportagem revela que o pai dela, senhor José Arcanjo de Oliveira, disse em depoimento que ele e a sua esposa não aprovavam a pessoa de Alexandre Nardoni, e nem o relacionamento da filha com ele, porque Alexandre “era uma pessoa que gostava de demonstrar que sua família seria poderosa e de muitas poses”. Além disso, o senhor José Arcanjo disse ainda que Alexandre ameaçou sua esposa de morte quando Isabella começou a frequentar a escola, o que Alexandre não aceitava, sendo necessário a intervenção de seu pai, senhor Antonio Nardoni, levando-o embora do local para que a briga tivesse fim. No depoimento da mãe de Ana Carolina de Oliveira, senhora Rosa Maria da Cunha de Oliveira, ela relata que há 6 anos Alexandre foi vítima de tentativa de homicídio por ter adquirido um carro de uma pessoa jurada de morte. A partir desses e de outros relatos, segundo a reportagem, a polícia conseguiu montar um perfil psicológico do casal, que não era dos mais favoráveis.

No sábado, 03 de maio de 2008, novas contradições, que não foram esclarecidas pela investigação, são apresentadas pelo “Jornal Nacional”. A maior divergência foi com relação ao horário que aquele casal que mora no prédio ao lado do Edifício London disse ter escutado a briga dos Nardoni, poucos minutos antes de Isabella ser atirada pela janela. No depoimento deles à polícia, como está descrito acima, referente ao dia 15 de abril, o homem contou que ouviu uma

forte discussão vinda do Edifício London por volta das 23 horas, que durou 15 minutos. Ele disse ainda que olhou para o relógio exatamente às 23h23m e justamente neste momento ouviram uma mulher dizendo “jogaram a Isabella do sexto andar”. Como foi relatado anteriormente, eles alegaram que essa voz era a mesma da mulher que ouviram discutir anteriormente, porque ela falava os mesmos palavras. No entanto, como ponto divergente desse depoimento, está o fato de que o carro da família Nardoni foi desligado, segundo o GPS instalado no carro, exatamente às 23h36m, momento em que chegaram à garagem do edifício. O repórter argumenta: “Ou o relógio estava errado ou a discussão que ouviram não era do casal que só chegaram ao prédio às 23h36m”. Por essa contradição, segundo a reportagem, esse depoimento do casal, que tinha sido anunciado como testemunha chave para a investigação, ficou de fora do relatório final, o que poderia beneficiar a defesa. Além disso, outras testemunhas disseram que naquela noite duas festas aconteceram, uma no prédio ao lado do Edifício London e a outra numa casa na rua de trás ao edifício dos Nardoni. Segundo a reportagem, a defesa do casal poderá usar o barulho das festas para também contestar os depoimentos das testemunhas, que disseram ter ouvido a briga do casal Nardoni.

Diante das contradições e divergências relatadas durante a semana, no domingo, 04 de maio de 2008, o “Fantástico” trouxe uma reportagem que, segundo ele, poderia ajudar a esclarecer um desses pontos e quem sabe até a mudar a história do assassinato, segundo o que anuncia o repórter. Dizem os apresentadores para chamarem a reportagem: “O caso Isabella Nardoni. Um exame simples pode indicar se é da menina o sangue no carro da família. Essa dúvida até hoje não foi esclarecida pelos peritos de São Paulo. Uma técnica rápida e eficiente, que pode mudar até a história do assassinato da menina (Fantástico de 04/05/2008)”. Após essa introdução vem então a reportagem que gira em torno de explicar essa técnica. Para isso trazem a fala do geneticista Elizeu Fagundes de Carvalho, professor e integrante do Conselho Federal de Biologia afirmando: “Em termos de análise genética o caso ainda precisa ter continuidade”. Explica o professor que, analisando os relatos dos exames feitos pelos peritos de São Paulo, constatou que foram realizados somente testes de DNA genômico ou DNA nuclear, o mais comum nesses casos, mas que não foram adequados para chegar à conclusão de que o sangue encontrado no carro, por exemplo, era de Isabella. No entanto, segundo o professor existe outro tipo de teste de DNA, mais avançado, que poderia dizer se há ou não sangue de Isabella no carro. O professor se refere então ao teste de DNA mitocondrial. A mitocôndria é uma molécula

responsável pela respiração celular. Ensina o professor:

Uma molécula que garante possibilidade de análises quando o DNA nuclear está muito degradado ou então foi encontrado em quantidades muito baixas. A quantidade para fazer DNA mitocondrial é da ordem de 1 mil à 10 mil vezes menor do que a quantidade necessária para fazer a análise de DNA nuclear (Fantástico de 04/05/2008).

Ainda segundo o professor a mitocôndria é uma herança exclusivamente materna, desta forma, o sangue encontrado no carro poderia ser comparado ao sangue da mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, o que, segundo o professor, revelaria com maior precisão se o sangue encontrado na cadeirinha de bebe no carro é ou não da menina. Diante disso o repórter finaliza dizendo: “A resposta tanto para a defesa quanto para a acusação é considerada decisiva para explicar o que aconteceu na noite do crime”.

### **3.7 Sexta semana: de 05 a 11 de maio de 2008**

Mais uma semana se iniciou e mais uma vez a imprensa produziu reportagens diárias sobre o caso. Não sem justificativa, pois a semana era decisiva para a acusação, pois todos aguardavam o posicionamento do ministério público, que acusaria ou não o casal, e também o posicionamento do juiz que aceitaria ou não a denúncia. Tudo isso ocorreu durante essa semana, o promotor acusou, o juiz aceitou a acusação e o casal foi finalmente preso para esperar o julgamento, agora como réu do processo. A imprensa não poderia esperar semana melhor, pois foi uma semana movimentada que seria fechada com chave de ouro, pois a mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, resolveu dar sua primeira entrevista diante das câmeras, para o “Fantástico”, no domingo de 11 de maio de 2008, quebrando então a aparente frieza que já estava sendo anunciada pela mídia, segundo muitos que a observavam. Mas antes da entrevista, acompanhemos o que foi divulgado desde a segunda-feira, dia 05 de maio de 2008.

Naquela segunda-feira o “Jornal Nacional” voltou a falar sobre o teste de DNA mitocondrial que tinham anunciado no domingo, como exposto acima, como o teste que poderia resolver o caso, ou mudar a história do crime. Revelam então que a Secretaria de Segurança havia descartado a possibilidade de realizar o exame de DNA mitocondrial pelo fato de que a quantidade de sangue encontrada no carro e na fralda de bebê que tinha sido lavada simplesmente

não era suficiente nem mesmo para esse teste, apesar dele exigir uma menor quantidade de amostra. Assim, tomamos conhecimento de que algumas dúvidas nessa investigação não seriam sanadas, nem agora, nem provavelmente nunca.

Na terça-feira, dia 06 de maio de 2008, o “Jornal Nacional” anuncia que o promotor de justiça Francisco Cembranelli ofereceu denúncia e pediu a prisão preventiva de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá por terem praticado o crime de homicídio doloso, quando se tem intenção de matar, triplamente qualificado, pois realizado por meio cruel, sem chances de defesa para a vítima e para ocultar outro crime, que seria a agressão feita à menina como lesões físicas, asfixia e o lançamento dela pela janela. Segundo a reportagem, o promotor não falou na motivação para o crime e sim nas circunstâncias em que o crime ocorreu. Para o promotor, houve uma discussão entre o casal conforme voltavam do passeio, relacionada a ciúme, e a partir dessa discussão seguiram-se as agressões que levaram à morte Isabella. Na entrevista coletiva que Francisco Cembranelli concedeu à imprensa naquele dia, segundo o repórter, um dos pontos mais questionados foi se havia ou não sangue de Isabella no carro e na fralda. O promotor afirma que o sangue era da menina, sim, e esse fato seria provado ao longo do processo. Ainda segundo a reportagem o promotor pediu a prisão do casal “por causa da repercussão e da gravidade do crime, pelo perfil agressivo que, segundo o promotor, o pai e a madrasta de Isabella têm, e ainda pelo fato do casal ter cometido, segundo a denúncia, o crime de fraude processual, no caso alterar a cena do crime para destruir provas (Jornal Nacional de 06/05/2008)”. Ainda de acordo com a reportagem o advogado de defesa considerou a denúncia frágil. Disse o advogado Marco Polo Levorin ao repórter: “Nós entendemos que a denúncia é de fato superficial. A gente vem ressaltando a vulnerabilidade das provas, e a gente pode observar e confirmar isso na própria denúncia (Jornal Nacional de 06/05/2008)”. Para finalizar, a reportagem traz a informação de que o juiz do caso Maurício Fossen teria até 05 dias para aceitar ou não a denúncia e pedir a prisão do casal. Caso condenados eles poderiam receber de 12 a 30 anos de prisão.

No dia seguinte, quarta-feira, dia 07 de maio de 2008, o juiz Maurício Fossen dá o seu parecer sobre o caso, aceitando integralmente a denúncia oferecida pelo ministério público e manda prender Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. É isso que vemos no “Jornal Nacional” e no “Jornal da Globo” desse dia. A delegada Renata Pontes, responsável pelas investigações, recebeu por fax o mandado de prisão depois das 18 horas e executou a ordem judicial ainda naquele dia. Segundo o repórter do “Jornal Nacional”:

Na sua decisão o juiz considerou que há comprovação da materialidade do crime pelo exame necroscópico, além da existência de indícios da autoria do crime com individualização de condutas, ou seja, Maurício Fossen considerou que o inquérito deixou claro o que Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni fizeram para matar Isabella. O processo já foi aberto e os dois passaram agora a ser réus (Jornal Nacional de 07/05/2008).

O promotor do caso Francisco Cembranelli falou à imprensa após essa decisão e em tom otimista conclamou justiça e pediu o apoio popular. Disse ele: “É muito importante novamente reiterar o propósito da promotoria de não deixar que Isabella seja esquecida. Nós iremos levar adiante esse ideal de justiça e eu conto com o apoio popular. Nós queremos que a justiça triunfe (Jornal Nacional de 07/05/2008)”.

O casal estava em Guarulhos, hospedado na casa dos pais de Anna Carolina Jatobá, as imagens captadas pelas câmeras de televisão em frente à residência davam conta de um imenso esquema da polícia para levar o casal preso à delegacia. Estavam posicionadas em frente ao local mais de 40 viaturas de polícia e segundo a repórter mais de 800 pessoas aguardavam o casal ser levado para a delegacia. No “Jornal da Globo” do mesmo dia, vemos então o casal se entregando à polícia, sendo algemado e colocado separadamente dentro de viaturas para serem conduzidos. Chegando à delegacia as imagens mostram uma multidão aguardando o casal, que precisou ser protegido e conduzido para dentro das dependências da delegacia, ao som de gritos pedindo justiça.

Nos dois dias seguintes, 08 e 09 de maio de 2008, o jornal “SPTV 2ª Edição” noticiou que Anna Carolina Jatobá havia sido transferida duas vezes, a primeira da Delegacia de Americanópolis, onde passou a noite, para a Penitenciária Feminina Santana, Carandiru, e depois no mesmo dia para a Penitenciária Feminina, em Tremembé, no interior de São Paulo, pois as detentas das duas instituições não aceitaram Anna na mesma prisão que elas devido ao crime que ela supostamente havia cometido. Já Alexandre foi aceito no 13º DP, na Casa Verde, no primeiro dia, 08/05/2008, no entanto, já no dia 09/05/2008 os presos escreveram no pátio que não queriam Alexandre naquele distrito, o que motivou o pedido dos policiais para ele ser transferido. Além dessas notícias, o jornal trouxe ainda que os advogados de defesa iriam pedir novamente o *habeas corpus* do casal alegando que ele não atrapalhou a investigação e que tinha residência própria e, portanto, podia esperar o julgamento em liberdade.



No sábado, dia 10 de maio de 2008, não encontramos nenhum vídeo na internet, mas no dia seguinte, no domingo 11 de maio de 2008, o “Fantástico” levou ao ar uma entrevista que dominaria o assunto da mídia nos próximos dias da semana que estavam por vir. A tão aguardada entrevista com a mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, que até então não havia falado com a imprensa. Abaixo trazemos alguns pontos dessa entrevista, que consideramos mais relevantes. Quem entrevistou Ana Carolina foi a apresentadora Patrícia Poeta, que fez a seguinte introdução antes da entrevista:

Ana Carolina de Oliveira nunca chegou a morar com Alexandre Nardoni. Eram namorados e ela engravidou aos 17 anos. Quando Isabella era um bebê de apenas 11 meses os dois se separaram. Começou uma relação difícil entre Ana Carolina e Alexandre. Na noite de 29 de março passado, Isabella foi esganada e depois jogada do 6º andar do Edifício London em São Paulo e morreu. Essa semana os dois suspeitos do crime Alexandre Nardoni e a mulher dele Anna Carolina Jatobá, madrasta de Isabella, viraram réus do processo de assassinato e foram parar na cadeia. Ana Carolina decidiu que era hora de falar (Fantástico de 11/05/2008).

A entrevista durou aproximadamente 33 minutos e Ana Carolina de Oliveira respondeu às perguntas formuladas pela apresentadora de forma tranquila, mas demonstrando emoção, principalmente nos momentos em que falava da filha. A princípio disse que estava se sentindo muito angustiada e que demorou para cair a ficha de que Isabella não voltaria. Depois relatou sobre seu relacionamento com Isabella e disse que sentia muita a falta dela, principalmente à noite. Patrícia Poeta perguntou por que ela ficou calada todo esse tempo, já que não havia concedido nenhuma entrevista ainda. Ana Carolina argumentou que não queria falar sem saber da verdade e não queria se expor, queria esperar os resultados das investigações. A repórter afirma que ela está sendo forte, em enfrentar tudo o que ela passou, mas para algumas pessoas isso foi confundido com frieza. Ana Carolina revela que tem seus momentos de chorar. Que chora muito quando volta do trabalho e não encontra a filha. Mas afirma que não consegue chorar toda hora, sair em público e simplesmente chorar. Disse que às vezes chorar pode soar como falsidade. “Não é porque eu chore ou qualquer pessoa chore que seja sinceridade”, disse Ana Carolina, talvez se referindo à entrevista que Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá concederam também ao “Fantástico” e choraram. “Eu vou ter forças para continuar por ela”, completou Ana Carolina. Continuando a entrevista Ana Carolina disse que chegou rápido ao local do crime

porque estava indo à casa de uma amiga que mora perto do Edifício London. Disse que estava retornando de um churrasco com essa amiga. Quem ligou avisando sobre a tragédia foi a Anna Carolina Jatobá e quando ela chegou ao edifício a viu gritando muito na rua e Alexandre insistindo para que a polícia entrasse no prédio porque, segundo ele, o responsável pela morte da filha estava lá dentro. A repórter pergunta o que ela sentiu naquele momento, vendo a filha no gramado. Ana Carolina responde: “Uma dor muito grande de eu não poder ter defendido ela naquele momento”. Segundo Ana Carolina em momento algum Alexandre ou Anna Jatobá falaram com ela no edifício, ou no velório da menina, ou ainda no enterro. Disse que no velório Anna Jatobá deu um abraço indiferente nela e disse: “Você nem ligou para ela”. Já no hospital, Ana Carolina revela que após a médica confirmar que Isabella estava morta, ela mesma ficava entrando e saindo do quarto porque não estava aguentando ver sua filha daquele jeito. Disse que em um momento abraçou forte a filha, beijou-a muito e disse; “Filha, a mamãe vai deixar você ir em paz e a mamãe vai ficar aqui para lutar por você”. A repórter pergunta se ela achava que Anna Jatobá tinha ciúmes dela. Ana Carolina disse que Anna Jatobá tinha ciúmes, sim, porque o próprio Alexandre havia dito isso a ela algumas vezes, além disso, a família de Alexandre também tinha feito a mesma afirmação. O promotor Cembranelli acreditava que o crime teve como contexto o ciúme de Anna Jatobá. Seria isso mesmo, questiona a repórter. Sim, responde Ana Carolina, porque a imagem de Isabella seria a imagem dela própria, afirma Ana Carolina. No entanto, apesar desse ciúme, Isabella nunca havia revelado que a madrasta algum dia havia a agredido ou a maltratado. A repórter pergunta então se Ana Carolina havia assistido à entrevista do casal e se achava a madrasta convincente. Ana Carolina disse que Anna Jatobá não foi convincente na entrevista, nem um pouco. A repórter pergunta então se algum dia Isabella manifestou querer ir morar com o pai e a madrasta e se ela confundia as duas Anas como mãe, chamando em alguns momentos Anna Jatobá de mãe. Ana Carolina disse que nunca Isabella manifestou esse desejo de morar com o casal e que ela tinha uma mãe que não deixou faltar nada a ela e, portanto, ela não precisava de outra mãe. A apresentadora relembra a entrevista de Anna Jatobá em que ela relata que Isabella demonstrava o amor que tinha por ela, pela tia Carol, desenhando corações no vapor do box, quando tomavam banho juntas. Ana Carolina revela que isso que Isabella fazia não era exclusividade para Anna Jatobá, era, sim, costume da menina fazer isso sempre que tomava banho, seja com a avó materna, seja com ela mesma, Ana Carolina de Oliveira. Para finalizar, Ana Carolina revela que o próximo dia das mães seria para ela o dia mais

triste da vida dela, por passar sem a filha e que ela acreditava que a justiça estava começando a ser feita nesse país com a prisão do casal, pois acreditava, sim, que eles seriam os autores do crime que levou sua filha à morte.

### **3.8 De 12 de maio de 2008 a 04 de março de 2013**

De maio de 2008 até março de 2013 passaram-se quase cinco anos da morte de Isabella e muita coisa aconteceu desde então. Muitas notícias sobre o caso foram divulgadas, sendo as principais delas referentes ao julgamento do casal, que ocorreu do dia 22 de março de 2010 ao dia 26 de março de 2010. O casal, por fim, foi considerado culpado e recebeu as mais altas reprimendas possíveis da Justiça para seu caso, de acordo com a atual legislação penal brasileira. Alexandre Nardoni foi condenado a 31 anos, 1 mês e 10 dias de reclusão e Anna Carolina Jatobá recebeu a pena de 26 anos e 8 meses de reclusão. O julgamento teve grande cobertura jornalística e a imprensa agiu da mesma forma que nas semanas que relatamos acima, ou seja, com reportagens diárias, chamadas ao vivo, entrevista com promotor e advogados de defesa, além da entrevista com outros juristas, peritos, psiquiatras forense e psicólogos, sempre com o intuito de trazer a informação exclusiva, com riquezas de detalhes, especulando sobre os pontos não esclarecidos e revelando a opinião das duas partes do processo, ou seja, acusação e defesa. Pois bem, para chegar ao julgamento e avançarmos até 2013, passemos agora de forma sucinta a descrição do que encontramos nesse período.

Logo após o casal ter sua prisão preventiva decretada em 07 de maio de 2008, os seus advogados de defesa já anunciaram que iriam entrar com o pedido de habeas corpus na Justiça para que eles aguardassem o julgamento em liberdade (Jornal Nacional e SPTV de 13, 14 e 15 de maio de 2008). Ao ser negado o primeiro pedido, segundo os advogados, Alexandre Nardoni ficou surpreso com a negativa do desembargador Caio Canguçu de Almeida, mas, ainda segundo o advogado, ele estaria otimista que a justiça concederia a liberdade até o julgamento (SPTV 2ª Edição de 14/05/2008). Caso a justiça concedesse a liberdade ao casal para que aguardassem o julgamento em casa, o caso poderia demorar mais para ser julgado. Segundo o promotor Francisco Cembranelli, o caso poderia ser julgado somente no final de 2016 (Jornal Nacional de 14/05/2008). Por isso a defesa do casal entrou com muitos pedidos de liberdade. Até novembro de 2008, segundo a revista “Veja” de 26 de novembro de 2008, os advogados de defesa já tinham

entrado com 09 pedidos de liberdade até aquela data, sendo que todos foram negados, inclusive no Superior Tribunal Federal. Até abril de 2009 os advogados ainda fizeram mais dois pedidos de liberdade para o casal, que também foram negados pela justiça (Em cima da hora (Globo News) de 23/04/2009).

Em 20 de julho de 2008 o “Fantástico” faz uma reportagem sobre o caso Isabella trazendo a público trechos da animação que contava de forma cronológica a dinâmica do crime na versão da polícia civil, feita por uma empresa especializada. Das animações feitas por computador, ou feitas a partir de ilustrações, essa feita a pedido da polícia seria a mais realista, no sentido de colocar a pessoa que a assiste dentro das cenas, como se pudesse presenciar o que aconteceu. A animação começa quando a família chegou dentro da garagem do Edifício London e de dentro do carro é possível ver a forma que a polícia acredita que a família estava sentada dentro do carro e como Anna Carolina Jatobá, supostamente, agrediu Isabella na testa. Após, a animação mostra os vestígios de sangue encontrados no carro. Na cena seguinte, já estão dentro do apartamento, Alexandre carrega a filha no colo, pingos caem no corredor e Alexandre arremessa Isabella contra o chão perto do sofá, causando-lhe as fraturas no pulso, na vulva e na bacia. Em seguida, a animação mostra Anna Carolina Jatobá estrangulando Isabella e o resultado das marcas dos dedos que ficaram no pescoço da menina. Na outra cena vê-se Alexandre pegando a faca e a tesoura, indo até o quarto dos filhos, subindo na cama e cortando a tela de proteção. Depois, acompanhamos que ele toma a filha nos braços a levando até o quarto, subindo na cama com dificuldade. Alexandre passa primeiro as pernas da filha, depois segura-a pelos pulsos, solta um deles e depois o outro e a menina cai no vazio. Pingos de sangue de Isabella caem na cama e no parapeito da janela. A partir da divulgação dessa animação, sempre que se fala de Isabella na mídia, a animação é retomada para mostrar o que supostamente aconteceu naquela noite.

Para finalizar o ano de 2008, Isabella é lembrada no final do ano na “Retrospectiva da Globo”, ao lado de outras meninas mortas de forma trágica naquele mesmo ano: Raquel Maria e Eloá Pimentel. A mídia também noticiou os dois casos, mas nenhum dos dois tiveram tanta repercussão como o caso de Isabella Nardoni, continuando inclusive nos anos seguintes.

Em 2009 encontramos três vídeos na internet sobre o caso Isabella, um do programa da Globo News, “Em cima da hora”, do dia 23 de abril de 2009, especulando se o caso iria ou não para júri popular, e dois programas “Fantástico”, o primeiro de 26 de abril de 2009, falando sobre o novo advogado de defesa do casal, Roberto Podval, que atuaria no julgamento, e o outro

programa de 27 de setembro de 2009, mostrando pela primeira vez o interior do apartamento do casal Nardoni.

Ainda nesta última reportagem do “Fantástico”, o novo advogado criou polêmica ao anunciar a nova teoria da defesa para justificar o que havia acontecido na noite do dia 29 de março de 2008: simplesmente teria ocorrido naquele apartamento um acidente doméstico. Isabella teria acordado, após seu pai tê-la deixado dormindo na cama, e vendo-se sozinha ficou assustada, foi procurar o pai e não encontrando ninguém foi até a cozinha, pegou a faca e a tesoura, cortou a rede de proteção, voltou à cozinha, deixou a faca e a tesoura onde as tinha encontrado e voltando ao quarto dos irmãos, em busca da família, caiu pelo buraco que ela própria fez na rede de proteção e morreu acidentalmente. O promotor do caso, Francisco Cembranelli, afirmou em contrapartida que isso seria impossível e absurdo. Com essa teoria polêmica e a afirmação do promotor chegamos em 2010, ano do julgamento.

### **3.9 Enfim 2010...**

Março de 2010, enfim o julgamento aconteceria do dia 22 ao dia 26 daquele mês, no fórum de Santana, em São Paulo. O caso precisava ser lembrado e algumas reportagens foram dedicadas a isso. Nelas foram retomados os resultados da investigação e os argumentos dos dois lados, tanto da acusação do casal quanto da defesa, por exemplo, no “Domingo Espetacular” (Record) de 14/03/2010 e no SPTV 2ª Edição (Globo) de 16/03/2010 e 22/03/2010. Além dos argumentos era preciso também mostrar a ficha técnica dos representantes jurídicos dos dois lados, ou seja, os oponentes do embate que se iniciaria. Segundo o “SPTV 2ª Edição” (Globo) de 16/03/2010, a defesa contava com o advogado Roberto Podval, 44 anos, 22 de profissão, 15 júris, 13 vitórias, enquanto a acusação era representada pelo promotor Francisco Cembranelli, 49 anos, 22 de profissão, 1077 julgamentos, mais de 1000 vitórias. Segundo a reportagem os dois estavam naquele momento com dedicação exclusiva para o caso Isabella, estudando-o de dia, à noite e nos finais de semana. Outras reportagens davam conta de que o julgamento do caso Isabella seria, para alguns especialistas no assunto, o mais aguardado nos últimos cem anos. O presidente da Associação dos Advogados Criminalistas, Juan Carlos Muller, deu a seguinte declaração: “É o julgamento que marcará época. Provavelmente nós não tivemos um tribunal do júri semelhante a este nos últimos cinquenta, cem anos (SPTV 2ª Edição (Globo) de 18/03/2010 e 20/03/2010)”.

Segundo outra reportagem, agora do programa “Datena” de 22/03/2010, 3 mil pessoas se inscreveram para serem jurados do julgamento, 40 deles foram sorteados, 15 foram selecionados, dentre eles 07, 04 mulheres e 03 homens tornaram-se jurados a partir de novo sorteio. Caberia a eles o julgamento do casal, ou seja, nem advogado, nem promotor, nem juiz decidiria se Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá eram culpados ou inocentes pela morte de Isabella, mas sim aquelas sete pessoas que, com maioria simples, sem necessidade de justificar o voto, mandariam o casal definitivamente para o rol dos culpados ou não. Dessa forma, a eles caberia grande responsabilidade e foi em direção a eles que, a partir de então, defesa e acusação se voltariam na tentativa de convencê-los sobre quem estaria certo e quem estaria errado. O jurista Luiz Flávio Gomes, no “Bom dia Brasil” de 24/03/2010, revela em torno do que cada uma das partes está se apoiando para buscar convencer o jurado. Diz ele: “Quem vencerá? A dúvida dos laudos ou a força dos indícios?”. A acusação buscava convencer cada um daqueles jurados de que, embora o casal não tenha confessado o crime e ninguém havia presenciado o fato, ou seja, não houve nenhuma testemunha adulta, os indícios contra eles seriam fortes, baseados na própria história contada por eles, nas provas técnicas e no raciocínio lógico derivados de fatos, como o exato horário das ligações telefônicas para chamar o socorro. Já a defesa não precisaria levar em consideração nenhuma prova técnica, nem o encadeamento lógico de cada raciocínio, mas simplesmente plantar a dúvida nas cabeças dos jurados, que estando nesse estado não deixariam de seguir um dos princípios do direito penal: *in dubio pró réu*, ou ainda: mais vale um culpado solto do que um inocente preso.

Enfim a semana do julgamento chegou. Todos os dias reportagens de diversas emissoras de televisão, em diferentes telejornais ou programas de entretenimento, faziam o resumo do que havia acontecido no dia: quem tinha dado depoimento em juízo, quais foram as reações dos envolvidos, dos familiares, dos jurados. Todos os dias havia um depoimento mais aguardado: no primeiro dia, 22/03/2010, a mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, forneceu seu depoimento, chorou compulsivamente em dois momentos, disse que o casal era culpado pela morte de sua filha, e ao final teve que ficar à disposição da Justiça, em isolamento, a pedido do advogado da defesa para uma possível acareação com o casal (Jornal da Record de 23/03/2010 e Jornal Nacional de 23/03/2010). Na terça-feira, dia 23/04/2008, foi a vez da delegada responsável pelas investigações, Renata H. da Silva Pontes, dizer o que pensava. Disse que tinha 100% de certeza que o casal era culpado. Teve também que ficar isolada à disposição da Justiça (Jornal das Dez de

26/03/2010). Na quarta-feira, 24/03/2010, foi a vez da perita Rosângela Monteiro, que assinou o relatório final da perícia, dar seu depoimento. Foi a fala mais longa concedida naquele tribunal. Ela explicou, momento a momento, com a ajuda de uma maquete, onde a perícia foi encontrando as provas dentro do carro e dentro do apartamento. Também nesse dia, o médico do Instituto Médico Legal, Paulo Sérgio Tieppo Alves, explicou o que encontrou no exame pós-morte que fez em Isabella, e porque afirmava que ela havia sido agredida antes da queda e também porque chegou à conclusão de que foi em decorrência dessa agressão que a menina veio a falecer (Jornal das Dez de 26/03/2010 e Bom dia Brasil de 24/03/2010). No quarto dia de julgamento, quinta-feira dia 25/03/2010, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá foram inqueridos pela defesa e acusação e negaram todas as acusações contra eles. Mantiveram a mesma versão contada antes para a polícia e se declararam inocentes (Jornal das Dez de 26/03/2010). Na sexta-feira dia 26/03/2010, último dia do julgamento, o promotor Francisco Cembranelli e o advogado de defesa Roberto Podval tiveram seu embate final e cada qual teve a oportunidade de falar diretamente para os jurados, com direito a réplica e tréplica, apresentando os argumentos baseados em tudo que havia sido exposto nos dias anteriores, neles apoiando-se para defender ou acusar o casal (Jornal da Globo de 26/03/2010). Por fim, os jurados votaram secretamente, respondendo a quesitos e por maioria decidiram que Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá eram, sim, os culpados pela morte da menina Isabella Nardoni. O Jornal da Globo do dia 26/03/2010 expôs ao vivo o áudio da leitura da sentença pelo próprio juiz do caso Maurício Fossen, que fundamentou da seguinte forma sua aplicação da pena:

Com efeito, as circunstâncias específicas que envolveram a prática do crime ora em exame demonstram a presença de uma frieza emocional e uma insensibilidade acentuada por parte dos réus, os quais após terem passado um dia relativamente tranquilo ao lado da vítima, passeando com ela pela cidade e visitando parentes, teriam, ao final do dia, investido de forma covarde contra a mesma, como se não possuíssem qualquer vínculo afetivo ou emocional com ela, o que choca o sentimento e a sensibilidade do homem médio, ainda mais porque o conjunto probatório trazido aos autos deixou bem caracterizado que esse desequilíbrio emocional demonstrado pelos réus constituiu a mola propulsora para a prática do homicídio (Jornal da Globo de 26/03/2010).

Em outro trecho, o juiz considerou o sofrimento da família materna de Isabella, principalmente sua mãe, Ana Carolina de Oliveira, para ampliar o rigor de sua pena:

Porquanto não se desconheça que em qualquer caso de homicídio consumado há sofrimento em relação aos familiares do ofendido, no caso específico destes autos, a angústia acima do normal suportada pela mãe da criança Isabella, Sr<sup>a</sup>. Ana Carolina Cunha de Oliveira, decorrente da morte da filha, ficou devidamente comprovada nestes autos, seja através do laudo médico-psiquiátrico que foi apresentado por profissional habilitado durante o presente julgamento, após realizar consulta com a mesma, o que impediu inclusive sua permanência nas dependências deste Fórum, por ainda se encontrar, dois anos após os fatos, em situação aguda de estresse (F43.0 – CID 10), face ao monstruoso assédio a que a mesma foi obrigada a ser submetida como decorrência das condutas ilícitas praticadas pelos réus, o que é de conhecimento de todos, exigindo um maior rigor por parte do Estado-Juiz quanto à reprovabilidade destas condutas (Jornal da Globo de 23/03/2010).

Para quem estava dentro da sala daquele tribunal do júri, segundo a escritora Glória Perez, que lá estava, e também perdeu uma filha de forma violenta, a atriz Daniela Perez em 1990, a leitura da sentença pelo juiz Maurício Fossen condenando o casal foi um momento de grande emoção. Segundo ela, médicos, peritos, policiais, delegados que estavam presentes choraram, enquanto de fora se ouvia do clamor popular os gritos de justiça e o barulho de fogos de artifício, como se comemorassem uma final de campeonato (Fantástico de 28/03/2010).

Nos dias que se seguiram à sentença do juiz, principalmente no sábado dia 27/03/2010 e domingo dia 28/03/2010, o assunto Isabella ainda produziu reportagens em grande quantidade. No sábado o programa “Hoje em Dia” da Record, entrevistou o psicólogo de Ana Carolina de Oliveira, que revelou que ela ainda teria que reconstruir muita coisa. Segundo ele, “um tsunami havia passado e agora era hora de começar a limpar e reconstruir tudo novamente”. No domingo, no “Fantástico”, foram entrevistados o promotor do caso Francisco Cembranelli, o advogado de defesa Roberto Podval, a novelista Glória Peres, e a própria Ana Carolina de Oliveira. A mãe de Isabella disse que a condenação dos assassinos da filha teria sido para ela o fim de um ciclo. Revelou que iria continuar seguindo em frente, mas que era triste demais saber que não teria mais a filha de volta. Disse por fim, que gosta de sonhar com ela.

Para finalizar, constatamos que de 2010 até o final de 2013, o caso Isabella é lembrado de vez em quando pela mídia. Em 2011 encontramos uma entrevista no programa “De frente com Gabi”, com o promotor Francisco Cembranelli. Em 2012 o programa “Domingo Espetacular” da Record lembrou os 4 anos da morte da menina e em 2013 o programa “Em Pauta” da Globo News discutiu a polêmica sobre a interdição judicial, a pedido da mãe de Isabella, da peça teatral Edifício London, por se referir diretamente a ela e a Isabella. Por fim, também em 2013, mais



uma vez no programa “Domingo Espetacular” da Record, Isabella foi lembrada, pouco antes de completar 5 anos de seu assassinato.

## CAPÍTULO IV – DESEJO, GOZO, RECALCAMENTO E TRAUMA

Neste capítulo, buscamos destacar as possibilidades de realização de desejos, recalçamento e trauma, que o caso Isabella, potencialmente, teve a capacidade de provocar nos espectadores que o acompanharam pela mídia. A princípio conduzimos uma análise do interesse do espectador pelo caso a partir do Édipo e outros elementos infantis, para depois nos aproximarmos do caso à luz da Teoria da Sedução Generalizada.

### 4.1 Desejo e gozo

A notícia do homicídio de Isabella, que milhões de brasileiros acompanharam pela mídia, não era de fácil elucidação. Essa morte, esse assassinato, tinha algo de estranho, de sinistro, porque justamente eram suspeitos, segundo o que logo noticiou a mídia, como vimos acima, o pai e a madrasta da menina que, em vez de ligarem para o resgate imediatamente, ligaram primeiro para seus próprios pais e não socorreram<sup>13</sup> a própria filha. O estranho desse assassinato evocava, assim como o estranho (*Unheimliche*) teorizado por Freud (1919/1976), algo secretamente familiar. Neste caso, supomos, evocava o triângulo edípico. As informações e notícias veiculadas pela mídia davam conta de confirmar esse contexto, traduzido para o público como a existência de um notável ciúme dentro da família. Revela a mídia<sup>14</sup>: Isabella era apaixonada pelo pai; falava para ele que seu irmão mais novo, o Cauã, era filho dela e dele; disputava o colo do pai com a madrasta, e quando a última a arrancava do colo dele, para ela própria se sentar, a menina chorava. A madrasta reconhecidamente tinha ciúmes da menina Isabella e também de sua mãe, Ana Carolina de Oliveira. Isabella havia encontrado na madrasta, Anna Carolina Jatobá, uma rival e vice versa, mas também, uma fantasiava ser a outra: Isabella desejava ser grande como a

<sup>13</sup> Ver, por exemplo, revista Veja de 23 de abril de 2008, Fantástico de 30 de março e 11 de maio de 2008, Jornal Hoje de 03 de abril de 2008, Jornal Nacional de 15 de abril de 2008: <http://globo.com/busca/?q=isabella+nardonii&=buscar>

<sup>14</sup> Ver, por exemplo, revistas Época de 7 de abril de 2008, Veja de 09 e 23 de abril de 2008. Também em Jornal Nacional de 12 de abril de 2008 - <http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/policia-ouve-depoimentos-de-vizinhos-no-caso-isabella/814960/>, Fantástico de 20 de abril de 2008 - <http://www.youtube.com/watch?v=xkoBICjLX6w>, Jornal das Dez de 17 de junho de 2008 - <http://globo.com/globo-news/jornal-das-dez/v/testemunhas-de-acusacao-prestam-depoimento-sobre-o-caso-isabella/842858/>, - e nos endereços eletrônicos: <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1533002-15528,00->, [http://www.istoe.com.br/reportagens/318426\\_CASO+ISABELLA+SURGE+UMA+OUTRA+VERSAO](http://www.istoe.com.br/reportagens/318426_CASO+ISABELLA+SURGE+UMA+OUTRA+VERSAO)

madrasta para ter um filho com o pai e Anna Jatobá desejava ainda ser pequena, como a menina, para ser filha de Alexandre e sentar em seu colo<sup>15</sup>.

Pois bem, o estranho no caso Isabella pode se transformar em familiar dentro do contexto do Complexo de Édipo, traduzido pela investigação policial e pela mídia como ciúmes da madrasta para com Isabella e sua mãe, Ana Carolina de Oliveira. Nesta linha de pensamento, o caso pode se configurar como um triângulo edípico aparentemente bem simples, que saiu da fantasia e terminou em morte real, ou seja, a madrasta por ciúmes e o pai, talvez por não querer descontentar a mulher, inconscientemente sua própria mãe, mataram a enteada-rival<sup>16</sup>/filha, atuando o fantasma na realidade material. Com essa familiaridade, o ciúme triangular e a rivalidade dentro da família Nardoni, os espectadores já podiam esquecer esse caso de violência e passar para tantos outros casos que a condição social no Brasil e a própria condição humana produzem diariamente, sendo reproduzidos pelas mídias de forma célere. Mas, se o contexto da morte de Isabella pode ser considerado edípico, por envolver rivalidade dentro do triângulo familiar, entre pai, mãe (madrasta) e filha, no caso da menina Isabella, não houve tempo dela crescer: a história desse triângulo edípico, diferentemente de Édipo, termina não com um parricídio e incesto, mas sim com um filicídio consumado.

Como sabemos, a história de Édipo começa com uma tentativa de filicídio que fracassa, pois, o servo do Rei Laio e da Rainha Jocasta designado para executar as ordens, de deixar o filho deles abandonado para morrer, não teve coragem de cumprir com o ordenado, e entregou a criança a outra pessoa, na esperança de que ela a levasse para longe, para que assim Édipo não pudesse cumprir com seu destino, que era, matar o próprio pai e casar com a própria mãe, quando crescesse. Como podemos saber pela história de Édipo, na verdade, era o próprio filicídio que estava fadado a fracassar, para que então se realizasse os crimes de parricídio e incesto, previstos anos antes por um oráculo enviado àqueles reis, que então assustados com a previsão, decidiram matar o próprio filho.

O que descobriu Freud (1900/1987), nos primórdios da psicanálise, é que fracassando justamente o filicídio, o homem está, assim como Édipo, condenado a, mesmo sem saber, desejar

---

<sup>15</sup> O pai de Anna Carolina Jatobá, a madrasta, tinha o mesmo primeiro nome do marido dela, no caso, Alexandre Jatobá. Já Anna Carolina tinha o mesmo primeiro nome de sua própria mãe, no caso, Anna Lucia Trotta Peixoto Jatobá.

<sup>16</sup> Explicação aceitável, já que popularmente a madrasta tem a fama de má, a exemplo do conto Cinderela.

matar o próprio pai e desejar possuir a própria mãe. Desta forma, os desejos parricida e incestuoso, segundo a psicanálise, podem habitar, como afirma Freud, todos os filhos dos homens. No entanto, nesta fórmula para se produzir um Édipo, há de se considerar que um outro crime, ou pelo menos, o desejo por um outro crime, também deve existir, qual seja, o desejo filicida, que se não existisse na história de Édipo, os crimes praticados por ele, parricídio e incesto, poderiam não ter ocorrido.

Assim, o desejo filicida, como foi possível acompanhar no caso Isabella, pode existir e, muitas vezes, é levado a cabo, como também se verifica nos casos que citamos no começo do capítulo anterior. Tais casos, como o de Isabella, nos quais os próprios pais são suspeitos pelas mortes dos filhos, como vimos, chamam a atenção dos espectadores por serem, supomos, uma fonte de realizações de desejos, ou melhor, realização imaginária de desejos, a partir de uma identificação com aqueles que realizam, na realidade material, os desejos proibidos pelos homens.

Alguns dos espectadores que acompanharam o caso Isabella puderam então gozar com a realização imaginária do desejo agressivo contra o próprio filho, com a realização do desejo filicida, ou mesmo, homicida, identificando-se, sadicamente com o pai e com a madrasta da menina assassinada. No entanto, esse não foi o único desejo possível de ser satisfeito pelos espectadores, houve ainda outro, que foi a satisfação pela vingança, que o público almejou durante toda a investigação e julgamento do casal Nardoni, que se torna, por fim, bode expiatório, representante de todos os pais maus. Assim, parte do público foi para a rua, buscando agredir o casal, seus familiares e advogados, jogando pedras, dando ponta pés e os xingando, e por fim, os espectadores puderam desejar que houvesse justiça: que o poder policial, investigatório, acusatório e o poder judiciário, punissem com prisão quem matou a menina Isabella. Como vimos anteriormente, no último dia do julgamento, a sentença que condenou o casal Nardoni foi lida pelo juiz do caso Maurício Fossem, de dentro do Fórum de Santana, enquanto na rua se via e ouviam os gritos e palmas de comemoração da multidão, que festejava ao som de fogos de artifício o desfecho daquela história.

Além da realização imaginária dos desejos sádicos, agressivos, filicidas, homicidas e a realização dos desejos por vingança contra o casal Nardoni, perguntamo-nos se seria possível que os espectadores do caso pudessem ter satisfação, como vimos com Endo (2005), em uma posição

essencialmente masoquista, devido ao nível elevado de violência e crueldade demonstrado pelo casal contra a filha? Como resposta, supomos, que os espectadores, enquanto filhos que são, também tiveram oportunidade de se identificar com Isabella e gozar com isso, mesmo ela sendo a vítima das agressões e morte, ou ainda, por ela ser justamente a vítima das agressões, por parte daqueles que supostamente deveriam protegê-la, pois a identificação da passividade que incidiu sobre Isabella, supomos, remeteria o espectador não só ao masoquismo propriamente dito, mas também poderia remeter esse espectador ao roteiro da sedução, dentro da situação antropológica fundamental (SAF), como também desenvolvemos no capítulo II. Em tal encontro antropológico e inevitável entre o adulto e a criança, sustentado por Laplanche (1992), haveria entre os dois protagonistas da situação, como vimos, uma relação marcada pela assimetria, na qual o adulto teria toda a possibilidade da atividade, por ser mais perfeito, enquanto que à criança restaria a passividade, por sua imperfeição, ou ainda imaturidade, biológica e psíquica. Neste cenário em que a sedução da criança pelo adulto é também inevitável, pois esse outro adulto possui uma sexualidade inconsciente, que transmite a criança por mensagens enigmáticas, mesmo sem saber que assim o faz, a criança se descobre enfim também portadora de uma sexualidade, que a princípio é estrangeira e que a domina, até que o *infant* traduza em linguagem própria e então domine para si, essa herança que um humano transmite a outro humano, ou seja, a sexualidade. Este roteiro de descoberta da sedução e da sexualidade, supomos, é campo fértil para o prazer, ou ainda, um princípio do prazer, de intimidade, proveniente da convivência de um humano com outro e, desta forma, supomos que essa situação pode servir muito bem para ser lembrada, mesmo que por identificação, ainda que o prazer deva ser tirado da violência, da dor e do sofrimento.

Nesse sentido, também podemos supor que os espectadores puderam obter satisfação acompanhando o caso e conhecendo algo da intimidade daquelas pessoas envolvidas, ou seja, o casal Nardoni e o triângulo que este compunha ora com a mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, ora com a própria Isabella.

Supomos que os espectadores puderam então, de suas poltronas, sentir prazer em acompanhar o caso como se estivessem espiando a privacidade do casal pelo buraco da fechadura, no caso em questão pela tela da TV. Desde as imagens das câmeras de segurança do supermercado, como vimos acima, que mostraram a família Nardoni passeando de mãos dadas no supermercado, a mídia conduziu os espectadores, reproduzindo com diversos meios tecnológicos,

o que supostamente havia acontecido naquela noite, revelando todos os instantes, desde o supermercado até que Isabella estivesse jogada no chão do gramado do edifício London. Depois do supermercado os espectadores entraram, pelos recursos da mídia, no carro da família Nardoni e viram as primeiras agressões da madrasta contra Isabella. Logo que os Nardoni chegaram à garagem do edifício que moravam, os espectadores também puderam acompanhá-los até entrarem no apartamento, no sexto andar, e a partir daí, puderam ver todas as supostas agressões que o casal praticou contra Isabella, até que Anna, a madrasta, estrangulasse com as mãos a enteada e Alexandre, o pai, jogasse a filha pela janela, ainda viva.

Tais cenas de violência e o imaginário que pode ser construído em torno dessa morte, vistos pelo buraco da fechadura, supomos, podem remeter o espectador, além do roteiro da SAF (atividade/passividade), também ao roteiro da fantasia da cena originária, como desenvolvemos no capítulo II, devido ao caráter sadomasoquista, íntimo, proibido e inconfessável, que foi revelado ou imaginado, pela polícia e mídia, em torno do casal Nardoni e Isabella. Assim, o espectador, pôde se excitar e gozar, espiando o que imaginariamente seria uma reprodução da cena primitiva.

Mas a violência na cena primitiva é sobre a mulher e não sobre a filha, como vimos anteriormente, assim, como aproximar o caso Isabella da cena primitiva por esse aspecto? Relembremos o caso do Homem dos Lobos que expusemos acima: para ter satisfação sexual do pai, de forma passiva, o Homem dos Lobos deveria deixar-se castrar como a mãe, o que ele rejeitou, segundo Freud, devido ao protesto masculino ter falado mais alto em prol da conservação do falo. Diante disso, e fantasiando sobre o caso Isabella, abre-se a possibilidade, para o espectador, à confirmação da fantasia de castração em decorrência de desejar substituir o pai ou a mãe na relação primitiva do casal: Isabella não abriu mão de estar no lugar da madrasta/mãe, pois devido a sua idade isto era impossível, e então recebeu o sadismo do pai e foi castrada (morta) pelas mãos da madrasta.

O espectador, na segurança de sua poltrona, pode arriscar-se à fantasia de estar no lugar daqueles personagens, ora no lugar do pai, ora no lugar da madrasta e ainda no lugar da própria Isabella, como descrevemos acima, sem receio de ser castrado.

#### **4.2 Busca pelo recalçamento**

Lembramos no tópico anterior que a história de Édipo começa com uma tentativa de filicídio fracassada. A história de vida do personagem Édipo começa assim; no entanto, a narrativa de Sófocles (496 AC – 406 AC), da peça Rei Édipo (2005) começa por descrever o clamor e as súplicas do povo Tebano diante do palácio do Rei Édipo que, vendo aquela multidão vai até eles e pergunta: “Que terror, ou que desejo vos reuniu? Careceis de amparo?” (p.05). E complementa afirmando: “Quero prestar-vos todo o meu socorro, pois eu seria insensível à dor, se não me condoesse de vossa angústia” (p.05-06). Um sacerdote, representante do povo, responde ao Rei que todos aqueles, gente nova e gente velha, andavam à procura dos templos do palácio ou dos templos das praças públicas levando ramos de oliveira na esperança de que os deuses pudessem fazer cessar a crise de calamidades que estava castigando a cidade de Cadmo. Mesmo sabendo que Édipo não poderia se igualar aos deuses imortais, o povo vinha naquela oportunidade suplicar ao Rei Édipo que intercedesse por eles junto a outros homens ou aos próprios deuses, para pôr fim aos males que os castigavam, pois nos últimos tempos, naquelas terras nada nascia, os rebanhos definhavam no campo, as crianças morriam no parto e a peste devastava toda a cidade.

O Rei Édipo, dizendo não desconhecer o que afligia seu povo, anuncia que providências já tinham sido tomadas e que naquele instante mesmo esperava a chegada de seu cunhado Creonte, que fora enviado ao templo de Apolo para saber do oráculo o que havia de ser feito para que a cidade não fosse dizimada. Não demora muito, Creonte retorna então com uma resposta favorável, diz ele: “O rei Apolo ordena, expressamente, que purifiquemos esta terra da mancha que ela mantém; que não a deixemos agravar-se até tornar-se incurável. Urge expulsar o culpado, ou punir, com a morte o assassino, pois o sangue maculou a cidade” (p.10-11). Diante de tal anúncio, o Rei Édipo pergunta a Creonte, de que morte ele está se referindo, e o cunhado responde que o homem que havia sido morto era Laio, o príncipe que havia reinado naquele país antes de Édipo.

Assim, Édipo prometeu encontrar o assassino de Laio para poder livrar a todos dos sofrimentos que os abatiam. Após realizar sua própria investigação descobriu, como sabemos, que ele próprio era o assassino do Rei Laio e que, para sua desgraça, Laio era seu pai verdadeiro. Descobriu ainda que, ao casar com a mulher do Rei morto por ele, estava casando com sua

própria mãe, tendo filhos com ela.

Os crimes do Édipo, ou seja, parricídio e incesto, eram então o que estava maculando a terra, trazendo a calamidade, a peste e até a morte ao povo Tebano. O crime de um homem, se não fosse punido com a morte ou o desterro, seria capaz de destruir uma cidade inteira. A impunidade de crimes praticados por um único homem seria, então, perigosa para todos.

Diante disso, supomos que os Tebanos, sentindo na própria pele os perigos de deixarem crimes impunes, mesmo sem saberem que sabiam desse fato, foram até os templos e seus deuses e até Édipo pedir para que o Rei intercedesse por eles, para que a punição de um pudesse livra-los das calamidades que os abatiam. Compreendemos com a psicanálise que a punição exemplar de um que cometeu os crimes poderia ajudar a sufocar, na verdade, o desejo que muitos tinham de cometer os mesmos crimes. Tais desejos, que seriam a peste do povo, se realizados, poderiam então dizimar a todos e por isso tinham que ser reprimidos, com severa punição, a quem ousou realiza-los. Além disso, a culpa, somente por terem esses desejos, tinha que ser afastada, localizada, colocada em alguém, no caso em Édipo, para então ele ser julgado e condenado, ou melhor, se auto julgado e auto condenado, com a morte ou a segregação.

Da mesma forma, no caso Isabella, aqueles que, inconscientemente, identificaram-se com o casal Nardoni, tinham que recalcar em si mesmos os desejos agressivos e filicidas e espiar a culpa apontando o outro, no caso os Nardoni, para provarem a si mesmos que não foram eles próprios que desejaram agredir e matar seus próprios filhos. Como o povo Tebano, os que acompanharam de perto o caso Isabella, foram aos templos modernos, igrejas, delegacias, palácios de justiça, em busca de vingança, em busca de Justiça para verem também afastados de si mesmos, ou reprimidos em si mesmos, os desejos realizados pelo casal Nardoni, também a culpa, e as devastadoras consequências que sobreviriam a todos, como uma peste, se outros começassem a realizar os mesmos desejos.

### **4.3 Trauma**

Vimos acima que na história de Édipo, é ele próprio que empreende a investigação que revelará, por fim, quem havia assassinado o rei Laio. Também ficamos sabendo que ao proceder assim, Édipo descobre muito mais do que poderia imaginar, pois além de revelar que ele próprio



era o responsável por aquele assassinato, o rei morto era seu pai e a mulher com quem se casara era a mesma que lhe deu a vida. Como punição autoinfligida, Édipo fura os olhos, segundo Freud (1919/1976), castra-se, e vai solitário para longe daquela cidade.

Freud constatou, a partir de sua autoanálise e com os atendimentos a seus pacientes, que ao se compreender a fundo a vida mental dos sujeitos, haveria em cada um deles os desejos pelos crimes de Édipo (Freud, 1905/1976), e assim é possível afirmar então que, inconscientemente, todos desejaríamos a morte dos pais; e se é verdade que para o inconsciente o desejo e sua realização são a mesma coisa, então podemos dizer que toda a morte de pai é, na verdade, um assassinato do filho. Assim, Freud (1919/1976), ao revelar o Complexo de Édipo como pertencente a humanidade e que os desejos pelos crimes de Édipo estariam recalçados em todos os homens, deu a possibilidade de se supor que investigar crimes de homens é descobrir-se, por fim, também criminoso.

O que faz a mídia senão levar o espectador a ser um parceiro fiel na empreitada pela investigação criminal, como vimos no caso Isabella? Nesse caso, há também o risco de tornar-se criminoso e esse pode ser o terreno do trauma. Supomos que o desejo e sua realização assim de forma tão clara, podem ser traumáticos e é por isso que, nos sonhos, por exemplo, o sujeito deforma e atenua o desejo. No caso Isabella, como defesa, então era preciso achar um culpado. Desta forma, empenhados em apontar o dedo da culpa para o outro, muitos espectadores, como buscamos desenvolver acima, pediram que a justiça fosse feita, para então afastar qualquer sentimento impróprio, ou qualquer excesso pulsional, de si mesmos, certificando-se assim que não foram eles os verdadeiros culpados por aquela morte.

#### **4.4 O Caso Isabella à luz da TSG**

Como vimos (cf. capítulo II), Laplanche (1992), teoriza sobre a constituição traumática do psiquismo, porque o pequeno ser devido a sua imaturidade não teria condições de lidar adequadamente com as mensagens sexuais do adulto, o que causaria um trauma interno, de acordo com Carvalho (2012), equivalente a um ataque pulsional. Para Laplanche (2003), os ajudantes de tradução mitos-simbólicos, provenientes da cultura, formados no processo sócio histórico, incluindo então, segundo ele, por exemplo, o próprio complexo de Édipo, o complexo

de castração, etc., teriam a função de organizador do psiquismo dos sujeitos, haja vista a incapacidade do bebê traduzir sozinho as mensagens sexuais do adulto. Laplanche (2003), como vimos anteriormente, indica que a tradução das mensagens enigmáticas vindas do outro equivaleria ao próprio processo de recalçamento, sendo que esse processo resultaria, de acordo com Laplanche (2003), na divisão do psiquismo, pois de um lado estaria o Eu com as traduções e do outro lado sobriariam os restos das mensagens não traduzidas, formando assim o Inconsciente propriamente dito, resultado desse recalçamento/tradução originário.

Compreendendo o impacto do caso Isabella para o espectador, a partir da teoria da sedução generalizada, diríamos que o fato em si, agressão e filicídio, reenviou mensagens enigmáticas, com conteúdo sexual infantil, ou seja, polimórfico-perverso, que pode ter agido de duas formas nos espectadores. Reforçando diretamente o estoque de mensagens não traduzidas do inconsciente, gerando o risco de um trauma interno devido ao excesso pulsional, ou ainda, o caso Isabella pôde agir destraduzindo esquemas narrativos que têm a função de recalçamento como, por exemplo, mitos/símbolos ou ideias em torno da criança, da filha, da mãe, do pai, da madrasta, da família, etc., gerando também como resultado o excesso, potencialmente traumático, pois a pulsão que se mantém ligada aos mitos ou narrativas, como indica Laplanche (2003), ficou desligada, a espera de nova ligação, nova tradução, ou ainda à espera de novo religamento com os mesmos mitos ou narrativas, que como vimos, giram em torno dos conhecidos mitos infantis, Édipo, castração, sedução.

Como pergunta Laplanche (2003), o que seria menos sexual (no sentido dos *Três Ensaios* de Freud), do que, por exemplo, o mito do Édipo? No caso Isabella, o que seria menos sexual do que os mitos em torno da criança, dos pais e da família? Toda criança seria um anjo, uma estrelinha como Isabella, não teria maldade (sexualidade); pai e mãe seriam protetores, amariam os filhos incondicionalmente, não desejando nenhum mal a eles; a madrasta seria má, mas não ao ponto de matar a enteada que, por fim, se tornaria uma princesa, como na história de Cinderela; a família seria o lugar mais seguro para uma criança, etc. Assim, os ajudantes de tradução, os ajudantes mito-simbólicos, segundo Laplanche (2003), funcionam mais do lado do recalçamento do que do lado do recalçado, pois nessas narrativas a sexualidade infantil (polimórfica-perversa) vai desaparecendo. Eventualmente, como no caso Isabella, tal sexualidade parece mostrar sua face e faz desmoronar, por um momento, qualquer mito ou narrativa, gerando o risco de trauma, e então é preciso contar e recontar velhas histórias, como a de Édipo. Quem poderia fazer isso,

narrar, historizar, ajudar nesse religamento, senão a mídia, justamente ela que anunciou uma vitória do sexual infantil, que habita o homem, contra o recalque/tradução imposto pela civilização? Mas, mais que um clamor por recalçamento, do grande público, há um clamor por justiça, o que não pode ser entendido apenas desse ponto de vista, de recalçamento, embora o seja também. A solicitação por justiça, além de carregar algo de vingança, como Freud já dizia em *Mal-estar na civilização(1930/1974)*, diz respeito a restaurar uma ordem, a substituir o pai falido, criminoso. Isso também, a nosso ver, está do lado da tradução. Está também do lado do Édipo, pois diz respeito à restauração do triângulo. Na narrativa do assassinato de Isabella, pai e madrasta se fundem num único elemento, formando uma díade com a menina, uma díade sem condições de pôr um paradeiro na atuação psicopática em que se envolveram. A justiça entra, pois, como elemento terceiro, vértice do triângulo, que vem restaurar também uma verdade, o verdadeiro culpado: (o pai/madrasta). Diz Laplanche:

De saída, é forçoso simplesmente inverter a perspectiva do complexo de Édipo: considerando-se sua raiz, a origem da ação sexual não está na criança, como pretende Freud mas, verdadeiramente, naquele dos pais que seduz a criança. Nesta perspectiva, o complexo de Édipo, tal como Freud o descreve, é apenas um retorno defensivo, auto-acusador, uma espécie de identificação ao agressor, para retomar o termo de Ferenczi. A criança se identifica com o agressor sexual declarando que é a autora do crime sexual...(Laplanche, 2007, p.12)

Assim, não foi Édipo que cometeu primeiro os crimes, homicídio e o crime de sedução. Foram seus pais (biológicos) que tentaram matá-lo, e foram os pais que o criaram que o seduziram e o conduziram a cometer esse mesmo crime, ou seja, tornar-se também um homem e um pai sedutor. Assim, compreendendo a situação pela TSG, supomos que a proposta dos pais de Édipo era: matamos-te (filicídio pelos pais biológicos) e te seduzimos (sedução generalizada feita pelos pais adotivos), o que Édipo responde depois de um período de passividade: não, eu é que seduzo (minha mãe) e mato (meu pai).

No caso Isabella, como foi possível acompanhar no capítulo anterior, havia sedução de parte a parte, do pai, da madrasta, de Isabella, até o ponto em que a polícia e a mídia puderam investigar, amor de ambas as partes. As brigas, mesmo existindo, não seriam diferentes do que em tantas famílias, nas quais crianças, mais ou menos, se desenvolvem. Mas, por fim, veio a

morte: pode haver sedução, afeto, amor, mas também a sedução pode ser mortífera, e isso precisa ter algum motivo, algum sentido? O inconsciente, como vimos anteriormente, é justamente a ausência de sentido, daí quando então nos deparamos com algo tão profundamente inconsciente, portanto, sem sentido, mesmo pela mídia, podemos entrar no terreno do desligado, no terreno do trauma, e por isso a mídia e o espectador procura sentido para tudo, mesmo para o que não necessariamente tenha algum sentido.

## CAPÍTULO V – DO DESLIGAMENTO À HISTORIZAÇÃO

Neste capítulo buscamos analisar como a mídia expôs, narrou, o caso Isabella e por que houve a necessidade de historização desse caso em específico, sendo que no país ocorrem tantas situações de violência contra crianças que não ganham tamanha notoriedade.

### 5.1 Historizar sempre

A morte de Isabella causou comoção popular, indignação, manifestações de apoio, pedidos por justiça e tentativas de agressões ao casal acusado pelo crime, aos seus pais e aos advogados de defesa<sup>17</sup>. O caso foi divulgado pela imprensa devido as suas peculiaridades, sendo a mais chamativa delas, a princípio, o fato de ser uma criança de classe média que foi jogada pela janela, ainda viva<sup>18</sup>, sendo o principal suspeito pela ação o próprio pai. Como a mídia apresentou, contou, narrou este acontecimento traumático em potencial?

Primeiro, ela noticiou o relato da situação, fazendo com que muitas pessoas, ou seja, os espectadores, tomassem conhecimento do que supostamente teria acontecido com Isabella. Se não fosse a mídia o relato dos acontecimentos ficaria restrito aos envolvidos, aos familiares, aos amigos da vítima, aos moradores do prédio onde ocorreu a morte, e órgãos responsáveis pelo atendimento às vítimas, hospital, delegacia, instituto médico legal, poder judiciário, etc., e nunca saberíamos sobre Isabella Nardoni.

Depois de noticiar, a mídia buscou então explicar o que teria supostamente acontecido naquela noite, tornar os relatos compreensíveis para os espectadores, recolhendo as informações nos órgãos oficiais e extraoficiais, organizando-as num discurso lógico, para tentar responder as muitas questões envolvidas nesta situação, supomos, potencialmente traumática. O que a mídia, a princípio, buscou saber sobre o caso e informar ao público? Foi justamente o que todos se perguntam quando acontece uma situação como essa, ou seja: quem matou a menina? Como esse alguém matou a menina? Por que esse alguém matou uma menina de 05 anos?

---

<sup>17</sup> Ver, por exemplo, Jornal Nacional de 18 de abril de 2008 - <http://www.youtube.com/watch?v=-xHUc7jUwmU> e Bom dia Brasil de 25 de março de 2010 - <http://www.youtube.com/watch?v=ItLKFCZFfk8>

<sup>18</sup> Ver, por exemplo, Fantástico de 30 de março de 2008 - <http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/caso-isabella-nardoni-2011/2338040/>

## 5.2 Um caso atípico

Um dos fundamentos da Teoria da Sedução Generalizada (TSG) proposta por Laplanche, como vimos anteriormente, é a ideia de que o ser humano é um hermenauta nato. Segundo Laplanche (1992), o ser humano é um ser que simboliza o que acontece em torno de si e também se autosimboliza<sup>19</sup>. Pois bem, também podemos afirmar, de acordo com a psicanálise, que o ser humano se coloca no lugar do outro ou se identifica e que por esses mecanismos pode se imaginar sendo o outro, pode se colocar tanto na aventura do herói, quanto no sofrimento da vítima. Sendo assim, o espectador ao acompanhar uma situação como a do caso Isabella, pode se ver no sofrimento dela e dos familiares da menina e então buscar formas de compreender o que aconteceu. Para compreender uma situação como esta, geralmente, se espera a resposta, a interpretação, a teoria, justamente da mídia, mesmo que ela venha de forma mais simples ou superficial.

Os casos de violência intrafamiliar, frequentemente, são denominados pela mídia como violência doméstica. No caso Isabella, especificamente, não encontramos em nenhuma reportagem a qual tivemos acesso a abordagem do assunto tendo como pano de fundo essa caracterização de violência doméstica. O caso não foi definido desta forma pela mídia. Ele também não era, de alguma forma, causado por incompetência do Estado ou por problemas sociais como miséria, envolvimento da família com a criminalidade, uso de drogas por parte dos pais, loucura, problemas de saúde como depressão, esquizofrenia, psicopatia, etc. Uma abordagem com algum ponto desses ou um conjunto de fatores como esses, detectados pela mídia em outros casos de violência no Brasil, já seria uma forma do espectador compreender, interpretar o caso Isabella e, talvez, logo esquecê-lo. No entanto, no caso Isabella não foi possível utilizar dessas explicações relacionadas a problemas sociais ou a problemas psiquiátricos/psicológicos como dissemos acima. Era preciso então buscar outras explicações para responder o básico: Quem matou a menina? Como esse alguém matou a menina? Por que esse alguém matou uma menina de cinco anos? Com tais questões respondidas, o fato continuaria

---

<sup>19</sup> A autosimbolização de que fala Laplanche tem a sua particularidade quando se leva em conta a mensagem sexual e enigmática do outro. Também, a ideia de simbolização em psicanálise tem a ver com elaboração do trauma.

dramático, mas já ajudaria a todos que acompanhavam o caso a começar a compreender, a metabolizar a situação. No entanto, as respostas a essas questões não vieram rapidamente, o que causou expectativa. O fato do pai e da madrasta serem os principais suspeitos do crime elevou a situação de drama e suspense para a categoria de enigma do tipo: por que os pais matariam a própria filha?

### **5.3 O Veneno e o Antídoto**

Como dissemos anteriormente, a mídia noticiou o fato, poderia não tê-lo feito. Mas ao fazê-lo, ao anunciar os relatos da situação, inoculou uma espécie de veneno, que teria como principal ação retirar camadas de recalque do inconsciente dos sujeitos, que acompanhavam o caso como se fosse um filme dramático, uma novela dramática, ou uma peça teatral dramática, ou seja, como vimos no capítulo anterior, o veneno teve o poder de desconstruir os ajudantes de tradução em torno do Édipo, dos mitos em torno da família, da criança, dos pais, etc, podendo liberar assim, provisoriamente, o sexual infantil, desligando-o das narrativas.

Freud (1942), no texto “Tipos psicopáticos no palco” (1905 ou 1906), afirma, seguindo a corrente aberta por Aristóteles, que a arte dramática ou o drama, encenados em uma peça teatral, por exemplo, tem como objetivo despertar em seu público terror e comiseração (sofrimento solidário), favorecendo assim a uma benéfica purgação dos afetos. O autor compara o “desabafo dos afetos do espectador (p.289)”, que provoca um gozo a partir da apreciação do drama, com o mesmo gozo que o chiste ou o cômico fornece quando um conteúdo inconsciente vem à tona. Por um lado, para Freud (1942), uma descarga ampla de conteúdos represados dá acesso a um alívio no sujeito espectador, por outro lado como subproduto, há um aumento de excitação sexual em decorrência dos afetos que são despertados, quando se participa de tal jogo dramático. No entanto, o caso Isabella não era verdadeiramente um filme, não era realmente uma novela, não era de fato uma peça teatral. Talvez o caso Isabella estivesse muito mais entre um sonho sinistro e a realidade cruel do que próximo a um trabalho ficcional. E como, diante desse caso, sentir alívio e excitação sexual sem se sentir culpado ou mesmo assustado diante dos próprios fantasmas, enigmas e, quem sabe, traumas infantis? Podemos ver, por exemplo, a partir de autores como Endo (2005), que isso é totalmente possível, pois segundo esse autor, o sujeito

diante da violência na televisão estaria numa posição sadomasoquista, como vimos no capítulo II, podendo sentir prazer com o terror. No entanto, o conteúdo dos relatos do caso que chamamos de veneno, ou seja, desse caso em específico, devido a sua qualidade (assassinato de filho ou filicídio), por si só era bastante tóxico, capaz, como dissemos, de destruir ou desconstruir camadas de recalque do inconsciente dos espectadores que acompanhavam o caso, ou melhor, retirar as próprias narrativas recalcentes, os ajudantes de tradução, como vimos com Laplanche (2003). Diante disso, o prazer teve que ser um pouco mais retardado, ou direcionado, mas não só ele, os próprios fantasmas referentes à relação parental (e o aspecto de violência em evidência neste caso) de muitos espectadores que, porventura, libertaram-se, tinham que ser domados novamente, pois, além de impedir o prazer, causavam angústia, diante de um possível ataque pulsional. Assim, embora tenham sido justamente os meios de comunicação que espalharam o veneno, eles também eram a fonte do antídoto para combater esse possível excesso pulsional. Tal antídoto era justamente mais informações, que foram distribuídas diariamente, detalhes do que aconteceu naquela noite, notícias sobre o andamento das investigações, descrição da vida dos personagens envolvidos naquele drama que, por fim, ajudariam as pessoas a traduzirem, a compreenderem, a narrarem, a historizarem a situação, para então metabolizá-la em si mesmas, ligar o sexual infantil novamente e dominar a dor, a angústia, os fantasmas eventualmente liberados pela identificação com os personagens envolvidos na situação.

Apesar de o antídoto poder ser usado dessa forma, num sentido positivo, ele carrega em si mesmo problemas, já que fornece, na maioria das vezes, histórias, narrativas, fechadas, que além de serem viciantes por trazerem o conforto da certeza, interpretam os fatos a partir de uma visão maniqueísta, ou seja, bem e mal, certo e errado, etc, não relativizando a força de sua interpretação.

#### **5.4 Historizar**

Como dito anteriormente, o casal Nardoni não confessou sua suposta responsabilidade no assassinato de Isabella e também não existiam testemunhas oculares que, com seus depoimentos, pudessem fazer com que as investigações se encerrassem mais rapidamente. Desta forma, para que houvesse a possibilidade de fazer uma teoria sobre o crime, de historizar era preciso antes



descobrir o que aconteceu. Quem poderia dizer o que aconteceu? No caso Isabella, a prova pericial era a maior esperança para responder às questões sem resposta. A Ciência, então, teria papel importante para que se pudesse contar o caso Isabella, indo do macro ao micro, da reação química à medida do tempo. A mídia, sabedora disso, buscou ter acesso aos resultados de cada perícia, revelando o que poderia ser concluído a partir de cada laudo. Por exemplo, o sangue encontrado no carro levaria à conclusão, para a polícia, de que as agressões começaram dentro dele. O formato das gotas do sangue de Isabella no chão do apartamento revelava que ele teria sua fonte numa altura superior a 1 metro e 25 cm, enquanto Isabella tinha 1 metro e 15 cm de altura, levando à conclusão de que ela estaria sendo carregada, sangrando, no colo de uma pessoa com a altura compatível a de Alexandre Nardoni. O tipo de fraturas no pulso e na bacia indicavam que Isabella teria sido agredida antes de ser jogada pela janela. Igualmente, marcas no pescoço dela, cor roxa nas extremidades dos dedos e boca e língua projetada levemente para fora forneciam a evidência de que a menina teria sido estrangulada. Fragmentos da rede de proteção da janela na tesoura encontrada na cozinha do apartamento revelava que esse instrumento, juntamente com uma faca, seriam os utensílios utilizados para cortar a tela de proteção. Marcas das sandálias de Alexandre na cama dos filhos e marcas na camiseta dele da rede de proteção indicavam que teria sido Alexandre que, com a filha no colo, teria subido na cama e a jogado pela janela. As ligações realizadas do telefone fixo do apartamento para os pais de Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni, respectivamente, por Anna, e a ausência de ligações para o resgate logo que ela soube que Isabella tinha sido jogada pela janela revelavam<sup>20</sup>, na interpretação da polícia, que o casal estava mais preocupado consigo próprio do que com Isabella e ainda que o casal estava dentro do apartamento no minuto que Isabella foi atirada pela janela. Essa última prova, que muitos avaliaram como sendo a prova cabal<sup>21</sup>, foi obtida a partir de um cruzamento de horários entre as ligações de Anna Jatobá dentro do apartamento para os pais deles e as ligações dos vizinhos para o resgate. Conhecer os resultados desses laudos, compreender as conclusões às quais a investigação chegou com eles, foi, dia após dia, dando a possibilidade de historização pela imprensa, de responder, segundo a versão que chegou à polícia, quem havia assassinado a

---

<sup>20</sup> Ver, por exemplo, Jornal Nacional de 02 de maio de 2008 - <http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/caso-isabella-depoimentos-ajudam-a-montar-perfil-do-casal/822968/>

<sup>21</sup> Ver, por exemplo, revista Veja de 31 de março de 2010.

menina e responder como a haviam assassinado<sup>22</sup>. Havia ainda outra questão: por que teriam matado Isabella?

Para responder a essa questão foi preciso então buscar conhecer a vida que o casal Nardoni levava e qual era a relação dos dois com Isabella e também com a mãe da menina, Ana Carolina de Oliveira. A mídia mais uma vez foi atrás de suas fontes, teve acesso a depoimentos, a boletins de ocorrência, fez entrevistas com vizinhos e familiares do casal Nardoni, com parentes de Ana Carolina de Oliveira e com ela própria, sendo esta entrevista exibida em rede nacional. O que resultou dessa investigação foi a informação de que Anna Carolina Jatobá, a madrasta, tinha muito ciúmes de Ana Carolina de Oliveira e de sua filha, Isabella Nardoni, o que aparentemente causava grande parte das brigas do casal, segundo o que foi noticiado<sup>23</sup>. O ciúme, então, teria sido o causador do desequilíbrio emocional, nas palavras do juiz que julgou o caso, Maurício Fossen, e ainda segundo ele, teria sido a mola propulsora para a prática do homicídio<sup>24</sup>. Com isso, chegou-se então a uma resposta para a terceira das questões, ou seja, por que teriam matado a menina.

Ao final dos dois meses subsequentes ao assassinato, abril e maio de 2008, e depois de uma semana de julgamento, em março de 2010, a polícia, o promotor do caso, o juiz e o júri popular chegaram à seguinte versão conclusiva dos fatos: quem matou Isabella? Alexandre Nardoni, o pai, e Anna Carolina Jatobá, a madrasta. Como? Agressão dentro do carro a Isabella por Anna Jatobá com uma chave ou um anel (corte na testa); no apartamento, Alexandre jogou a filha no chão causando fraturas no pulso, na vulva e na bacia; na sequência Anna Jatobá a asfixiou com as mãos e Alexandre jogou-a pela janela; enquanto Alexandre desceu e foi junto ao corpo da menina gritando que havia ladrão no prédio, Anna Jatobá limpou parte do sangue no chão do apartamento, lavou parcialmente uma fralda e ligou para seu pai e sogro. Por que tudo isso? Desequilíbrio emocional causado por ciúme. A história estava completa.

---

<sup>22</sup> O casal até hoje se diz inocente. Ver, por exemplo: <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1533002-15528,00> - [http://www.istoe.com.br/reportagens/318426\\_CASO+ISABELLA+SURGE+UMA+OUTRA+VERSAO](http://www.istoe.com.br/reportagens/318426_CASO+ISABELLA+SURGE+UMA+OUTRA+VERSAO)

<sup>23</sup> Ver, por exemplo, Jornal Nacional de 02 de maio de 2008 - <http://globo.com/redesociedade/materia/2008/05/02/caso-isabella-depoimentos-ajudam-a-montar-perfil-do-casal/822968/>

<sup>24</sup> Ver, por exemplo, Jornal da Globo de 26 de março de 2010 - <http://globo.com/redesociedade/materia/2010/03/26/caso-isabella-nardoni-2010/2338089/>

## 5.5 (Des) Historizar

Com essas questões respondidas, foi possível então uma tradução da situação, uma melhor compreensão, a partir da historização. No entanto, a mídia tinha que mostrar também os argumentos do casal, que se dizia inocente. Tinha que veicular os argumentos dos advogados de defesa e das famílias do casal Nardoni. Acontece que a simples e justa defesa deles ia contra o processo de organização, ou seja, ia contra a tradução, a narração, a ligação, a historização da situação. Talvez tenha sido por isso que o público ficou ainda mais furioso com o casal, com os advogados e com os familiares deles<sup>25</sup>, pois o discurso em conjunto dos defensores era um anti-discurso, era uma desconstrução de uma narrativa, ia contra a ligação pulsional esperada por quem acompanhava o caso. A polícia afirmava: foram eles. O pai de Isabella afirmava: “Nós não somos os culpados, e ainda encontrarão o culpado”. A madrasta afirmava: “Somos inocentes e a verdade sempre prevalecerá”. A irmã de Alexandre Nardoni dizia: “Não façam mal a um inocente”, referindo-se ao irmão dela<sup>26</sup>. Além de negarem o crime, o casal contou uma história difícil de acreditar, mas não impossível: um ladrão teria arrombado o apartamento da família e jogado Isabella pela janela (segundo o que vizinhos relatam terem ouvido de Alexandre na noite do crime), depois, em depoimento à polícia, afirmou que não havia dito que era ladrão e que não haviam arrombado a porta do seu apartamento, mas continuou afirmando que alguém, um monstro, havia entrado no apartamento e matado a sua filha<sup>27</sup>. Enquanto a polícia e o promotor do caso Francisco Cembranelli diziam que havia provas contra o casal, os advogados deles afirmavam que as provas eram frágeis<sup>28</sup>. Em torno das provas fortes ou frágeis coube ainda polêmica. Por exemplo, o sangue encontrado no carro tinha o perfil genético de Isabella. A polícia dizia que o sangue era de Isabella e por isso afirmava que as agressões começaram no carro, enquanto a defesa dizia que poderia nem ser sangue, mas se o fosse ele poderia ser dos irmãos dela, ou ainda do pai e por isso não havia a possibilidade de afirmar que teriam ocorrido

<sup>25</sup> Ver, por exemplo, Jornal da Globo de 07 de maio de 2008 - <http://www.youtube.com/watch?v=HNYLkF1am7Q>

<sup>26</sup> Trechos das cartas de Alexandre Nardoni, Anna Carolina Jatobá e Cristiane Nardoni, lidas no Jornal Hoje em 03 de abril de 2008: <http://globoTV.globo.com/busca/?q=isabella+nardoni&=buscar>

<sup>27</sup> Ver, por exemplo, Jornal Nacional de 29 de maio de 2008 - <http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/pai-e-madrasta-de-isabella-caem-em-contradicao-durante-depoimento/834108/>

<sup>28</sup> Ver, por exemplo, Jornal Nacional de 06 de maio de 2008 - <http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/promotor-pede-prisao-preventiva-do-pai-e-madrasta-de-isabella/824331/>

agressões dentro do carro. Isabella estava dormindo, segundo a madrasta, enquanto voltavam para o Edifício London. Com relação ao sangue no apartamento, Alexandre e Anna Jatobá confirmaram que existia mesmo, mas negaram que teriam limpado o sangue com uma fralda e, na sequência, lavado-a. Disseram que o fato da fralda ser a única peça lavada no balde, enquanto várias outras estavam sujas no entorno do tanque, foi coincidência. Com relação às pegadas do chinelo de Alexandre na cama dos filhos, ele não nega que eram dele, mas que a interpretação que foi dada pela polícia estava incorreta. A princípio ele afirmou que subiu na cama para fechar a janela, depois de ter deixado Isabella dormindo no quarto ao lado; depois alegou que vendo a tela de proteção cortada subiu na cama para ver o que tinha acontecido. Da mesma forma, Alexandre alegou que as marcas da tela de proteção que ficaram impressas em sua camiseta, não foram feitas por ele ter segurado a filha pelo lado de fora da janela pelos pulsos e sim por ter se aproximado da janela segurando o filho (Pietro) no colo para ver o que havia acontecido. Alexandre negou ainda que jogou a filha no chão dentro do apartamento causando-lhe as fraturas no pulso e na bacia e Anna Carolina Jatobá negou que havia asfixiado Isabella com as mãos. Os advogados do casal afirmaram que essas fraturas foram feitas em decorrência da queda da menina do 6º andar. Especificamente com relação à queda, o advogado Roberto Podval<sup>29</sup>, ao assumir o caso em 2009, alegou que poderia ter ocorrido, na verdade, um acidente doméstico, ou seja, Isabella teria acordado e se assustado por estar sozinha, cortou a tela de proteção e ao procurar o pai, caiu sem querer pela janela. Outro ponto em divergência com a acusação foi com relação ao convívio do casal, entre eles e Isabella e com relação à Ana Carolina de Oliveira. Alegaram que eram uma família comum, que brigavam, mas que apesar disso se amavam e viviam em harmonia, prova disso eram as imagens deles passeando no supermercado de mãos dadas, aparentando tranquilidade. Já com relação a Ana Carolina de Oliveira, segundo o pai de Anna Jatobá, era, na verdade, Ana Carolina de Oliveira quem teria razões para ter ciúme de Anna Jatobá, já que foi essa última que conseguiu se casar com Alexandre, constituir família e montar casa com ele e não a mãe de Isabella<sup>30</sup>. A tática da defesa então foi essa: negação do crime, afirmações opostas da acusação e interpretação das mesmas provas colhidas pela perícia de outra forma, tendo como consequência, a desconstrução da dinâmica do crime, e da formação de uma

---

<sup>29</sup> Ver em Fantástico de 26 de abril de 2009 - <http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/advogado-quer-anular-acusacoes-contramadrasta-de-isabella-nardoni/1014370/>

<sup>30</sup> Ver em Hoje em Dia da Record - <http://www.youtube.com/watch?v=WnxD88n-wFk>

história lógica e coerente sobre os fatos. O que a acusação, a polícia (peritos) e o ministério público tinham como ação era construir uma história verossímil para com a lógica provar a culpa do casal. Já a defesa agiu para desconstruir a história e desmoralizar as provas técnicas<sup>31</sup>, como diziam os advogados de defesa, com o objetivo de plantar a dúvida.

## 5.6 Justiça x Impunidade

Psicanaliticamente, pode-se pensar que a acusação trabalhava para ligar a pulsão, para conter o excesso, o sexual infantil, para diminuir a dor, o medo e a angústia. Perseguiam, como disse o promotor do caso Francisco Cembranelli um ideal de justiça<sup>32</sup>. Desse ponto de vista, o casal e sua defesa, trabalhavam em prol da não ligação, da manutenção do excesso, da dor, do medo e da angústia, o que veio a se traduzir pela ideia geral de injustiça/impunidade. Assim, logo a população começou a sair às ruas, em frente à delegacia, do fórum, da casa dos parentes dos envolvidos, para defenderem o lado que consideravam o bom, o lado certo, foram pedir Justiça, mas também maldisseram, jogaram pedras e deram pontapés no casal Nardoni, em seus familiares e em sua defesa. Queriam uma resposta, um significado para aquele crime, uma narrativa, uma história, como dissemos, queriam historizar, para ligarem seus próprios afetos, mesmo que essa história reconstruída a partir das perícias, das deduções lógicas, dos depoimentos de vizinhos e envolvidos no caso, não contivessem a totalidade sobre o que realmente aconteceu naquele sábado de 29 de março. Para se livrar da angústia, para recalcar novamente o sexual infantil, a população aceitou uma verdade possível e se contentou com isso, logo formando seu juízo de valor, o mesmo que a mídia propagandeou, ou seja, o casal era realmente culpado. Por certo, a defesa tinha razão em dizer que muitas das provas técnicas não eram conclusivas. Por exemplo, não era possível afirmar que o sangue encontrado no carro era de Isabella, como dissemos, o sangue poderia ser dos irmãos ou do pai dela, pois tinham o mesmo perfil genético; ou ainda que a prova não era válida por inconsistência nos horários, como o caso do depoimento dos vizinhos, que disseram ter escutado um casal brigando às 23 horas, sendo que o casal

---

<sup>31</sup> Ver, por exemplo, Fantástico de 06 de abril de 2008 - <http://globo.v.globo.com/busca/?q=isabella+nardonii&=buscar>

<sup>32</sup> Ver Jornal Nacional de 07 de maio de 2008: <http://www.youtube.com/watch?v=Pr2xMOsD624&NR=1&feature=endscreen>

Nardoni só chegou ao prédio às 23h36m. Apesar disso, essas e outras incertezas e inconsistências das provas apresentadas pela polícia sobre o caso não foram suficientes para plantar a dúvida na população e principalmente nos jurados, o que seria, talvez, a única forma de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá não serem condenados, pois a própria história que contavam, na verdade, não explicava o que havia acontecido. Em março de 2010 os jurados preferiram uma história com algumas lacunas, mais verossímil, do que supostamente havia acontecido naquela noite, à história sem sentido contada pelos Nardoni, e condenaram o casal.

### 5.7 Afinal, por quê?

Na Retrospectiva de final de ano da rede Globo de 2008<sup>33</sup>, o caso Isabella foi lembrado como um dos fatos mais marcantes daquele ano e o apresentador disse as seguintes palavras referindo-se ao fato de Isabella ter sido assassinada supostamente pelos pais: “Ficaremos marcados para sempre pela mesma pergunta sem resposta: por que?”. Com essa afirmação e pergunta o apresentador do programa retoma um ponto que na verdade é o essencial da questão e que não foi respondida: por que os pais, ou o pai, mataria a filha? Ou por que o pai deixou que a sua mulher matasse sua filha? Viemos expondo acima que a história que foi sendo construída e organizada pela mídia dava conta de responder as seguintes questões: quem matou, como matou e por que matou a menina. A resposta encontrada pela polícia a essa última pergunta foi, como vimos, o ciúme de Anna Jatobá em relação à Isabella e sua mãe Ana Carolina de Oliveira. No entanto, essa interpretação, essa teoria, mesmo que válida, vem responder somente em parte o assassinato, já que dá conta somente da motivação da madrasta e não do pai, que poderia ter impedido que as agressões chegassem ao ponto que chegaram, ou então, denunciaria a mulher por ter matado a menina sem que ele houvesse participado. Mas, pelo que foi concluído pela polícia e pela justiça, não foi isso que aconteceu. Alexandre, além de não impedir as agressões, colaborou com elas, agredindo a filha e fez tudo que pode para esconder o que tinham feito, tendo como ponto máximo dessa tentativa, jogar a filha pela janela e simular um latrocínio. Assim, apesar da interpretação, da teoria, da história que foi construída, contada e recontada, em torno do

---

<sup>33</sup>

Ver em: <http://globo.com/rede-globo/retrospectiva/v/historias-aterradoras-entre-quatro-paredes/941260/>

ciúme, e aqui podemos compreender o ciúme substituindo a rivalidade dentro do triângulo edípico, ter ajudado as pessoas a aplacarem a própria angústia, medo e dores, de refazer parte dos mitos em torno da família, da criança e dos pais, ela conseguiu responder somente parte da questão. A mídia, assim como a polícia e o ministério público, buscou dar um sentido para o que aconteceu naquela família e naquela noite de 29 de março: informou, especulou, questionou, formou convicção, construiu uma história (como dissemos anteriormente, velhas histórias em torno do Édipo) até o ponto que fosse possível, mas, por fim, parou, respondendo o sem sentido da ação do casal pela resposta parcial, resumida na palavra ciúme, esta sim tão familiar dentro de qualquer lar.

Bohleber (2007) discorrendo sobre o trauma, se refere ao Holocausto e faz a seguinte pergunta:

Qual a forma apropriada de descrever a experiência coletiva e autêntica de um trauma, sem que o horror dessa experiência e o seu fator chocante, brutal e sem sentido sejam submetidos a categorias históricas atribuidoras de sentido, nas quais a característica traumática do evento viesse a desaparecer? (Bohleber, 2007, p.170).

Para responder a questão, o autor sugere que se recorra à recordação individual das testemunhas, justamente para que a experiência traumática não seja substituída por um ordenamento histórico. Na narrativa da situação traumática do assassinato de Isabella pela mídia, como vimos, foi justamente a tentativa dessa substituição do fator chocante, brutal e sem sentido que foi sistematicamente almejada, ou seja, o sem sentido foi substituído pela explicação mais simples, organizadora e conhecida: o ciúme. A característica traumática do evento, ao ser narrada pela mídia, supomos, deve desaparecer, justamente pelo sentido atribuído ao evento e pelo retorno dos ajudantes de tradução, como vimos anteriormente. Embora seja essa sua função, levar organização aonde não existe, para que a situação possa ser contada, a própria mídia reconhece que quando o assunto é o trauma, as respostas não vêm facilmente, como revelou o apresentador na Retrospectiva de 2008: “Ficaremos marcados para sempre pela mesma pergunta sem resposta: por que?”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almejamos nesta pesquisa investigar como ocorreu a exposição pela mídia de um caso de violência que ganhou grande repercussão nacional, ficando conhecido como o caso Isabella. Da mesma forma, buscamos também compreender por que tal exposição midiática atraiu um público tão amplo, que se comoveu, que se indignou e que acompanhou a narrativa do caso até o julgamento do casal acusado pela morte da menina em março de 2010.

Antes de chegarmos ao relato do caso em si, capítulo III, e a sua análise nos capítulos IV e V, discutimos, no capítulo I, as peculiaridades da violência urbana na causação de traumas psíquicos e apresentamos resumidamente pontos da Teoria da Sedução Generalizada, iniciada por Laplanche, relacionando-a com o trauma. Ao final deste capítulo chegamos à compreensão de que a partir de uma situação traumática real poderia ocorrer à reativação de uma situação traumática anterior, que seria capaz de provocar um trauma interno de forma autotraumática (teoria do trauma em dois tempos), e que esse primeiro trauma poderia ter sua origem na Situação Antropológica Fundamental. Além disso, procuramos compreender no capítulo II por que, afinal, tantos espectadores, de maneira geral, interessam-se pela violência veiculada pela mídia, seja a partir da TV, revistas ou livros. Partimos da compreensão de autores como Arbex Jr. (2001) e Magalhães (2009), que trazem em suas análises, principalmente, a espetacularização como causa de tamanho interesse pela violência na mídia e chegamos a autores como Endo (2005), que vê o interesse do espectador pela violência, como um posicionamento essencialmente sadomasoquista por parte desse espectador. A partir dessas análises, buscamos acrescentar neste capítulo que essa suposta posição sadomasoquista, diante da violência na TV, poderia também estar relacionada à realização de fantasias originárias como a cena primitiva, a fantasia de castração e a de sedução, dentro da Situação Antropológica Fundamental. Além disso, também acrescentamos nesse capítulo, o interesse do espectador pela violência na mídia, em uma posição ativa, na busca de controle dos excessos da violência externa e também da violência interna, ou seja, do excesso pulsional.

Nas análises, capítulos IV e V, chegamos à suposição de que o assassinato de Isabella, um caso de filicídio, além do gozo e de seu recalçamento, gerou mensagens enigmáticas com capacidade para desconstruir momentaneamente as traduções já feitas, com auxílio dos ajudantes



de tradução mito-simbólicos em torno da criança e da família, o que seria muito ameaçador, isto é, ameaçaria com um excesso certos espectadores; este último seria causado pela iminência de um desligamento do sexual infantil das tradicionais narrativas edípicas. A falta de sentido experienciada frente à ação do casal Nardoni contra Isabella teria, pois, conduzido alguns dos espectadores às proximidades do terreno do trauma, mas a mídia, através da narrativa que foi construindo pouco a pouco, buscou dar um sentido para o caso, o ciúme, por exemplo, historizando e reforçando, como dissemos, modelos de compreensão já consagrados, como família (pai, mãe, filha, madrasta), crime, vingança, justiça/impunidade, bem e mal, religião, etc., afastando, de modo geral, a possibilidade de trauma.

Chegada a hora de tecermos considerações finais, além do que buscamos considerar anteriormente, é preciso dizer que o discurso ou narrativa midiática sobre a violência têm, supomos, assim como o sonho para Ferenczi, a função de elaborar traumas e/ou ameaças de traumas diários dos espectadores, sendo que só depois que esses traumas diários são elaborados é que surge a função desejo, ou melhor, a função de realizar imaginariamente desejos para os espectadores, que poderiam assim, ter um gozo, mesmo com os conteúdos de violência veiculados.

No entanto, a narrativa midiática sobre a violência, além da função historizante, organizadora e propiciadora de gozo, como vimos, é como um todo, a exemplo do caso Isabella, uma estratégia de sedução dos espectadores, como indica Andrade (2013)<sup>34</sup>, pois a mídia ao tratar da violência em sua programação veicularia mensagens sexuais — sobretudo a violência<sup>35</sup> — para os espectadores, reativando seus possíveis fantasmas, como indica Laplanche (2003), destraduzindo traduções já alcançadas, com o auxílio de ajudantes de tradução — ou ameaçando fazê-lo —, conduzindo ou ameaçando conduzir o espectador, momentaneamente, ao terreno do trauma, como dissemos, mas também provocando nele uma sedução.

A sedução da mídia, como na TSG, é em parte consciente e premeditada, pois ela busca

---

<sup>34</sup> Professor Dr. Fernando César Bezerra de Andrade, a partir de orientações na qualificação desta pesquisa.

<sup>35</sup> Marta (M.) - O Sr. acha que a psicanálise pode contribuir para uma reflexão sobre a violência – fenômeno que vem ganhando cada vez mais importância atualmente?  
Laplanche (L.) - Claro, penso que ela tem uma contribuição importante a dar: não deixar esquecer que a violência é sempre sexual. Para mim este é o ponto principal: os aspectos da violência que aparentemente são dessexualizados, têm sempre um fundamento sexual – tanto na violência individual quanto na coletiva, as guerras, os massacres, etc. (Entrevista de Marta Rezende Cardoso com Jean Laplanche, in *Limites*, 2004).

agradar, entreter, cativar e às vezes até cuidar do espectador, que é, por fim, o consumidor efetivo ou em potencial, público alvo de qualquer meio de comunicação. Mas, mesmo assim é em grande medida inconsciente. Como a sedução (generalizada) do adulto em relação à criança, tal como é pintada pela TSG, em que o primeiro não sabe (não sabe que sabe) que envia mensagens sexuais à segunda, provocando, mesmo, reações inesperadas, como a própria sexualidade infantil<sup>36</sup>, também a sedução pela mídia, a partir do seu discurso e narrativa, não parece ser exatamente consciente, pois as mensagens que produz veiculam, quase todo o tempo, o sexual, mesmo que isso ocorra através de temas que parecem, para os espectadores, não portar um tal conteúdo, como a violência, por exemplo (ver Gutiérrez-Terrazas, 2004 e Laplanche, 2004).

Os espectadores também manifestam reações “inesperadas”, como, por exemplo, gostar (gozar) da violência, e assim elevar a audiência, por ela também remeter ao sexual, no caso a um sexual polimórfico-perverso. Trata-se, aí, seguramente, de uma resposta sexual a uma mensagem sexual. Porém, ocasionalmente os espectadores também demonstram outras reações, no mínimo, “impróprias”, como a atuação dessa sexualidade/violência, tal como se viu na reação popular agressiva e violenta contra os Nardoni, seus familiares e seus advogados.

Por fim, é interessante notar que a mídia de modo geral, mas principalmente a televisiva pela grande audiência que tem e por alcançar de maneira instantânea grande parte da população, tem buscado ocupar um papel de promotora de justiça, através de um jornalismo dito investigativo ou de programas que tem como foco fazer denuncia de irregularidades nas esferas do público e do privado, almejando restituir assim a lei, a lei, como dissemos de um pai falido, quando ocorre um crime. No entanto, como vimos anteriormente, somente a justiça na figura, por exemplo, do juiz, dos jurados, da sentença, pode restaurar, de forma mais consistente, a ordem simbólica, substituir esse pai que falhou, sendo então o terceiro elemento interditor. No entanto, a realidade mostra que a justiça não chega a todos e não se faz para todos os crimes praticados pelos homens, ou ainda, ela tem seu próprio ritmo de tempo para se concretizar na realidade. Nessa lacuna, entre a queda e a possível restituição da lei, entra então a mídia, ora se mostrando como a única solução para que as autoridades se sintam pressionadas a darem uma resposta mais rápida para os casos, ora se antecipando a própria justiça e decretando sua própria visão do que é justo ou injusto, do que é certo ou errado, na maioria das vezes, interpretando de forma rígida as

---

<sup>36</sup> Que, espantosamente, é negada até hoje de modo geral.

situações, funcionando, portanto, mais como vingança do que como justiça, pois geralmente não há espaço para o contraditório, para a defesa, para outras interpretações, outras versões, principalmente daqueles que estão sendo acusados. Para os espectadores, pode não restar alternativa, pois, muitas vezes, é melhor uma interpretação dos fatos do que nenhuma, ainda mais se essa interpretação concorrer para a realização de desejos sexuais/agressivos dos espectadores, fato que, coincidentemente, na maioria das vezes, acontece.

**REFERÊNCIAS**

- Andrade, F. C. B. (2011). A metapsicologia do masoquismo em Freud e Laplanche. *Revista Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte - MG, n.36, 55-68. Recuperado em 26 de junho de 2013, em <http://www.cbp.org.br/metapsicologiamasoquismo.pdf>
- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Arantes, L. (2012). *Edifício London*. Ribeirão Preto: Editora Coruja.
- Arbex, J., Jr. (2001). *Showrnalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela.
- Bohleber, W. (2007). Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1 (41), 154-175. Recuperado em 18 de junho, 2013, de [pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486...script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486...script=sci_arttext)
- Cardoso, M. R. (2004). *Limites*. São Paulo: Escuta.
- Carvalho, M.T.M. (2012). Sofrimento psíquico, acontecimento traumático e angústia pulsional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.17, n.3, p.487-497.
- Casagrande, M. C.; Peruzzolo, A. C. (2012). O fenômeno da violência e sua relação com meios de comunicação, comunicação humana e Estado. *Revista do laboratório de estudos da violência da UNESP*, Marília - São Paulo, edição 10, dezembro de 2012.
- Casoy, I. (2010). *A prova é a testemunha*. São Paulo: Larousse.
- Costa e Silva, J. A., & Lemgruber, V. (1994). Violência urbana e o conceito de transtorno de estresse pós-traumático. *Revista Informação Psiquiátrica*, Rio de Janeiro, 13(2), 44-47.
- Diefenthaler, E. C. (2003). Violência e trauma psíquico como situação de risco em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, 37(2/3), 929-942.
- Endo, P. (2005). O consumo de imagens violentas: pacto e alienação. *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 17(1), 77-94.
- Época (2008). São Paulo: *Editora Globo*, edição nº516, 7 de abril.

- Ferenczi, S. (1933). Confusão de língua entre os adultos e a criança. A linguagem da ternura e da paixão. In. *Obras completas de Sándor Ferenczi*. (Vol. IV). (Trad. A. Cabral). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Freud, S. (1974). O mal-estar na civilização. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XXI). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930 [1929]).
- Freud, S. (1976). Além do princípio do prazer. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XVIII). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (1976). O ‘estranho’. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XVII). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S. (1976). História de uma neurose infantil. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XVII). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1918).
- Freud, S. (1974). O inconsciente. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XIV). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915a).
- Freud, S. (1974). Reflexões para os tempos de guerra e morte. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XIV). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915b).
- Freud, S. (1976). Sobre as teorias sexuais das crianças. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. IX). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1908).
- Freud, S. (1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. VII). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1989). Tipos psicopáticos no palco. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. VII). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1942 [1905 ou 1906]).
- Freud, S. (1987). A interpretação dos sonhos. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. IV e V). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900).
- Gomes, R. C. (2006). Espetacularização midiática da crueldade e a ordem da representação: o filme *Contra todos*. *Revista Alceu*, v.06, nº12, p. 27-38, jan./jun. 2006. Recuperado em 20 de

novembro de 2013 em: [http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n12\\_Cordeiro%20Gomes.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n12_Cordeiro%20Gomes.pdf)

- Green, A. (1994). *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gutiérrez-Terrazas, J. (2004). A violência e sua relação com a psicosexualidade: um esclarecimento psicanalítico, in M. R. Cardoso (Org.). *Limites* (pp. 115-128). São Paulo: Escuta. (Conferência pronunciada no Instituto de Psicologia da UFRJ em 2002).
- Laplanche, J. (1988). *Teoria da Sedução Generalizada e Outros Ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1997). *Freud e a Sexualidade: o desvio biologizante de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1992). *La prioridad del otro em psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- Laplanche, J. (1999b). *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu. 2001
- Laplanche, J. (1999c). Curto tratado do inconsciente. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 32 (58/59), 307-337.
- Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, 10(3), 403-418.
- Laplanche, J. (2007). *Excertos de uma entrevista com Jean Laplanche*. Traduzido por Luís Maia. *Estud. Psicanal.*[online], (30), pp. 9-15. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010034372007000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372007000100002&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0100-3437.
- Laplanche, J.; Pontalis, J-B. (1990). *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Laplanche, J.; Pontalis, J-B. (1982/1999a). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990 (2012). Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social. Estatuto da Criança e do Adolescente e Legislação Complementar para Proteção Integral de Crianças e Adolescentes. Curitiba: SEDS.

Lowenkron, A. M. (2003). Psicanálise, violência individual, violência social. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, 37(2/3), 737-757.

Magalhães, N. (2009). Significado de violência em abordagens da mensagem televisiva. *Revista Sociologias*, Porto Alegre – RS, ano 11, nº21, jan./jun. 2009, p. 318-343.

Mello Neto, G. A. R. (2012). Trauma atual e teoria da sedução generalizada. Projeto de Pesquisa, *Universidade Estadual de Maringá*, Maringá, PR, Brasil.

Mezan, R. (2006). Pesquisa em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39(70), 227-241.

Rossi, C. (2003). Psicanálise e Mídia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, 37(2/3), 815-840.

Sófocles (2005). *Édipo Rei*. Versão para eBook, eBookbrasil.com. Tradução: J.B. de Mello Souza.

VEJA (2008). São Paulo: *Editora Abril*, edição nº2055, ano 41, nº14, 9 de abril.

VEJA (2008). São Paulo: *Editora Abril*, edição nº2057, ano 41, nº16, 23 de abril.

VEJA (2008). São Paulo: *Editora Abril*, edição nº2088, ano 41, nº47, 26 de novembro.

VEJA (2010). São Paulo: *Editora Abril*, edição nº2158, ano 43, nº13, 31 de março.

## ANEXOS

### Endereços da Internet sobre o Caso Isabella Nardoni por Ordem Cronológica

**Ano: 2008**

#### **Primeiro momento...**

<http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/caso-isabella-nardoni-2011/2338040/> **(Fantástico de 30/03/2008)** Reportagem de Mariana Araújo com as primeiras notícias sobre a investigação da morte de Isabella Nardoni, incluindo uma animação simulando a tragédia.

#### **Primeira semana: de 31 de março a 06 de abril de 2008**

<http://globo.com/rede-globo/bom-dia-sao-paulo/v/misterio-na-morte-de-menina-de-cinco-anos/809630/> **(Bom dia São Paulo de 31/03/2008)** Isabella de Oliveira Nardoni morreu na noite de sábado. Ela foi atirada pela janela do sexto andar do prédio onde o pai mora. Exames toxicológicos, de corpo delito e DNA ajudarão na investigação.

<http://www.youtube.com/watch?v=J8lwGqNvt9U> **(Youtube - Em cima da hora Globo News de 02/04/2008)** Ana Carolina de Oliveira presta depoimento para a polícia.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/pai-e-mad战略-de-isabella-devem-se-entregar-hoje/811192/> **(Jornal Hoje de 03/04/2008)** A prisão temporária do casal foi decretada ontem. Advogados divulgaram uma carta escrita pelo pai da menina, Alexandre Nardoni, e outra escrita pela madrasta, Anna Carolina Peixoto Jatobá.

<http://globo.com/globo-news/em-cima-da-hora/v/pai-e-mad战略-de-isabella-se-entregam/811278/> **(Em cima da hora de 03/04/2008)** Alexandre Nardoni e Anna Carolina estão sendo levados para a delegacia do Carandiru. Eles tiveram a prisão temporária decretada ontem e são suspeitos pela morte de Isabella, de 5 anos.

<http://www.youtube.com/watch?v=6dBpoIYDFe8> **(Youtube - Jornal Nacional – Missa de 7 dias de 04/04/2008)** mais de 800 pessoas participaram da missa.



<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/pai-de-yves-ota-apoia-mae-de-isabella-nardoni/812093/> (**Jornal Nacional de 05/04/2008**) O comerciante Masataka Ota, que teve o filho sequestrado e morto há 11 anos, prestou solidariedade a Ana Carolina Oliveira. ONGs ajudam pais que perderam filhos de maneira violenta.

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/promotor-e-advogado-do-pai-e-da-madrasta-de-isabella-falam-ao-fantastico/812363/> (**Fantástico de 06/04/2008**) O promotor Francisco Cembranelli é cauteloso ao falar sobre as investigações. O advogado de Alexandre Nardoni conta que pretende entrar com um pedido de habeas corpus.

### **Segunda semana: de 07 a 13 de abril de 2008**

<http://globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/isabella-foi-espancada-e-sufocada-antes-de-morrer/812877/> (**Jornal da Globo de 07/04/2008**) Peritos que investigam o assassinato de Isabella Nardoni em São Paulo, concluíram que a menina sofreu ferimentos antes de ser jogada. Ela também apresentava sinais de asfixia pelo assassino.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/cameras-de-supermercado-flagram-ultimas-horas-de-isabella/813327/> (**Jornal Nacional de 08/04/2008**) A polícia vai analisar as imagens da câmera de segurança de um supermercado que flagraram Isabella, seu pai, a madrasta e seus filhos pouco antes do assassinato da menina.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/pericia-busca-provas-sobre-a-morte-de-isabella/813743/> (**Jornal Nacional de 09/04/2008**) A polícia voltou a buscar provas da autoria da morte de Isabella Nardoni. A polícia decidiu ouvir mais 19 depoimentos sobre o caso, mas não há previsão para a conclusão das investigações. O pai de Alexandre Nardoni fala sobre a inocência do filho e da nora.

<http://globo.com/rede-globo/sptv-1a-edicao/v/pai-e-madrasta-de-isabela-ja-estao-na-casa-de-parentes/814618/> (**SPTV 2ª Edição de 11/04/2008**) Eles saíram do Instituto Médico-Legal (IML), onde passaram por exames de corpo de delito, direto para a casa do pai de Alexandre, o advogado tributarista Antonio Nardoni.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/policia-ouve-depoimentos-de-vizinhos-no-caso-isabella/814960/> (**Jornal Nacional de 12/04/2008**) A polícia ouviu depoimentos que

considera importantes para esclarecer o que aconteceu no apartamento momentos antes da queda de Isabella Nardoni. Alguns vizinhos do casal prestaram depoimento.

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/os-pontos-mais-importantes-do-caso-isabella/815214/> (**Fantástico de 13/04/2008**) O resultado das investigações sobre a morte de Isabella são aguardados pela polícia. Conheça os pontos mais importantes levantados durante a semana pelos investigadores.

### **Terceira semana: de 14 a 20 de abril de 2008**

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/os-depoimentos-do-pai-e-da-madrasta-de-isabella/815629/> (**Jornal Nacional de 14/04/2008**) O Jornal Nacional teve acesso exclusivo aos depoimentos de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá à polícia.

<http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/caso-isabella-nardoni-2008/2338076/> (**Jornal Nacional de 15/04/2008**) Entrevista exclusiva de César Tralli com testemunhas-chave da investigação da morte de Isabella Nardoni.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/pai-e-madrasta-de-isabella-nardoni-vaoprestar-novos-depoimentos/816558/> (**Jornal Nacional de 16/04/2008**) Os novos depoimentos vão acontecer na próxima sexta-feira. Hoje uma corretora de imóveis foi ouvida. Os novos depoimentos serviriam para comprovar a vulnerabilidade do prédio.

<http://www.youtube.com/watch?v=VT1dsRkrSsk> (**Youtube - Jornal do SBT em 17/04/2008**) dia antes do depoimento na polícia. Advogados colocam sob suspeita a segurança do prédio. Pai de Alexandre Nardoni diz que se o filho fosse o culpado já teria assinado a confissão).

<http://globo.com/globocom/g1/v/policia-conclui-que-casal-esta-diretamente-envolvido-na-morte-de-isabella/817592/> (**G1 Globo de 18/04/2008**) As provas recolhidas pela perícia no prédio dos Nardoni foram fundamentais para o indiciamento do pai de Isabella por homicídio.

<http://www.youtube.com/watch?v=-xHUc7jUwmU> (**Jornal Nacional de 18/04/2008**) Casal tem dificuldade em sair de casa para o novo depoimento em 2 minutos e 12 segundos).

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/laudos-detalham-morte-de-isabella-nardoni/817873/> (**Jornal Nacional de 19/04/2008**) Os laudos das investigações permitiram à

polícia montar uma sequência dos fatos do dia em que Isabella morreu. O advogado de defesa do pai e da madrasta da menina não considera o laudo como prova.

<http://www.youtube.com/watch?v=xkoBICjLX6w> (**Youtube - Fantástico em 20/04/2008**)

Simulação do crime: mostra as principais provas recolhidas pela perícia. Relatam a relação do casal: discussões, ciúmes de Ana Carolina Jatobá, casal em conflito, com muitas brigas. A defesa alega que é fácil entrar no prédio e prometem divulgar um vídeo).

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/pai-e-madrasta-de-isabella-dao-entrevista-exclusiva/818164/> (**Fantástico de 20/04/2008**) Entrevista com o casal: Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá dizem que está muito difícil viver com a acusação de terem matado a menina Isabella. Eles juram inocência e dizem que suas vidas nunca mais serão as mesmas.

#### **Quarta semana: de 21 a 27 de abril de 2008**

<http://www.youtube.com/watch?v=xIYPUGR5tSQ> (**SPTV 2º Edição de 21/04/2008**) A polícia indiciou o casal, mas o inquérito ainda vai para o ministério público e depois para o Juiz.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/policia-cancela-divulgacao-dos-laudos-do-impl/818784/> (**Jornal Nacional de 22/04/2008**) O laudo da perícia foi anexado ao inquérito que investiga a morte de Isabella Nardoni, mas sua divulgação foi cancelada. O pedreiro ouvido hoje pela polícia negou ter informações sobre o crime.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/policia-ouve-mais-testemunhas-do-caso-isabella-nardoni/819236/> (**Jornal Nacional de 23/04/2008**) Polícia colheu seis depoimentos sobre a morte de Isabella nas últimas 24 horas. Entre eles, o de duas testemunhas que tiveram a identidade em sigilo. O pai e a irmã de Alexandre também foram ouvidos.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/pai-de-alexandre-nardoni-esteve-no-edificio-london-apos-a-morte-de-isabella/819557/> (**Jornal Hoje de 24/04/2008**) O livro de registro do prédio confirma a entrada de Antonio Nardoni no local. Em depoimento, ele negou ter destruído provas do crime. O advogado criminal Serguei Cobra Arbex fala sobre o caso.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/conheca-detalhes-do-segundo-depoimento-do-pai-e-da-madrasta-de-isabella/820333/> (**Jornal Nacional de 25/04/2008**) Nas

transcrições dos depoimentos do casal, há detalhes da investigação que a polícia manteve em sigilo até hoje. E que surpreenderam Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá na delegacia.

<http://globo.com/globo-news/em-cima-da-hora/v/lula-afirma-que-casal-nardoni-estando-pre-julgado/820512/> (**Em Cima da Hora de 26/04/2008**) Presidente considera que há pirotecnia em torno das investigações sobre o caso Isabella Nardoni. No edifício London, curiosos começam a chegar para a reconstituição da morte da menina.

<http://www.youtube.com/watch?v=5B0Z11oiWg0> (**Globo News de 26/04/2008**) Promotor fala porque Isabella foi jogada do quarto dos meninos e não do próprio quarto.

<http://www.youtube.com/watch?v=F-zZRtNhHIQ> (**SPTV de 27/04/2008**) Chamada ao vivo diretamente do Edifício London, no dia da reconstituição do crime – 1ª parte.

<http://www.youtube.com/watch?v=8ALZrJTXZoI> (**SPTV de 27/04/2008**) Chamada ao vivo diretamente do Edifício London, no dia da reconstituição do crime – 2ª Parte.

<http://www.youtube.com/watch?v=Ju3QHqnt2aA> (**Globo News de 27/04/2008**) Cenas da reconstituição. Lançamento da boneca pela janela.

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/para-pericia- apenas-os-nardoni-estiveram-na-cena-do-crime/820847/> (**Fantástico de 27/04/2008**) Em nenhum momento, durante as inspeções, os peritos encontraram marcas de alguém que fosse estranho à família. De acordo com a perícia, todos os vestígios da cena do crime pertenciam aos Nardoni.

<http://www.youtube.com/watch?v=EcU0srhETNA> (**Youtube - Fantástico em 27/04/2008**) – Reconstituição do caso com César Trali: com documentos inéditos e laudos técnicos)

#### **Quinta semana: de 28 de abril a 04 de maio de 2008**

<http://globo.com/rede-globo/jornal- hoje/v/veja-o-resultado-dos-laudos-periciais-sobre-a-morte-de-isabella-nardoni/821051/> (**Jornal Hoje de 28/04/2008**) Os laudos do Instituto de Criminalística vão servir de base para o pedido de prisão preventiva do pai e da madrasta de Isabella. As pegadas encontradas no quarto são de Alexandre Nardoni.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/policia-utiliza-pericia-incorretamente-no-caso-isabella/821703/> (**Jornal Nacional de 29/04/2008**) Parte do trabalho da perícia foi interpretado incorretamente pela polícia, que investiga a morte de Isabella Nardoni. Segundo especialistas, não é possível afirmar que havia sangue da menina do carro.

<http://globo.com/globocom/g1/v/mae-de-isabella-participa-de-missa/821936/> (**G1 de 30/04/2008**) A missa foi organizada pelos administradores do cemitério Parque dos Pinheiros, no Jaçanã. Entre os 200 convidados, crianças e jovens moradores do bairro, amigos e parentes de Isabella.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/caso-isabella-veja-o-conteudo-do-relatorio-do-inquerito-policial/822523/> (**Jornal Nacional de 01/05/2008**) A polícia se baseou em laudos da perícia em depoimentos e em deduções para escrever o relatório final do inquérito sobre a morte de Isabella Nardoni. A delegada afirma que o casal mentiu.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/caso-isabella-depoimentos-ajudam-a-montar-perfil-do-casal/822968/> (**Jornal Nacional de 02/05/2008**) O relato de testemunhas foi o que orientou a polícia a descrever o perfil psicológico de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Os pais de Anna contaram que o casal brigava por ciúmes.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/inquerito-do-caso-isabella-apresenta-varias-contradicoes/823190/> (**Jornal Nacional de 03/05/2008**) Barulhos de festa, horários desencontrados, relatos que ficaram de fora do relatório da Polícia. Ainda há muitos pontos a serem esclarecidos sobre a noite da morte da menina Isabella Nardoni.

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/teste-avancado-de-dna-pode-resolver-o-caso-isabella-nardoni/823504/> (**Fantástico de 04/05/2008**) Um exame simples pode indicar se é da menina o sangue no carro da família. Essa dúvida ainda não foi esclarecida pelos peritos de São Paulo. O resultado pode mudar a história do assassinato.

#### **Sexta semana: de 05 a 11 de maio de 2008**

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/mp-vai-denunciar-alexandre-nardoni-e-anna-carolina-jatoba/823929/> (**Jornal Nacional de 05/05/2008**) O Ministério Público vai

denunciar Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá pela morte de Isabella. Hoje, representantes do Conselho Tutelar avaliaram a situação dos dois filhos do casal.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/promotor-pede-prisao-preventiva-do-pai-e-madrasta-de-isabella/824331/> (**Jornal Nacional de 06/05/2008**) O promotor Francisco Cembranelli foi categórico ao afirmar que Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá mataram a menina. Eles foram denunciados por homicídio triplamente qualificado.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/processo-contra-nardoni-e-jatoba-e-aberto-e-eles-sao-reus/824792/> (**Jornal Nacional de 07/05/2008**) Os policiais do Grupo de Operações Especiais que vão levar o casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá à delegacia, inspecionam o esquema montado pela Polícia Militar para a passagem do comboio.

<http://www.youtube.com/watch?v=Pr2xMOsD624&NR=1&feature=endscreen> (**Youtube - Jornal Nacional de 07/05/2008**) O juiz aceita os argumentos da promotoria e manda prender o casal que agora se tornam réus do processo: o juiz considerou provas técnicas e verificou que ficou comprovada a individualização do crime, ou seja, o que cada um fez. O promotor pede o apoio da população para alcançar um ideal de justiça).

<http://www.youtube.com/watch?v=HNYLkF1am7Q> (**Youtube - Jornal da Globo de 07/05/2008**) – Prisão do casal Nardoni: 40 viaturas em frente ao apartamento dos pais de Alexandre Nardoni, onde eles estavam no momento da prisão).

<http://www.youtube.com/watch?v=OAd705dr0eQ> (**Youtube - Jornal da Record de 07/05/2008**) Filmagem na delegacia Alexandre diz que acha que da para sair dessa. O casal é depreciado pelo âncora do jornal.

<http://globo.com/rede-globo/sptv-2a-edicao/v/madrasta-de-isabella-e-transferida/825180/> (**SPTV 2ª Edição de 08/05/2008**) Anna Carolina Jatobá foi transferida para a penitenciária feminina do estado em uma ação rápida do Grupo de Operações Especiais. O carro onde ela estava foi escoltado durante todo o trajeto de 20 km.

<http://globo.com/rede-globo/sptv-2a-edicao/v/alexandre-nardoni-deve-ser-transferido/825674/> (**SPTV 2ª Edição de 09/05/2008**) O pedido de transferência foi feito depois

que os presos fizeram um protesto. Eles escreveram no pátio da delegacia que não querem a presença de Alexandre. Ele está preso no 13º Distrito Policial.

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/veja-entrevista-exclusiva-com-mae-de-isabella-nardoni/826324/> (**Fantástico de 11/05/2008 – Entrevista completa**) Ana Carolina revelou que a hora mais difícil é o momento de voltar para casa do trabalho. As vezes, ela ainda tem a sensação de que Isabella vai voltar. Ana contou como foi o dia do assassinato.

<http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/caso-isabella-nardoni-2008/2338077/> (**Fantástico de 11/05/2008 – parte da entrevista 5:05 minutos**) Entrevista exclusiva de Patrícia Poeta com Ana Carolina Oliveira, mãe de Isabella Nardoni.

#### **Sétima semana: de 12 a 18 de maio de 2008**

<http://globo.com/rede-globo/bom-dia-brasil/v/mae-de-isabella-nardoni-fala-sobre-a-morte-da-menina/826427/> (**Bom dia Brasil de 12/05/2008 – entrevista editada 15:38 minutos**) Em sua primeira entrevista para a televisão, Ana Carolina de Oliveira falou sobre os últimos momentos de vida de Isabella. Ela acredita que a justiça foi feita com a prisão do casal.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/mae-de-isabella-diz-que-justica-comeca-a-ser-feita/826747/> (**Jornal Nacional de 12/05/2008**) A justiça deve anunciar amanhã a decisão sobre o pedido de habeas corpus de Alexandre Nardoni e Anna Jatobá. O pai de Isabella está em cela individual na delegacia e a madrasta está isolada em prisão.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/justica-nega-habeas-corpus-de-pai-e-madrasta-de-isabella/827228/> (**Jornal Nacional de 13/05/2008**) Os dois acusados de matar Isabella Nardoni vão continuar presos, porque o pedido de habeas corpus de seus advogados foi negado. O pai da menina foi transferido para presídio em Guarulhos nesta tarde.

<http://globo.com/rede-globo/sptv-2a-edicao/v/pai-de-isabella-se-surpreende-com-decisao-da-justica/827697/> (**SPTV 2ª Edição de 14/05/2008**) De acordo com os defensores, Alexandre ficou surpreso ao saber que o desembargador Caio Canguçu de Almeida não revogou na terça-feira (13), a prisão dele e de sua mulher, Anna Carolina Jatobá.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/defesa-utilizara-todos-os-recursos-para-inocentar-pai-e-madrasta-de-isabella/827729/> (**Jornal Nacional de 14/05/2008**) O andamento do caso Isabella na Justiça foi acelerado por causa de sua grande repercussão. Mas a conclusão sobre o crime pode demorar por que a defesa do casal Nardoni deve recorrer de todos os jeitos.

<http://www.youtube.com/watch?v=uvQcqaEiEDQ> (**Youtube - Hoje em Dia (Record) em 14/05/2008 (provavelmente)**) – Entrevista com o pai de Ana Carolina Jatobá, senhor Alexandre Jatobá).

[http://globo.com/busca/?q=isabella+nardoni#/busca?q=isabella+nardoni&dt=&d=&o=&c=&p=&page=4&\\_suid=136888549820905543976585605821](http://globo.com/busca/?q=isabella+nardoni#/busca?q=isabella+nardoni&dt=&d=&o=&c=&p=&page=4&_suid=136888549820905543976585605821) (**SPTV 1ª Edição de 16/05/2008**)

Os advogados de defesa do casal Nardoni entram hoje com um novo pedido de habeas corpus. Desta vez, o pedido de liberdade está sendo protocolado no STJ, em Brasília.

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/alexandre-nardoni-recebe-visita-do-pai/829152/> (**Jornal Nacional de 17/05/2008**) Alexandre Nardoni foi transferido durante a madrugada para a Penitenciária Doutor José Augusto César Salgado em Tremembé, no interior de São Paulo. Ele conversou com os pais durante uma hora.

#### **De 29/05/2008 a 26/05/2008**

<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/pai-e-madrasta-de-isabella-caem-em-contradicao-durante-depoimento/834108/> (**Jornal Nacional de 29/05/2008**) Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá disseram ao juiz que chegaram juntos ao local da queda de Isabella. Mas um vizinho viu o pai aparecer sozinho. O promotor do caso afirmou que o casal mentiu.

<http://globo.com/globo-news/jornal-das-dez/v/testemunhas-de-acusacao-prestam-depoimento-sobre-o-caso-isabella/842858/> (**Jornal das Dez – Globo News de 17/06/2008**) A justiça de São Paulo ouviu durante todo o dia oito testemunhas de acusação sobre a morte de Isabella Nardoni. Uma delas disse que a madrasta disputava com a menina a atenção do pai por ciúmes.

<http://globo.com/rede-globo/sptv-1a-edicao/v/testemunha-revela-a-justica-conversa-com-irmao-de-isabella/843636/> (**SPTV 1ª Edição de 19/06/2008**) Alexandre Nardoni e Anna Carolina



Jatobá acompanharam ontem, no Fórum de Santana, o depoimento das testemunhas do Caso Isabella. Uma delas revelou uma conversa com irmão da menina.

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/video-reconstitui-a-morte-de-isabella-nardoni/858124/> (**Fantástico de 20/07/2008**) Uma animação feita por uma empresa especializada mostra a versão da Polícia Civil para a morte da menina. Os policiais acusam Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá como os autores do crime.

<http://globo.com/rede-globo/retrospectiva/v/historias-aterradoras-entre-quatro-paredes/941260/> (**Retrospectiva Globo de 26/12/2008**) O assassinato das meninas Isabella Nardoni e Raquel Maria e o sequestro e morte da jovem Eloá Pimentel chocaram o país. Na Áustria, um pai monstruoso trancou a filha no porão de casa por 24 anos.

#### **Ano: 2009**

<http://www.youtube.com/watch?v=a0AKJxrYJ5M> (**Globo News Em cima da hora de 23/04/2009**) Resumo do caso. Julgamento se o caso vai ou não para o júri popular, por desembargadores.

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/advogado-quer-anular-acusacoes-contramadrasta-de-isabella-nardoni/1014370/> (**Fantástico de 26/04/2009**) O novo advogado de defesa de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, acusados de matar a menina Isabella, há pouco mais de um ano, pede a anulação de todas as acusações contra Jatobá.

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/conheca-o-apartamento-do-casal-nardoni/1131764/> (**Fantástico de 27/09/2009**) Um ano e seis meses depois da morte de Isabella Nardoni, conheça o apartamento do casal que a matou. Polícia e MP não têm dúvidas de que ela foi assassinada pelo pai e pela madrasta.

#### **Ano: 2010**

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/revelados-os-detalhes-do-julgamento-do-caso-isabella-nardoni/1229037/> (**Fantástico de 14/03/2010**) O julgamento de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, que acontece em 22/03, pode durar quatro dias. Um dos pontos mais importantes são os depoimentos de 23 pessoas, incluindo a mãe de Isabella.

<http://www.youtube.com/watch?v=cyFXnz-4g9s> (**Domingo Espetacular (Record) de 14/03/2010**) – Reportagem mostrando os argumentos dos dois lados. Fala do promotor e fala do advogado de defesa).

<http://globo.com/rede-globo/sptv-2a-edicao/v/tribunal-de-justica-de-sao-paulo-nega-suspensao-do-julgamento-nardoni/1230489/> (**SPTV 2ª Edição de 16/03/2010**) Conheça as estratégias de defesa e acusação do casal Nardoni para convencer os jurados. O julgamento será na próxima segunda (22), às 13h.

<http://globo.com/rede-globo/sptv-2a-edicao/v/julgamento-dos-acusados-de-matar-a-menina-isabella-nardoni-tera-acesso-restrito/1231901/> (**SPTV 2ª Edição de 18/03/2010**) A história trágica provocou a comoção nacional e mobilizou a polícia científica do país. E agora, perto de um desfecho, o fato já despertou grande interesse no meio jurídico.

<http://globo.com/rede-globo/sptv-2a-edicao/v/saiba-como-vive-o-casal-nardoni-na-prisao/1233343/> (**SPTV 2ª Edição de 20/03/2010**) O pai e a madrasta de Isabella Nardoni estão presos em Tremembé. Para especialistas, o julgamento que começa na segunda-feira (22) é o mais esperado nos últimos 100 anos.

<http://globo.com/rede-globo/sptv-1a-edicao/v/relembre-o-caso-isabella-nardoni/1234158/> (**SPTV 1ª Edição de 22/03/2010**) O caso mobilizou a polícia e a população, dois anos atrás. O pai e a madrasta da menina são acusados de jogar Isabella da janela do prédio onde moravam. Veja as versões da promotoria e da defesa.

<http://www.youtube.com/watch?v=Vd9EGuvFLn4> (**Youtube - Datena – Primeiro dia do Julgamento, 22/03/2010**) 3 mil pessoas se inscreveram para ser jurado. 40 foram sorteados. 15 foram selecionados e 7 tornaram-se jurados. “Será que o pai e a madrasta seriam capazes de jogar uma menina de apenas 5 anos pela janela?” Datena diz: “Nós ficamos horas e horas, dias e dias comentando esse caso, esse caso tomou conta do Brasil. Parece que as pessoas adotaram essa criança como uma netinha, como uma filhinha. Essa menina foi adotada. Eu e o Marcio Campos (repórter) principalmente, ficamos horas e horas mergulhados nisso...”

<http://www.youtube.com/watch?v=jDykohRGAIU> (**Youtube - Jornal da Record – Primeiro dia do julgamento, 22/03/2010**) Ao vivo do fórum de São Paulo: um entrevistado disse que ela foi

jogada viva pela janela e que ela teria sofrido bastante antes disso. Depois mostram uma reportagem sobre Ana Carolina de Oliveira e Alexandre Nardoni, namoraram, não moram juntos...etc. Ana Carolina de Oliveira pede justiça, diz a repórter. A mãe de Isabella fala no final da entrevista concedida para Record: “Filha linda: mamãe estará aqui sempre lutando por justiça e com fé, que você esteja bem onde estiver, protegida e amparada. Continuarei aqui todos os sonhos que tínhamos juntas. Te amarei para sempre. Você será sempre minha estrelinha.”)

<http://www.youtube.com/watch?v=B5NxYdQKHUU> (**Youtube - Jornal Nacional – Segundo dia do julgamento, 23/03/2010**) Reportagem ao vivo direto do fórum. Resumo dos dois primeiros dias do julgamento).

<http://globo.com/rede-globo/bom-dia-brasil/v/advogado-criminalista-fala-sobre-o-caso-isabella-nardoni/1234709/> (**Bom dia Brasil de 23/03/2010**) Roberto Delmanto Jr. conta quais são as diferenças dos julgamentos no Brasil e nos Estados Unidos. Ele relata quais são os possíveis próximos passos do caso.

<http://www.youtube.com/watch?v=DLbpezctw9c> (**Youtube - Bom dia Brasil (Globo) – Terceiro dia do julgamento, 24/03/2010**).

<http://globo.com/rede-globo/bom-dia-brasil/v/jurista-fala-sobre-o-desenrolar-do-caso-isabella-nardoni/1235370/> (**Bom dia Brasil de 24/03/2010**) Jurista Luiz Flávio Gomes fala da importância da perícia e do depoimento das testemunhas para a elucidação do caso Isabella. O julgamento é considerado um marco para a perícia criminal no país.

<http://www.youtube.com/watch?v=ItLKFCZFfk8> (**Youtube - Bom dia Brasil (Globo) – Quarto dia do julgamento, 25/03/2010**) O advogado de defesa foi agredido na frente do fórum no dia anterior. Dia do interrogatório do fórum. Várias pessoas dormiram na frente do fórum).

<http://www.youtube.com/watch?v=exUZHZePASg> (**Youtube - Programa Toda Sexta (Band) com Adriane Galisteu em 26/03/2010**) Programa todo (1h44m) com o assunto Isabella Nardoni ao vivo, com repórter na frente do fórum esperando resultado do julgamento e vários convidados, promotor, repórter (Marcelo Rezende), advogado, pais de outras crianças assassinadas).

<http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/caso-isabella-nardoni-2010/2338089/> (**Jornal da Globo de 26/03/2010**) Plantão do Jornal da Globo notícia a condenação de Anna Jatobá e Alexandre Nardoni pela morte de Isabella Nardoni, 23/03/2010.

<http://globo.com/globo-news/jornal-das-dez/v/alexandre-nardoni-e-anna-carolina-jatoba-sao-considerados-culpados-pela-morte-de-isabella/1237374/> (**Jornal das Dez Globo News de 26/03/2010**) Após cinco dias de julgamento no Fórum de Santana, o casal Nardoni vai ter que pagar pela morte da menina Isabella Nardoni. O caso levou a comoção de milhares de brasileiros.

<http://globo.com/globo-news/jornal-das-dez/v/confira-o-passo-a-passo-dos-cinco-dias-do-julgamento-do-casal-nardoni/1237401/> (**Jornal das Dez de 26/03/2010**) Depois do depoimento, Ana Carolina de Oliveira ficou isolada no fórum à disposição da Justiça. Anna Carolina Jatobá afirmou que todas as acusações contra ela eram falsas.

<http://globo.com/rede-globo/sptv-1a-edicao/v/especialista-comenta-julgamento-do-casal-nardoni/1237505/> (**SPTV 1º Edição de 27/03/2010**) O advogado criminalista, Roberto Delmanto Júnior, e o repórter César Tralli, que esteve na sala do júri e acompanhou os cinco dias de trabalho, comentam a condenação do casal Nardoni.

<http://www.youtube.com/watch?v=07Dv214U4sE> (**Hoje em Dia (Record) de 27/03/2010**) – Psicólogo de Ana Carolina fala ao vivo no programa depois do julgamento).

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/julgamento-do-casal-nardoni-teve-lances-dramaticos/1238222/> (**Fantástico de 28/03/2010**) Depois da sentença, o promotor Francisco Cembranelli e o advogado de defesa dos Nardoni, Roberto Podoval, dão sua visão do que aconteceu nos cinco dias de julgamento e da condenação dos réus.

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/mae-de-isabella-nardoni-relata-bastidores-do-julgamento/1238210/> (**Fantástico de 28/03/2010**) Ana Carolina de Oliveira afirma que a condenação dos assassinos da filha foi o fim de um ciclo. Ela diz que é triste demais saber que não terá Isabella de volta e que gosta de sonhar com a menina.

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/pericia-foi-fundamental-para-a-condenacao-do-casal-nardoni/1238220/> (**Fantástico de 28/03/2010**) Como foi o trabalho dos peritos até concluir

quem matou a menina Isabella. Escritora revela o que observou no comportamento de Alexandre Nardoni e Anna Jatobá durante os cinco dias de julgamento.

[http://www.youtube.com/watch?v=XySY\\_2x5Tc8](http://www.youtube.com/watch?v=XySY_2x5Tc8) (**Youtube - Fantástico de 28/03/2010**) Depois do julgamento – entrevista de Gloria Peres com Patrícia Poeta).

<http://globo.com/rede-globo/bom-dia-brasil/v/alexandre-garcia-fala-sobre-a-condenacao-do-casal-nardoni/1238353/> (**Bom dia Brasil de 29/03/2010**) O crime cometido pelo casal Nardoni é um caso típico de crime com todos os ingredientes para levar à pena máxima. A comoção provocada pela morte de Isabella foi um marco na história jurídica do Brasil.

[http://www.youtube.com/watch?v=rs3cGaG\\_KME](http://www.youtube.com/watch?v=rs3cGaG_KME) (**Youtube - Datena em 29/03/2010 – Datena entrevista Promotor Cembranelli**) O repórter Marcio Campos diz que houve uma sensação de alívio nas pessoas que estavam fora do fórum com o resultado do julgamento; “o povo lavou a alma”.

**Ano: 2011**

<http://www.youtube.com/watch?v=ww4QztNwE5A> (**Youtube - De frente com Gabi em 14/02/2011 – Entrevista com o promotor Francisco Cembranelli**).

**Ano: 2012**

<http://www.youtube.com/watch?v=8SuQPvOG5Lc> (**Youtube - Domingo Espetacular (Record) de 11/03/2012 – 4 anos da morte da Isabella**).

<http://www.youtube.com/watch?v=HyKqFWvCU7I> (**Youtube - Série: Instinto Assassino – Discovery Channel (43minutos40segundos) – Agosto de 2012**).

**Ano: 2013**

<http://www.youtube.com/watch?v=Yc5pXdLAbko> (**Youtube - Jornal da Record de 13/03/2013 – 5 anos da morte de Isabella**) – Repórter entra no apartamento de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá que está à venda, desde a condenação do casal em 2010. O apartamento não foi vendido ainda e está sendo oferecido por 100 mil a menos do que o valor do mercado. Entrevista com a mãe e avó de Isabella Nardoni.

<http://globo.com/globo-news/globo-news-em-pauta/v/proibida-por-decisao-judicial-producao-de-edificio-london-vai-recorrer/2440722/> (**Globo News Em Pauta de 04/03/2013**) Na última sexta-feira (1), o Em Pauta falou sobre a peça Edifício London, que é baseada no caso do assassinato da menina Isabella Nardoni. Mas uma decisão judicial, a pedido da mãe, proibiu a estreia.

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/08/laudo-dos-eua-diz-que-marcas-em-isabella-nardoni-nao-sao-de-maos.html> (**G1 em 08/08/2013**) Laudo produzido nos Estados Unidos afirma que marcas encontradas no pescoço de Isabella não foram produzidas por mãos.